

AUREA GERVASIO

**MEMÓRIAS ESPIRITUAIS
DE UM GATO**



2a. edição

MEMÓRIAS ESPIRITUAIS DE UM GATO

Aurea Gervasio

“Os seres humanos têm o dom de tornar longo e complicado o caminho da felicidade, mesmo quando ele poderia ser curto e óbvio. Os animais fazem tudo de forma simples. Se amam, demonstram de forma explícita. Se não amam, não fazem a menor questão de disfarçar. Também sabem como ir direto a seus objetivos, sem criarem barreiras emocionais que só dificultam as coisas. Quando se sabe que a vida é bem curta, faz-se o que se pode para viver intensamente cada minuto. Com os gatos é assim que funciona”. (pág. 110)

DEDICATÓRIA

E ste livro é dedicado a todos os animais que passaram pela minha vida e me ensinaram que há algo além da matéria que os unem a nós.

Dedico às primeiras cachorras que tive na vida: Lili e Prosinha, ambas pequinesas. Lili era filha de Prosinha e ficou cega. Era um ano mais velha que eu, e passamos a infância juntas, até que, aos sete anos, ela morreu. Prosinha teve câncer e sua morte triste não merece ser lembrada; apenas o amor que senti por ela. Minha relação muito próxima com Lili me ensinou a amar os animais com a mesma intensidade dos humanos, e trago isso por toda a vida.

Dedico à Bolinha, Danda e Benedita, as três cachorras que tive depois daquelas e que me acompanharam da infância à fase adulta. Três companheiras muito amadas que deixaram saudade. Bolinha me ensinou que cães têm espírito como nós, ao me atrair para perto de si na hora de sua morte, quando então pôde se despedir e ir embora.

Dedico à Bianca, uma vira-lata preta que me deu uma das maiores lições de vida que já tive. Eu a doei, para resolver problemas de briga com outra cachorra, e a perdi para sempre. Levarei esta culpa dentro de mim enquanto viver, e quero aproveitar agora para pedir perdão a ela, onde quer que esteja. Eu sempre te amarei, Bianca!

Dedico aos meus cães Carol, Benji, Luke e Tiffany. Os três primeiros morreram e voltaram. Estão comigo novamente. Iguais ao que eram antes. Tiffany, a pit bull ainda é a mesma, e sua história inspirou uma parte do livro. Acreditem: todas as suas proezas, representadas pela Bela da história, por mais insanas que sejam, são verdadeiras!

Dedico às cachorras Laisa, Alegria e Kelly. Apesar da distância que nos separou por algum tempo, trago comigo o amor que sempre senti por elas. Laisa e Alegria já não estão mais aqui, mas Kelly ainda vive. E mesmo longe, acredito que pode sentir meu afeto.

Dedico à cachorra Princesa, cuja história é contada em um trecho do livro. Seu olhar brilhante e afetuoso ainda permanece em minha memória, e sua participação em minha vida, embora tenha sido por um breve período, marcou-me de forma profunda e inesquecível.

Dedico à Fada, que inspirou a história de Tigresa, e a seus filhos Ninfa (que desencarnou enquanto eu escrevia este livro) e Orfeu.

Dedico à minha gata Flora, grande amor da minha vida, minha companheira de travesseiro.

Dedico às minhas codornas, ratas e peixes, todos que me ensinaram que é possível amar qualquer ser, independentemente do tamanho.

Por fim, dedico à Tilley, minha gata siamesa que morreu e voltou como um macho de pêlo azul, para me ensinar a reconhecer o amor verdadeiro sem as cortinas da matéria, inspirando este livro.

Obrigada, Tilley!

PREFÁCIO

Quando resolvi escrever este livro, a ideia era apresentar um gato que contava sua própria história e através dele demonstrar que os animais possuem ideias e sentimentos.

Entretanto, logo no início da narrativa, senti vontade de relatar experiências com outros animais que passaram pela minha vida e que me marcaram de alguma forma, seja por serem apenas especiais, seja porque sofreram algum tipo de violência que deve servir de exemplo para que outras pessoas ajam com maior sensibilidade diante de situações semelhantes.

A cachorra Bela é minha Pit Bull Tiffany, e com exceção das falas que aparecem na história (não sou tão maluca assim!), o restante é absolutamente verídico. Apenas tive que selecionar algumas peripécias que ela cometeu, pois se tivesse que contar todas, teria que mudar o título do livro, pois a quantidade de páginas a transformaria na protagonista da história.

Também a história de Tigresa foi inspirada em uma gata que tive há alguns anos atrás, e que foi morar em meu escritório. Parece inacreditável que um ser humano tenha sido capaz de tamanha barbárie, mas ela de fato foi ferida da forma como relato no livro e morreu pouco tempo depois.

Também são verídicas as histórias da cachorrinha preta que foi morta a pauladas, como também da cachorra Princesa, cujo olhar permanece vivo em minha memória, roubando-me muitas vezes algumas lágrimas que insistem em orvalhar minhas lembranças.

Sempre acreditei que é possível contribuir para melhorar o mundo através da comunicação. Não tenho a pretensão de tornar melhores as pessoas más que são capazes de fazer crueldades tão absurdas com os animais, pois creio que essas nem perderiam o tempo em abrir este livro e, se o fizessem, achariam toda a história uma grande tolice.

Entretanto, acredito que os seres humanos maldosos são pequenas exceções em nossa sociedade. Nós fomos feitos para sermos guardiões de nossos animais, e nossa missão consiste em protegê-los e respeitá-los.

Não escrevi, ao longo deste livro, uma única linha com palavras soltas ou que não tenham saído do fundo de minha alma. Também procurei não estender a história, pois queria ter a maior objetividade possível para exteriorizar aquilo em que realmente acredito: os animais têm sentimentos, eles têm espíritos e eles reencarnam.

Já falei sobre isso em meu primeiro livro – Anjos de Luz – e repito aqui que o tempo de vida espiritual dos animais dura geralmente sete dias, e após este período eles retornam à vida física.

Com um tempo de vida material muito maior que o espiritual, não é justo que os animais sofram tanto em consequência da maldade humana. Nós sabemos que, por mais dolorosas sejam nossas dores, nossa vida mundana é breve se comparada à existência espiritual, à qual está ligado nosso destino. Os animais, no entanto, precisam mais do que nós de uma existência física digna e desprovida de sofrimentos injustos, pois o destino deles é viverem aqui, dando-nos lições de amor e lealdade e auxiliando-nos em nosso progresso espiritual.

Se com este livro, eu conseguir tocar profundamente o coração de pelo menos dez pessoas, poderei concluir que valeu a pena escrevê-lo, pois contando comigo seremos onze a acreditar e propagar que a vida espiritual não é privilégio dos homens, e que os animais pouco tempo depois de deixarem as vestes físicas logo retornam, e depende apenas de nós reencontrá-los para lhes dar uma nova oportunidade de compartilharem de nossas vidas. Qual o segredo para isso? Apenas o magnetismo do amor.

CAPÍTULO I

O início de uma nova vida

Muito se contam histórias de cachorros aloprados, simpáticos e brincalhões e pouco se fala a respeito de seres muito mais inteligentes e espertos. Meu nome é Jack. Estou agora sentado ao lado de um velho jornalista, já cansado de redigir crônicas policiais, e que está tentando se inspirar em algo que realmente lhe dê motivação para escrever.

O cinzeiro está transbordando de bitucas de cigarro, enquanto a garrafa de conhaque, já vazia, lhe serve de brinquedo de vai e vem sob os pés. A inspiração, no entanto, tem-lhe sido tão rara quanto a luz neste apartamento sombrio.

Sou um gato siamês conhecido como Blue Point, por ter pêlo azul (assim se chama a cor dos gatos de pêlo cinza), postura de príncipe e olhos da cor do céu de primavera. Estou há horas sentado na ponta da escrivaninha, olhando calmamente para esse desesperado escritor sem inspiração, enquanto aguardo que ele consiga finalmente limpar a mente de pensamentos soltos e se concentrar no trabalho, quando então poderá captar as ondas de energia que estou lhe dirigindo. Ele não está me vendo, não, mas acabou de pegar uma folha de papel. Ufa! Até que enfim. Agora vou deixar por conta dele. Não feche este livro pensando na idiotice que é um gato invisível transmitir mensagens telepáticas, ou psicografadas, ou o nome que quiser dar, a um ser humano. Espere para ver. Não sou um gato comum. E como um ser extraordinário, posso me dar ao luxo de fazer coisas que outros bichos não podem.

Agora vou deixar por conta dele:

Minha história começa na jaula de um *pet shop* daqueles imensos, que ficam na beira de uma avenida, onde as pessoas usam animais como produto de comércio. Somos vendidos como se vende uma televisão: pela

qualidade, beleza e praticidade. Pêlos curtos ou longos, porte pequeno ou grande, todas as características são selecionadas de acordo com o gosto do freguês. Nossa vontade e nossos sentimentos são importantes apenas quando fazemos carinho de coitado e o cliente fica com dó e compra, deixando o dono da loja feliz com o lucro obtido.

Na minha jaulinha éramos seis gatos, todos siameses e desmamados. Eu era o menorzinho. Nasci por último e por causa de minha desfavorável condição física, meus irmãozinhos, trocando a lei do amor pela Lei de Darwin, me davam uma surra por dia, numa singela atitude de impulsionamento ao processo de seleção natural.

Meu narizinho estava todo arranhado, e em minhas costas dava para contar cada ossinho que parecia que a qualquer momento ia saltar pela pele.

Ao lado esquerdo de nossa jaulinha tinha um filhotinho de pug muito lindo. Ele ficou apenas dois dias ali e conseguiu ser vendido para um casal que tinha voltado recentemente de lua de mel.

Ao lado direito havia um filhote de maltês e dois de shih tzu. Eles dormiam o tempo todo, e quando acordavam, olhavam para a gente com olhinhos tristes e voltavam a dormir. É muito cruel separar um bebê tão pequeno da mãe e trancá-lo em uma jaula vazia, sem brinquedo, nem conforto, nem carinho. Uns têm a sorte de serem vendidos, mas os menos afortunados passam toda a sua infância na jaulinha, até atingirem um tamanho que já não dá mais para vender, e então retornam aos canis, onde são usados para procriar, passando o resto de suas vidas presos em pequenos espaços, sem direito à liberdade. O crime que cometeram foi não terem conseguido um dono nos pet shops e a pena de prisão é perpétua, com direito apenas a água, ração, uma folha de jornal e umas cruzadinhas de vez em quando, para fazer novos cachorrinhos e dar continuidade a este ciclo cruel de vida. É claro que naquela época eu não tinha consciência disso, muito menos os coitadinhos que dormiam ao meu lado. Eles achavam que logo o homem iria tirá-los dali e levá-los para a mamãe deles. Mas a realidade não era essa e, vendo meus vizinhos de gaiola, passei a vida tendo muito mais pena deles do que dos cães que vivem livres nas ruas, de forma independente, ao invés de ficarem confinados em pequenos espaços, com direito apenas a comer, cruzar e procriar.

Após uma semana naquele suplício quente como as labaredas do inferno, sendo observado o tempo todo pelos curiosos que passavam pelo local sem o menor interesse em comprar, mas apenas em ficar olhando,

acordei um dia de manhã e vi que uma senhora muito simpática tinha acabado de entrar na loja e a filhinha dela veio direto nos gatinhos. Dois irmãozinhos meus começaram a fazer graça com ela. Outros três dormiam e eu fiquei sentadinho, no fundo, olhando com a esperança de ser o escolhido.

- Quero esse, mamãe! – que frase mais generosa. A menininha ficou com dó de mim e me escolheu. Nem acredito!

- Esse não, minha filha. – a desgraçada acabara de cortar meu barato. – Esse gatinho está doente. Vamos gastar dinheiro à toa e ele vai acabar morrendo.

- Que saco! – pensei eu. - Quem essa gorda pensa que é? Só porque está exibindo um espetáculo de banhas saltitantes, acha que eu vou morrer de desnutrição?

- Mas eu quero ele, mamãe – que menininha mais gentil.

- Olha esse aqui, que lindo! – exclamou a gorda (que a essa hora já não tinha mais nada de simpática no meu conceito). Naquele momento, ela pegou meu irmãozinho que puxava a orelha do outro irmão, e colocou no colo da filha. – Veja como ele é mais bonitinho.

- Tá bom, mamãe. Quero esse então.

Seres humanos não têm personalidade autêntica como os gatos. Imagina se fosse comigo. Eu querendo um pedaço de peixe fresco, e minha mãe insistindo para eu comer bife. É claro que quando ela terminasse suas frases de persuasão, eu já estaria lambendo as patinhas com o peixe dentro da barriga.

Mas aquela menina me levou sorte. No final do dia, um magrelo de calça jeans e camiseta listrada apareceu na frente de minha jaula, e começou a olhar de forma interessada para nós.

- Vamos começar a brincar – propuseram meus irmãos. – Um de nós já se deu bem hoje; agora é a nossa vez!

Eu preferi continuar com minha estratégia dramática, pois feio e desnutrido como estava, se ficasse brincando, só daria mais brilho à beleza dos meus irmãos.

- Aquele gatinho ali do fundo está doente? – perguntou o magrelo ao atendente.

- Não, é que ele é o menorzinho da ninhada. Então os outros batem nele e não o deixam comer.

- Se me der um desconto, vou levá-lo.

Que deprimente! Não tem coisa pior para a auto-estima de um bicho do que ser comprado com desconto, por ser mais feio que os irmãos. Mas não tem problema. O importante é que dez minutos depois, o magrelo já tinha pago a conta e estava na frente da jaula esperando para me pegar.

Naquele momento, bateu uma sensação de alegria misturada com imensa tristeza. Ao mesmo tempo em que eu sabia que teria meu futuro garantido, já que quem compra um bicho dificilmente irá deixá-lo à míngua (a lembrança do preço pago acompanha o dono durante todo o ciclo de vida do bicho), por outro lado meu coração doía de tristeza em pensar que jamais veria meus irmãos novamente.

- Boa sorte! – miavam todos, enquanto eu olhava tristemente para eles, me despedindo.

- Vou torcer para que todos vocês consigam bons donos – foi a última frase que eu gritei, enquanto o magrelo se dirigia à porta de saída, comigo no colo.

A viagem de carro até a casa dele foi muito estressante. Fiquei morrendo de medo enquanto olhava pela janela e via as casas e árvores passando por nós em alta velocidade. Ou éramos nós que passávamos por elas? Bem, isso não importa. O importante é que ele ficou furioso comigo, pois finquei as unhas no estofado do carro e puxei vários fios. Como estava demorando para chegar, me deu uma vontade incontável de fazer xixi. Olhei de um lado, olhei de outro, e não vi nenhum jornal. Então fiz ali mesmo, em cima do banco. Naquele momento, percebi o olhar de fúria dele, e notei que quase deu meia volta no carro e retornou à loja para me devolver.

- Gato sem vergonha! – ele gritou. Por que fez xixi no meu banco?

A resposta era óbvia, então optei por ficar calado. Não demorou muito para que chegássemos na casa dele. Na frente havia um jardim repleto de plantas, todas entrelaçadas e sem poda, dando ao lugar uma aparência de reserva florestal.

Ele parou o carro e disse para eu ir conhecer o local. Eu era pequeno demais para tentar fugir, e ele sabia disso. Não que faltasse vontade. Olhei para o muro, para o telhado da casa, mas logo tomei consciência de que aquele não era o momento.

Antonio era o nome dele. Solteiro, estava se sentindo sozinho após o término de um relacionamento e a morte de seu cachorro. Resolveu comprar um gato, após pesquisar um pouco sobre nossa natureza e

descobrir que somos bastante independentes e podemos nos virar muito bem sozinhos quando nosso companheiro humano viaja. Não temos dono, pois nossa liberdade é algo de que não abrimos mão jamais. Temos uma relação de parceria, do tipo ganha-ganha, equilibrada e sem demonstração de poder por nenhuma das partes. Ele me dá comida e carinho e eu retribuo com meu jeito felino de acariciar.

Ao abrir a porta, ele ficou esperando que eu entrasse correndo para dentro como um cão feliz. Logo percebeu que gatos não são assim. Eu quis entrar, sim, mas lentamente, no meu ritmo, passo a passo. Embora eu tenha levado apenas alguns instantes naquele trajeto, para ele pareceu uma eternidade.

- Você é bem devagar, hein gatinho? – reclamou. – Esta é sua nova casa. Pode olhar tudo, para conhecer o lugar onde passará sua vida. Agora precisamos escolher um nome para você.

Sentando-se no sofá, Antonio começou a dizer vários nomes imbecis:

- Joaquim. Não, Joaquim é nome de gente. Bichano. Não, isso não é nome. Fred! Fred é legal.

Naquele momento, indignado com o nome escolhido, escondi-me atrás da televisão e prometi para mim mesmo que só sairia dali quando ele conseguisse pensar em um nome que me agradasse.

- Acho que você não tem cara de Fred...

- Ufa, que alívio! – pensei.

Coincidência ou não, enquanto ele pensava em vários nomes estúpidos, percebi que embaixo do rack havia dois olhinhos brilhando. Era um camundongo.

Foi a primeira vez em que me deparei com um rato. Minha primeira reação foi de indiferença, mas meu instinto falou mais forte que a preguiça e logo comecei a estender minhas garras por debaixo do móvel, insistentemente, até que o infeliz saiu dali correndo e eu, mais ligeiro que ele, consegui pegá-lo.

Deixarei de relatar a sessão de tortura que se seguiu até o momento em que ele morreu e eu perdi o interesse pelo brinquedo.

Antonio assistiu a tudo aquilo com um misto de indignação pela minha crueldade e ao tempo alívio por ter se livrado de um animalzinho tão indesejado em sua casa.

- Acabei de decidir! – sentenciou ele. Seu nome será Jack! Jack, o Estripador.

Não sei o que significou aquilo, mas gostei do nome. Então me rocei nas pernas dele, demonstrando contentamento com minha nova identidade.

Meu novo lar tinha um cômodo imenso depois da sala, com várias prateleiras repletas de livros e outros mais espalhados pela mesa. No canto havia um vaso de planta, feito de barro e cordas, que muito me atraiu.

- Aquele vaso será meu brinquedo preferido – foi minha premonição imediata, diante da necessidade latente que os gatos têm de afiar suas unhas em tudo o que é áspero.

Mas por enquanto eu ainda era filhote e meus instintos de fazer coisas que todo gato faz estavam apenas na fase do conhecimento.

- Venha conhecer meu quarto, Jack! – chamou o cara, que a partir de agora designarei pelo nome de “pai”, apenas por consideração por tudo o que ele fez por mim durante o período em que passamos juntos.

Então meu pai me pegou no colo e levou-me para ver seu quarto. Havia apenas uma cama, uma cômoda e um guarda roupas. A janela era coberta por uma cortina cor de creme, um tanto encardida. Após me colocar sobre a cama macia (algo que eu não conhecia até então), ele começou a se despir e foi tomar banho. Ali vivi minha primeira aventura. Olhei para baixo e medi a distância que havia entre minha cama e o chão. Senti que dava para encarar e então pulei. Por ser meu primeiro pulo, até que fui bem. Estava com vontade de fazer minhas necessidades e aproveitei aquele momento para estrear um tapete que havia no outro quarto. Ele era muito bonito, todo florido e me deu a maior inspiração. Depois disso fui conhecer resto da casa, enquanto meu pai terminava seu banho.

- Que cheiro forte! Você nem esperou eu arrumar a liteira, moleque. Onde você fez... – a voz dele de repente ficou embargada. Percebi que havia feito algo mais grave que simplesmente xixi e cocô em cima de um tapete. – Gato malvado! – gritou ele. – Justo aqui? Esse é o quarto de mamãe. Você poderia ter feito suas necessidades onde quisesse, mas não em cima do tapete persa de minha mãe! Quando ela vier me visitar, vai virar uma fera!

Depois daquele dia, esforcei-me bastante para me lembrar que o lugar de fazer as necessidades é na bandejinha com areia higiênica. Modéstia à parte sou um gato inteligente, e após três dias de muitas brigas eu já conseguia usar com exclusividade meu banheiro, abandonando definitivamente o uso dos tapetes da casa.

Minha primeira noite na casa nova foi engraçada. Não sei porque, mas os seres humanos acham que animais gostam de dormir no chão. Se inventaram as camas, é porque é bom para dormir, e isso se estende aos bichos também.

Meu pai, já de pijama, estendeu uma manta no chão, ao lado da cama dele, e me colocou para dormir ali. Apagou a luz e deitou-se debaixo das cobertas. Olhei para cima e decidi que não iria dormir no chão. Pulei em cima dele e pus-me a ronronar, acariciando seu corpo sob a coberta com delicadas fincadas de unha: patinha direita, patinha esquerda, direita, esquerda...

Coitado, parecia que ele nunca tinha convivido com um gato. Acendeu apressadamente a luz do abajur e pegou-me no colo, tentando identificar meu ronronado.

- O que você tem, gatinho? – perguntou, enquanto me abraçava.

Ocorre que, quanto mais ele me acariciava, mais alto ficava meu ronrom. Eu não conseguia controlar aquilo. Então ele relaxou e deixou que eu dormisse ao lado dele na cama. De ali em diante, nunca mais dormi em outro lugar.

O tempo foi passando e fui crescendo, até o dia em que vi o Frajola, meu vizinho, passar no muro e me chamar para passear com ele.

- Venha, Jack, é só subir ali no portão e dar um impulso. Você consegue!

Tentei uma vez, mas bati as patinhas na metade do muro e caí no chão. Ele riu de mim, o que me encorajou a tentar de novo e mostrar que eu conseguia. Na segunda tentativa, já me vi caminhando sobre o muro, atrás dele.

- Para onde está indo? – perguntei.

- Para aquele telhado ali na frente. Está um sol gostoso. Quero dormir lá.

Enquanto o acompanhava, pude experimentar pela primeira vez a sensação de liberdade, de podermos ir para onde quisermos e a cada dia explorarmos novos territórios.

Chegando ao telhado, deitamo-nos ao lado de uma gata gordinha, toda rajada, que também estava aproveitando o sol para relaxar e dormir.

- Quem é ele? – perguntou a Frajola.

- Meu amigo Jack. Jack, esta é a Tigresa.

- Muito prazer, Tigresa – cumprimentei-a timidamente.

- Seja bem vindo ao nosso território! – exclamou a gatinha, enquanto lambia uma das patas.

Enquanto estávamos ali em cima, vi que se aproximava uma Pit Bull enorme, que correu desesperadamente pelo quintal da casa dela e passou a latir e pular em direção a nosso telhado.

Frajola e Tigresa começaram a rir enquanto comentavam:

- Jack, aquela é Bela, a cachorra mais medrosa da vizinhança! Ela fica igual boba tentando nos pegar no telhado. Coitada! É só escutar um barulhinho, que já sai correndo. Quer ver?

Frajola então saiu dali e atravessou o muro que cercava o quintal da cachorra, enquanto ela desesperadamente tentava pegá-lo.

Em outro telhado, ele começou a andar sobre telhas de zinco, que começaram a fazer barulho, fazendo com que Bela desviasse a atenção de Frajola e começasse a pular em direção a uma janela, chorando ofegante.

- O que há com ela? – perguntei curioso.

- Essa cachorra é maluca! – murmurou Tigresa, enquanto se levantava para ir embora do telhado, deixando-me sozinho sem entender nada.

- Como uma cachorra tão forte poderia ter medo de um barulhinho de nada? – pensei, enquanto voltava para minha casa. - Coitada! Não deveriam rir dela...

Passei por ela no muro, mas nem me viu mais; já estava entrando na casa pela janela de um dos quartos, que estava aberta.

Ao chegar próximo à minha casa, vi que estava sentada no muro uma menininha de vestido rosa e cabelos longos:

- Oi, Jack! – cumprimentou ela.

- Quem é você? Como sabe meu nome? – perguntei espantado, pois nunca a tinha visto e não imaginava como ela conseguiu subir ali.

- Sou a Mariana. Por que ficou assustado? Olha, seu pelo ficou todo arrepiado... – sorriu ela, enquanto apontava para meu rabo ouriçado.

- Como veio parar aqui? Você é pequenininha e não poderia ter conseguido...

- Sou um espírito, seu bobo!

Não consegui me controlar diante daquela revelação. Dei um grunhido e saí disparado dali. Nem sei como atravessei o muro; só me lembro de ter saltado já perto da entrada da minha casa.

Parecia que meus pelos iam se descolar do meu corpo, de tão arrepiados que ficaram. Meu coração disparou e minha boca ficou seca. Eu vi um

fantasma! Aquela revelação me deixou desesperado.

Resolvi que não iria mais sair de casa, e durante um dia e meio consegui cumprir minha promessa.

Meu dono achou que eu estivesse doente, e isso contribuiu de forma positiva para os presentes e carinhos que ele me dava. Até um pedaço de fígado serviu no meu almoço, enquanto me olhava preocupado:

- Você deve estar com anemia, Jack. Coma isso para ficar forte.

Quando finalmente consegui criar coragem e sair no jardim, chamei Frajola, que estava do outro lado da rua.

- Hei, garoto! Por que sumiu? – perguntou meu amigo.

- Preciso te contar uma coisa. Venha até aqui.

Frajola se levantou de onde estava e veio caminhando lentamente em minha direção. Ao chegar perto do portão, deu um pequeno pulo e esgueirou-se no vão da grade, ajeitando um lado e outro até que conseguiu entrar.

- O que houve? – quis saber preocupado.

- Anteontem, quando voltava do telhado onde estávamos com a Tigresa, eu vi um fantasma.

- Como era?

- Uma menininha de vestido rosa.

- Ah, você deve ter visto a Mariana...

- Você também já viu? – perguntei espantado.

- Jack, você precisa saber algumas coisas. Nós, gatos, temos uma visão privilegiada. Não enxergamos somente as coisas materiais, como os humanos. Temos uma visão cósmica. Está vendo aquela borboletinha azul e branca ali?

- Sim, vou pegá-la! – corri para caçar a borboletinha, mas ela começou a voar em ziguezague e, por mais que eu pulasse de um lado para outro, não consegui alcançá-la.

- Volte aqui, Jack – chamou Frajola. Essa borboleta é etérea.

- O que significa isso? – questionei, enquanto lambia as costas do meu amigo.

- Ela não é uma borboleta material. Pertence a outro plano.

- Você quer dizer que ela é uma borboleta fantasma?

- Mais ou menos isso. Aquela senhora sentada ali na cadeira na porta daquela casa. Está vendo?

- Sim... – murmurei.

- Ela já morreu, mas não sabe. Então fica sentada ali, como fazia antes. Nós podemos vê-la, mas os humanos não. Podemos ver coisas materiais, espíritos e seres vindos de outras dimensões, outros mundos.

- Todos os gatos podem ver?

- Sim, todos. E tem mais: nós temos a capacidade de perceber quando há alguma coisa ruim cercado um humano. Olha aquele rapaz que está passando ali. Você vê aquela nuvem cinza ao redor dele, cobrindo-lhe a aura?

- Vejo...

- Aquilo está mostrando que ele está com problemas no trabalho. Pessoas invejosas estão jogando energias negativas sobre ele. Somente nós podemos ver isso. Se ele tiver gato em casa, o felino poderá absorver esta energia ruim, e ajudará o homem a se sentir mais leve.

- Como você sabe de tudo isso?

Frajola sorriu através de uma leve dentada em minha perna:

- Todos sabemos, Jack. É que você ainda é muito jovem e não tinha percebido isso ainda. E saiba de uma coisa: a Mariana é nossa amiga; você não deve correr dela.

- Mas ela me assustou...

- Ela ajuda a todos os animais do bairro. Está sempre cuidando de nós quando ficamos doentes, ou em perigo. Quando algum animal morre, ela vem até aqui buscar e leva com ela para o plano espiritual.

- Como assim?

- Quando morremos, vamos para o mundo espiritual e ficamos lá durante sete dias. Os animais que não têm dono ficam em um abrigo lá. Os que o dono já morreu, pode ficar com ele, se for autorizado. Este momento é muito complicado, pois não entendemos bem o que acontece quando nosso coração pára. Então a Mariana vem até aqui buscar o espírito do animal que morre e o leva para perto de alguém que cuide dele, no mundo espiritual. Sete dias é o tempo necessário para que nosso espírito recobre todas as energias que perdeu durante a vida anterior e volte a viver aqui na Terra.

- Aí a gente acorda?

- Não, Jack. A gente nasce de novo. Sete dias depois, nascemos e começamos uma vida nova.

- E nós nascemos iguais ao que somos hoje?

- Isso não é regra, mas na maioria das vezes, ou nascemos iguais, ou muito parecidos. Isso acontece quando o dono não aceita nossa morte e fica sofrendo muito. Nascemos com semelhança física do que éramos antes para que ele nos encontre novamente. Só que a maioria não consegue notar isso, e por mais que a gente olhe nos olhos de nosso antigo dono para que perceba que somos nós mesmos que voltamos, ele acaba não nos adotando e muitas vezes fica com o gatinho ou cãozinho que está na gaiola ao nosso lado, achando que se pegar um bichinho igual ao que tinha antes, ficará tendo recordações. Aí somos entregues a outra pessoa, e recomeçamos a vida.

- Nossa, que triste...

- Pois é, Jack. Os seres humanos têm muita dificuldade para enxergar certas evidências. Eles só aceitam aquilo que a ciência pode explicar e os olhos podem ver. E como não podemos falar, tudo fica difícil. Mas voltando ao assunto da Mariana, pode confiar nela como uma grande amiga, que só vem aqui para nos ajudar. Nem todos os gatos têm essa sorte, então temos que aproveitar por ela ter nos escolhido.

- E como ela consegue entender o que nós falamos?

- Os espíritos se comunicam como nós, pelo pensamento. Não precisam da fala. E por isso, podem saber o que os humanos pensam e também compreendem nossa comunicação.

Enquanto conversávamos, chegou um vizinho nosso, o Tigre. Tigre era um gato rajado, muito parecido com a Tigresa. Só não era tão gordinho quanto ela.

Antes de nos cumprimentar, Tigre urinou no vaso de planta da varanda da minha casa.

- E aí, pessoal? – Tigre se aproximava, quando meu pai parou o carro em frente à nossa casa.

Em um instante, Frajola e Tigre pularam sobre o muro e desapareceram na vizinhança.

Os seres humanos sempre assustam os gatos, por mais inofensivos que pareçam ser. Isso porque as pessoas que fazem maldade para os animais são muito cruéis, e isso eu vim a aprender depois. Muitas vezes, não nos dão a chance nem de fugir, tampouco de nos defendermos. Assim, instintivamente, fugimos de qualquer pessoa que se aproxime e não seja nosso dono. Garantimos, com isso, nossa sobrevivência.

- Olá, Jack – cumprimentou-me meu pai, acariciando minha cabeça.

Fiz cara amassada de contentamento e dediquei-lhe um ronronar carinhoso e festivo. Corri para dentro de casa atrás dele, que foi direto abrindo a geladeira para vistoriar a disponibilidade para o jantar.

- Teremos visita hoje, Jack. Espero que se comporte. Marisa, minha nova namorada, virá até aqui. Ela não gosta de gatos. Então, fique longe dela.

- Estranho, pensei com meus botões imaginários. Como pode meu pai namorar uma moça que não gosta do próprio filho dele? Coisas de humanos..., Mas se ele pensa que vou me esconder por causa dela, está enganado. Ficarei por perto o tempo todo.

Meu pai estava muito feliz. Foi tomar um banho e cantarolou no chuveiro. Depois foi preparar uma macarronada e colocou o vinho para gelar. Fiquei entediado com tudo aquilo e resolvi ir para a rua.

Tigresa estava passando, quando subi no muro. Então fomos juntos para o telhado do vizinho, que ficava em frente à janela da sala da minha casa. De lá, pude ver quando a namorada do meu pai chegou.

- Ela não gosta de gatos – comentei com Tigresa.

- Isso dá a maior vontade de nos aproximarmos, para mostrar nosso carinho, não dá mesmo?

- Pois é isso que farei quando entrar lá. Vamos deixá-los sozinhos um pouco. Mas depois ficarei próximo dela. Se não gostar de mim, é bom que não volta mais. Hei! O que é aquilo? – dei um sobressalto. O que meu pai está fazendo com ela?

Tigresa soltou uma gargalhada, enquanto explicava:

- Seu pai e a namorada dele estão em um ritual de acasalamento. Como fazem os gatos.

Não entendi muito bem aquilo, mas me deu uma enorme vontade de fazer o mesmo. Tentei segurar Tigresa, que me empurrou com as garras e soltou um grunhido:

- Gato maluco! Não vê que não estou no cio? Os gatos só cruzam quando a fêmea está no cio!

- Que estranho... – pensei. Bom, vai ver que a namorada do meu pai está no cio. Não havia pensado nisso.

Desolado, resolvi voltar para a casa. Antes disso, porém, dei um tempo na varanda, pois não queria interromper o tal ritual do acasalamento.

Quando entrei em casa, os dois estavam sentados à mesa, jantando. Fui logo me aproximando da tal da Marisa, e me rocei nas pernas dela.

- Ai, tira esse bicho daqui! – gritou histericamente, assim que percebeu meu contato. Detesto gatos encostando em mim!

A mulher era realmente uma chata. Então meu pai, delicadamente, me pegou no colo e me colocou em cima da almofada do sofá. Esperei que se sentasse novamente à mesa e voltei para perto da namorada dele. Desta vez, fui mais atrevido e pulei no colo dela.

A maluca deu um salto e me jogou debaixo da mesa.

- Mulher imbecil, pensei. – Não vou te deixar em paz.

Então resolvi subir na mesa, mas desta vez meu pai ficou bravo e me deu um empurrão. Foi a primeira vez em que ele me tratou daquela forma. Caí no chão, mas levei comigo uma parte da toalha e os copos com vinho.

- Pra mim já chega! – exclamou a insuportável da mulher, enquanto batia as mãos na saia molhada. Vou embora. Dá próxima vez que me chamar aqui, dá um jeito de prender esse gato.

Meu pai tentou acalmá-la, mas ela saiu batendo a porta.

Satisfeito e aliviado, fui dormir na cama dele.

CAPÍTULO II

Premonições felinas

Gatos sonham, como sonham os humanos e todos os demais mamíferos. Naquela noite, tive um sonho bastante estranho, que mais parecia um pressentimento. Não entendi o que significava, principalmente porque nossos sonhos são repletos de fantasias, mas me lembro que foi uma noite bastante agitada.

Eu estava em um lugar estranho, uma rua diferente desta onde eu morava. Ao lado, havia um bosque, e eu fui brincar lá. Havia muitos outros gatos: um pretinho, com falhas de pêlo no corpo, vários filhotes de siameses e muitos outros gatos.

De repente, começou a ventar muito, e fomos ficando assustados. Todos tentavam se esconder. Então uma moça aproximou-se de mim e me pegou no colo. Ela olhava desesperadamente para os lados, demonstrando que queria poder pegar outros gatinhos que estavam ali. Mas precisava ser rápida e correr muito. Não dava para levar outros de nós. Então ela começou a correr e, quando olhei para trás, no colo dela, vi que vinha se aproximando um ciclone, devastando tudo por onde passava. Meus amiguinhos corriam desesperadamente para os lados, e a moça correu, correu, até que chegou a uma casa, onde entrou às pressas e fechou rapidamente a porta.

Ali havia outras pessoas, todas muito assustadas, enquanto lá fora parecia que tudo era destruído.

Após a passagem do ciclone, a moça abriu a porta e foi procurar pelos outros gatinhos que havia no local. Nenhum foi encontrado. Apenas eu fui salvo por ela.

Senti uma tristeza muito grande, vinda do fundo do coração, por saber que só eu havia sido salvo, justamente por ser o escolhido entre tantos outros da minha espécie.

Ao mesmo tempo, fiquei aliviado por saber que a tempestade finalmente passou, e ao longe já dava para ver um arco íris que saía do sol e conduzia até uma poça que ficava do outro lado do mundo. Era uma poça de lama. Lá estavam todos os gatinhos mortos. Me vi no meio deles.

Não entendi nada. Eu estava ali, são e salvo pela moça em meio à tempestade, para no final morrer igual aos outros gatinhos? O que significaria aquilo?

Durante o sonho, saí desta cena e comecei a assistir outra, como se fosse um expectador diante de uma televisão:

Era tarde de quinta feira. A moça que havia me salvado do ciclone terminava as últimas tarefas no lugar onde fazia o estágio da faculdade, quando olhou no relógio e percebeu que o expediente estava encerrado.

O celular tocou no mesmo horário de todos os dias. Do outro lado da linha, a voz macia de seu namorado lhe fez a mesma recomendação diária: “vai devagar e não deixe de me ligar quando chegar em sua casa. Eu te amo”.

- Eu também te amo, Érick – respondeu ela, fechando o flip do telefone e colocando na bolsa que neste momento já estava no ombro.

Abaixou-se e desligou o estabilizador do computador, reuniu alguns papéis que estavam espalhados e colocou-os numa pasta sobre a mesa, para que tudo estivesse organizado quando retornasse no dia seguinte.

Como fazia diariamente, ela saiu do trabalho e foi tomar o lanche da tarde na casa de sua avó.

Ao chegar logo no portão, já pôde sentir o cheiro de café fresco que vinha da cozinha. A avó a esperava sentada à frente da televisão, ansiosa por dividir as notícias que acabara de ouvir.

- Boa noite, minha neta! – cumprimentou-a em sorrisos.

- Boa noite, vovó.

- Como foi seu dia?

- Nossa, muito trabalho. Tivemos uma reunião logo pela manhã, no laboratório do hospital, e à tarde fui fazer um curso sobre biogenética. Voltei quase agora para desligar o computador e guardar minhas coisas que haviam ficado espalhadas na mesa. Deixei tudo organizado para começar bem o dia de amanhã.

- Então agora vamos tomar um café. Acabou de passar no noticiário da TV que o governo...

Ali teve início uma longa conversa sobre os acontecimentos do dia, enquanto ambas tomavam o café. Como sempre fazia, a avó da moça levantou-se da mesa e começou a retirar a louça utilizada. As duas discutiram sobre quem deveria lavá-la, mas no final, o argumento de que “preciso exercitar as juntas” era suficiente para que a vovó fizesse o trabalho.

Eu assistia a tudo aquilo como se fosse uma cena real, com todos os detalhes que incluíam saber o que era habitual e rotineiro na vida daquela moça.

Por volta das oito e trinta da noite, a moça pegou o carro e dirigiu rumo à sua casa, onde vivia com a mãe e um gato preto.

O trajeto se dava por uma rodovia bastante movimentada, mas naquela noite, casualmente, a estrada estava deserta. Ao longe, ela avistou uma luz que piscava num local que parecia a parte superior de uma fábrica instalada na beira da rodovia. Ela estranhou um pouco, mas acreditou ser algo instalado ali recentemente, já que nunca havia reparado nisso. Estranhamente, sentiu uma vontade imensa de se aproximar para ver melhor, e acelerou o veículo a 130 km/h, já que não havia movimento na estrada. Ao chegar próxima ao local, constatou que a luz não estava mais ali, e sim mais distante, o que fez com que acelerasse mais ainda, atraída pela curiosidade.

Ao chegar na entrada de seu bairro, verificou que, acima de seu carro planava um gigantesco disco voador, circundado por luzinhas brancas. Do lado esquerdo da nave, uma luz vermelha piscava, a mesma que pôde avistar a uns três quilômetros de distância.

Aquela visão fantástica atraiu a moça para o objeto voador, que se afastou, o que fez com que ela, ao invés de entrar no túnel que conduzia até sua casa, percorreu uma estrada de terra escura e deserta, na desesperada tentativa de acompanhar a nave.

Logo em seguida, avistou um carro, onde havia um casal. Ela parou a seu lado, abaixou o vidro de seu carro e perguntou ao motorista:

- Você viu o que eu vi?

Ao que ele respondeu:

- O quê?

- Um disco voador, bem ali em cima.

- Não, moça – respondeu o motorista. Estamos vindo do motel.

Muito constrangida, ela ainda olhou para o céu e percebeu que a nave desapareceu atrás de uns arbustos. Desistindo de encontrar outras pessoas que pudessem acompanhá-la, acelerou o carro e percorreu uma longa estrada intermunicipal. Ao final dela, pôde mais uma vez ver a luz vermelha que piscava no canto da nave.

Ao aproximar-se, percebeu que, em meio ao bosque de um clube que havia no local, houve um imenso clarão. Parou o carro, mas não o desligou. Lentamente, aproximou-se do alambrado e, olhando para dentro do clube, já não viu mais nada. Caminhou ao redor e passou os olhos pela extensão do campo de futebol, mas a luz havia desaparecido.

Por alguns instantes, ainda permaneceu ali, fascinada com a visão fantástica que acabara de ter.

- Ninguém vai acreditar quando ouvir minha história – murmurou. Nem sei se vou contar para alguém.

Ao virar-se para ir embora, a moça deparou diante de si com um ser de aproximadamente um metro e quarenta centímetros, a pele cor de caramelo, dois olhos grandes sem pálpebras, o nariz quase imperceptível, a boca pequena e em lugar do cabelo, apenas uns fios que desciam até a testa. Os dedos eram longos e as unhas afiadas. Não havia roupas no corpo. Apenas uma faixa que parecia ser feita de silicone, a cobrir-lhe a região onde poderia se supor estar situado o órgão reprodutor.

Ela ficou estática e aterrorizada. Não sabia se corria até o carro ou se continuava ali, esperando o que iria lhe acontecer, já que as pernas estavam tão amolecidas que uma tentativa de fuga certamente seria desastrosa.

Os segundos em que ficaram parados se olhando pareceram horas, até que o ser extraterrestre iniciou um diálogo com a moça:

- Não tenha medo – disse ele – não vou machucá-la. Só vim aqui para lhe dar um presente.

- Que presente? – espantou-se ela.

- Um gato.

- Um gato? Por que um E.T. desceria até a Terra para me dar um gato?

- Não é um gato comum. Ele é especial. Vai aparecer em sua vida para ensinar-lhe lições de bondade, amor e desprendimento. Mostrará a você que não vale a pena sofrer por problemas mezinhos de relações humanas. Os verdadeiros laços morais vão além dos interesses egoístas que movem os humanos. Os seres que dominam o seu planeta não possuem o dom

extraordinário que os gatos têm em serem originais. No seu mundo, você deve tomar cuidado para abrir seu coração a alguém que não conheça verdadeiramente: isso poderá fazer com que a pessoa que hoje a ouve com carinho e atenção, demonstre uma falsa amizade que um dia se revelará com a traição da confiança que lhe foi depositada. Os gatos são seres inteligentes, em quem você poderá sempre confiar e dedicar todo o amor que existe no seu coração. Eles não traem jamais a confiança de seus donos. Os gatos não abandonam aqueles a quem amam. São companheiros fiéis e sinceros, que jamais ficarão ao seu lado contra a própria vontade. Se eles estiverem juntos de você, é porque desejam estar ali; caso contrário, ninguém pode convencê-los a fazer o que não sentem vontade.

A moça ouvia atentamente o que o ser extraterrestre dizia, quando então eu apareci nas mãos dele, magrinho e sujo. Coitadinho de mim. Porque eu estaria ali daquele jeito?

- Esse gato será seu fiel companheiro – disse o E.T. Você cuidará dele e ambos serão muito felizes juntos, até que ele adoecerá e lhe ensinará o dom do amor incondicional e do desprendimento, como também lhe proporcionará lições que serão muito úteis em sua vida profissional.

Então o extraterrestre desapareceu em uma nuvem de fumaça e a moça, ao mesmo tempo assustada e contente, levou-me embora dali.

Eu ainda não estava entendendo nada, até que por sorte acordei.

- Que sonho maluco – pensei. Agora que fui adotado e sou muito feliz com meu dono, fico sonhando que um E.T. me deu para uma moça que nunca vi na vida. Coisa de louco! Melhor esquecer isso...

CAPÍTULO III

A história de amor com a pit bull

Aos poucos, fiz amizade com todos os animais da vizinhança. Ao contrário dos meus amigos, eu adoro cães, e não tenho medo deles. Quando conseguia me aproximar, cobria-os de carinho, com lambidas pelo corpo, e eles acabavam me aceitando.

Decidi que conquistaria Bela, a Pit Bull do vizinho. Sabia que ela odiava gatos, mas não sou um gato qualquer.

Esperei uma oportunidade, e esta chegou em um dia de trovoadas. Os donos de Bela haviam saído, e a deixaram solta no quintal. Ainda havia sol e o azul do céu predominava, quando ela pressentiu que haveria mudança no tempo e começou a ficar desesperada.

Ofegante, andava de um lado para outro e saltava em direção às janelas que circundavam a casa, sem sucesso, pois estavam trancadas.

Foi então que Bela resolveu fazer algo que nem eu mesmo, como gato, acho que conseguiria: entrou na churrasqueira de alvenaria que ficava nos fundos da casa e começou a escalar sua chaminé!

Ao chegar no topo da chaminé, apoiando-se nas quatro patas que a sustentava nas paredes, começou a bater a cabeça na tampa de cimento (que devia pesar uns trinta quilos), até que conseguiu descolá-la dos tijolos, arremessando-a no quintal do vizinho.

Então, sem aparentar dor alguma, terminou de escalar a chaminé e subiu ao telhado, onde novamente passou a andar de um lado para outro.

Corri até lá e comecei a miar, chamando-a para perto de mim, no centro do telhado, temendo que a coitada caísse lá de cima.

Entretanto, ela parecia não me ver nem me ouvir, tampouco sentir dor pela cabeçada que lançou a metros de distância a tampa de cimento da churrasqueira.

Logo começou a chover, e o desespero dela aumentou. Com certo receio, já que uma única dentada de uma Pit Bull seria suficiente para minha morte instantânea, me aproximei um pouco mais e perguntei:

- Bela, o que há com você? Não há perigo algum na chuva.

- Medo... Medo... Medo... – era só o que ela sabia dizer, enquanto andava desorientada de um lado para outro.

Enquanto isso acontecia, a vizinha ao lado, vendo um animal com fama de perigoso andando no telhado, chamou a polícia.

- O que vão fazer com minha amiga?... – pensei desesperado. Será que irão atirar nela? Minha nossa!!!

Entretanto, lá de cima pude ouvir a conversa no telefone, e percebi que os policiais se recusaram a comparecer no local.

Fiquei escondidinho no canto atrás da chaminé, enquanto escutava a cruel mulher exigir que os policiais tomassem uma providência. Logo em seguida, ouvi-a comentar com o marido que chamaria o Centro de Controle de Zoonoses (que depois descobri ser a carrocinha) para levar Bela, já que a polícia se recusou a tomar uma providência.

- Que absurdo! – pensei eu, aterrorizado com o desespero da cachorra. Ao invés de ajudá-la a descer daqui, a mulher quer que chamem a carrocinha! Isso porque a cachorra tem dono. Imagina o que fazem com um cão de rua assustado!

Após uns trinta minutos de terror, percebi que Bela suspirou de alívio ao perceber que seus donos chegaram. Naquele momento, eu já estava escondido dentro do forro da casa, para não me molhar.

Felizmente, a chegada do casal evitou um mal maior, que seria a invasão do quintal por estranhos, possivelmente predispostos a maltratarem-na.

Quando eles se aproximaram para retirá-la de lá, vi em seus olhos uma expressão de alívio misturado com gratidão. Colocaram uma escada e a levaram para o chão no colo, como se fosse um bebê assustado.

Esperei que a colocassem trancada no canil, onde passou mais uns quarenta minutos pulando incansavelmente, e me dirigi até lá, na tentativa de acalmá-la.

- Posso entrar aí? – perguntei à distância.

- Pode, sim – respondeu Bela, com a voz trêmula. Obrigada por me ajudar.

Aquele agradecimento me fez confiar que ela não iria quebrar minha espinha com uma dentada, quando eu entrasse no canil.

Então me esgueirei pela grade e entrei onde ela estava. Percebi que havia arrancado uma unha da pata esquerda e a da pata direita estava solta. O chão estava repleto de respingos de sangue escorrido tanto por uma pata, quanto de um corte na boca.

- Nossa! Você está muito machucada! – exclamei, ainda assustado com aquela situação.

- Sinto muito medo, não sei explicar como – disse-me ela. Ninguém me entende. Já cansei de ouvir dizerem que sou louca. Só minha dona me aceita como sou. Os vizinhos têm preconceito por causa da minha raça, e só estão esperando uma oportunidade para me fazer mal.

- É porque as pessoas têm medo de pit bulls.

- Não consigo entender. Sou um cão como outro qualquer. Jamais machucaria alguém, a não ser para defender a mim ou meus donos. Qualquer cachorro faria isso. Não tenho culpa por ser mais forte. É só essa a diferença.

- Confesso que eu também sentia medo de você... – murmurei timidamente.

- De fato, não gosto de gatos. Nenhum cachorro gosta. Isso não é porque sou uma Pit Bull. É porque sou uma cachorra.

- Você já foi maltratada?

- Maltratada não, pois meus donos são muito bons para mim. Mas muitas pessoas não chegam perto, por medo de que eu ataque. Sempre pego um brinquedo para chamar a atenção e fazer com que brinquem comigo, mas não são todas as pessoas que se aproximam.

- Deve ser ruim para você...

- E é. Os outros cachorros que pertencem a meus donos passam o dia dentro de casa, e eu fico só no quintal. Isso porque, quando entro, a cachorrinha insuportável dos meus donos me provoca e não consigo me controlar. Acabo brigando. Mas eles sempre conseguem nos separar antes que eu a machuque. Um dia eu ainda a pego de jeito...

- Parece que você se sente discriminada.

- Eles me tratam de forma diferente dos outros. Vivo me perguntando por que não deixam os outros cachorros no quintal e eu com as mordomias que eles têm dentro de casa. Já ouvi meus donos brigarem por causa disso,

pois minha dona muitas vezes quer prendê-los para eu conviver um pouco com a família, mas meu dono não deixa.

- Sua vida não deve ser fácil...

- Não é mesmo. Eu adoro brincar, e ninguém tem paciência comigo, porque sou grande. Vivo isolada. Mas agora preciso dormir. Estou com muito sono. Essa chuva acabou comigo.

Antes de se deitar, ela tomou quase toda a água de uma bacia que havia no canto do canil, e acomodou-se em seu cobertor.

Então lentamente me aproximei mais, até que, junto dela, comecei a lambar seu pêlo para secá-lo.

- Você é muito gentil – comentou minha nova amiga. Odeio gatos, mas você será meu amigo. Meu único amigo.

Então ronronei enquanto esfregava minha cabeça no corpo dela e deitei-me ao seu lado, adormecendo.

Algumas horas depois, quando acordei, ainda estava meio sonolento, e levei um susto quando me deparei encostado na barriga de uma Pit Bull. Mas logo que despertei, dei-lhe mais umas lambidas pelo corpo, enquanto ela dormia profundamente, e voltei para minha casa.

Nos dias que se sucederam, passei a ter contato constante com ela, tentando entender a causa de tanto medo.

Não sou um gato psicólogo, mas minha sensibilidade felina me fez perceber que Bela tinha algum trauma ou distúrbio mental que causava total descontrole em situações como fogos de artifício, vento, chuva... Com o tempo, sua situação foi se agravando, e até mesmo o barulho da televisão, ou a conversa de vizinhos, eram capazes de deixá-la surtada. Além da síndrome do pânico, ela tinha claustrofobia, e não adiantava prendê-la no quarto, longe da chuva e do barulho, que o medo só aumentava.

Por mais umas três vezes, ela subiu no telhado pela parte interna da churrasqueira, até que em uma dessas situações a polícia, após ter sido tantas vezes acionada, acabou indo ao local e deu o maior problema. Então os donos dela fecharam a entrada da churrasqueira, para que não entrasse mais. A partir daí, as cenas que eu vi sucessivas vezes são inacreditáveis. Nunca tinha ouvido falar em cachorro que tem aderência nas patas como se inseto fosse, mas Bela era diferente de tudo o que eu conheci até então.

Além de subir nos lugares quando estava com medo, minha amiga Bela também roía objetos, paredes, qualquer coisa que dificultasse seu acesso a lugares mais altos. O pavor externado em mordidas com a mandíbula

extremamente vigorosa acabou fazendo com que, aos quatro anos de idade, Bela quebrasse todos os dentes da frente da boca, mais os caninos.

Isso não a tornou menos bonita. Bela era branca com malhas pelo corpo. A orelha não foi cortada, o que lhe conferia uma aparência mais inofensiva que a dos pit bulls operados.

Com Bela aprendi que não existem cães bravos ou traiçoeiros. O que existem são pessoas que compram animais como se fossem objetos de consumo e não desenvolvem neles sentimento de afeto ou de confiança no ser humano.

Bela era tão mansa, que jamais representou perigo algum aos humanos com quem tinha contato. Durante nossas conversas, ela me contou que foi doada à família que a criou com menos de trinta dias de vida. Foi criada com a mesma atenção e carinho que eram dedicados aos cães de companhia da casa, e não foi treinada a ser cão de guarda, nem isolada do contato humano em correntes. Isso a fez dócil.

Quando ainda era um filhote, sua dona a jogou na piscina da casa, com a intenção de ensiná-la a nadar. O estrondo emitido quando bateu o corpo na água, associado à água em si, desenvolveram nela o pavor por chuvas e trovoadas, que aos poucos foi se agravando, transformando-se em medo deliberado por qualquer barulho. Como era sempre trancada em lugares fechados nos momentos de pânico, acabou por associá-los à causa do medo, e com isso desenvolveu a claustrofobia.

Bela sofreu a vida toda como resultado da atitude inconsequente de sua dona. Quebrou dentes, fraturou o osso do fêmur, arrancou unhas, machucou o corpo e jamais conseguiu ter uma vida normal, solta pelo quintal como os demais cães. Não durava mais que dez minutos sem iniciar o processo de pânico crescente, que sempre resultava em machucados pelo corpo.

Com o tempo, Bela acabou se tornando prisioneira de seu próprio medo. Apesar disso, aquela cachorra amava a dona como ninguém. Nós, animais, não guardamos raiva de quem nos faz mal, se essa pessoa compensa a atitude. Não somos vingativos e não temos memória de situações passadas. Não sofremos mágoas, pois sabemos que o rancor envenena a alma e atrasa o processo de evolução. Apenas conhecemos o amor e o medo. Amor por quem nos dá carinho e atenção e medo de quem nos maltrata, o que desenvolve em nós atitudes defensivas, muito comuns nos gatos.

Na realidade, a dona de Bela não queria maltratá-la. Tudo aconteceu em um dia de sol e num momento de brincadeira, dessas impulsivas. Os

homens nos chamam de irracionais, mas eles frequentemente cometem atitudes idiotas e incondizentes com o sentimento de superioridade inato dos seres humanos.

No caso de Bela, sua vida foi destruída por uma atitude idiota da dona, que jamais conseguiu identificar o medo da cachorra com a queda na piscina. E com isso gastava somas em dinheiro com adestradores oportunistas, que se propunham a resolver o problema que tratavam como se fosse mera desobediência, sem nunca terem conseguido qualquer resultado positivo.

Mas para Bela, o fato de ter sido jogada na piscina não importava mais. O que importava era o carinho, o amor e a atenção que a dona lhe dedicava. Havia um vínculo afetivo muito intenso entre elas. Bela jamais foi maltratada, mesmo nos momentos de surto em que quebrava coisas e dava prejuízos. Até eu mesmo muitas vezes perdi a paciência e larguei Bela sozinha com seu medo irracional. Mas a dona, quando chegava, a tratava com tanto carinho, que juntas pareciam verdadeira mãe e filha.

Bela tinha tanto orgulho de sua dona, que quando falava dela seus olhos brilhavam.

Um dia, eu estava passando pelo muro quando a vi sentada ao lado da rede onde sua dona, deitada, cantava uma música melodiosa, enquanto acariciava seus pêlos.

Depois de cantar umas cinco vezes a mesma música, a dona de Bela levantou-se da rede e abraçou-a, cobrindo-a de beijos. Naquele momento, pude entender o carinho que Bela tinha por ela, mesmo após o incidente na piscina.

E assim viveu Bela, uma Pit Bull mansa, afetuosa e desequilibrada. Um desequilíbrio cuja única vítima era ela própria.

Poucas vezes na vida eu verdadeiramente amei alguém, e por incrível que pareça, no meu rol de seres amados posso colocar Bela entre os primeiros lugares. Ela foi e sempre será minha amiga inesquecível, que me ensinou a não ter preconceito com raças de cães. Devemos, sim, ter cautela com seres humanos. São eles que degradam nossa personalidade e fazem de nós rélicas da personalidade deles próprios.

CAPÍTULO IV

Um anjo fora dos padrões

Algumas situações marcam nossa vida, mesmo quando somos apenas um gato. Houve um fato muito interessante que aconteceu comigo, e nunca mais consegui esquecer.

Certo dia, eu estava tomando um banho de sol no telhado da minha casa, e de repente percebi que pousou um urubu no telhado da casa ao lado. Instintivamente, corri para tentar pegá-lo e, quando me aproximei, vi aquele urubu transformar-se em uma mulher. Havia outro urubu ao lado dele, mas desapareceu naquele momento.

Percebi que ela não era uma mulher de verdade, mas um espírito que se materializou através daquela ave repulsiva. Contraditoriamente à impressão causada por ele, o que a mulher me transmitiu foi uma energia tão boa, que enquanto fiquei perto dela, senti algo dentro de mim imensamente maravilhoso. Uma sensação de paz, um amor e um carinho intensos e indescritíveis. Era visivelmente um espírito evoluído.

Ela era linda, aparentava ser bem jovem e tinha a pele negra. Aproximou-se de mim e tocou-me a cabeça. Meus pêlos arrepiaram, mas permaneci imóvel, pois era muito bom ficar perto dela e eu não queria sair dali.

- Você é um gato especial – disse-me enquanto deslizava a mão sobre meus pêlos. Não tenha medo; não lhe farei mal algum.

- Quem é você?

- Meu nome é Olímpia. Vim de outro plano, um lugar onde vivem os espíritos mais evoluídos. Estou aqui porque a família que mora nesta casa precisa muito de ajuda. Eu trago a eles amor e paz.

- Mas eu sempre soube que a ave que representa a paz é a pomba, e não o urubu... – minha frase foi cômica, mas a curiosidade inata dos felinos não me permitiria ocultar essa questão.

Olímpia sorriu o sorriso mais lindo que já vi em minha vida. Parecia que emanava luz de seus lábios, ao dizer:

- Você é muito inteligente, Jack! De fato, os homens representam a paz através das pombas, mas isso é só uma convenção que vem dos tempos antigos. Todos os animais que vivem no seu planeta têm o mesmo mérito, e não há nada no plano espiritual que diferencie uma pomba de um urubu. Ambos são aves muito belas.

- Mas por que escolheu o urubu? – Eu ainda não estava convencido.

- Porque são maiores e mais imponentes. Eu queria que você me visse, e talvez uma pomba não lhe chamasse tanta atenção. Sei que irá levar minha mensagem a milhares de pessoas, e então aproveitei para mostrar que nenhum animal deve ser tratado com menor importância que os outros.

- Como eu vou levar sua mensagem a outras pessoas, se os homens não compreendem a linguagem dos animais?

- Como eu já lhe disse, você é um gato especial. No momento certo, se lembrará de minhas palavras e então poderá compreender o que digo. O que importa agora é que vim trazer harmonia para esta família tão desestruturada. Aproxime-se de mim, Jack.

A moça me pegou no colo e fechou os olhos. Para ser sincero, naquele momento eu cheguei a cochilar no colo dela e não vi muita coisa. A sensação era tão boa, que me fez relaxar. Senti que do corpo dela saía uma grande quantidade de energia, que penetrou no telhado e se espalhou pelos cômodos da casa. Primeiro na sala, depois nos quartos, banheiro, cozinha... Quando a descarga de fluídos terminou, estávamos flutuando.

- Pronto, Jack. Agora eles ficarão bem. Estavam desolados porque o marido perdeu o emprego e não sabiam como iriam superar esta fase. Nessas horas, o amor é deixado de lado, e começam os conflitos familiares. Eles se amam, mas estavam pensando em se separar; o marido pensou até em suicídio. Por isso, eu vim até aqui. Para fazê-los sentir que devem sempre celebrar os não em suas vidas. São eles as chaves que abrem as portas dos sinais de oportunidades melhores. Enquanto as coisas estão dando certo, as pessoas se acomodam com a situação e deixam de lutar por uma vida mais próspera. Muitas vezes, somente uma perda é capaz de nos preparar para o início de uma nova fase mais promissora e feliz.

- Mas e se o destino deles for se separarem e se casarem com outra pessoa? – indaguei.

Olímpia, com muita tranquilidade, respondeu:

- Acima do destino e das coincidências, está o livre arbítrio. É ele que movimenta o mundo. É ele que governa a vida das pessoas. Nada acontece, sem que o próprio indivíduo contribua com suas ações ou seus pensamentos. Se as coisas dão errado na vida, o livre arbítrio fará com que a pessoa aceite a situação ou lute para modificá-la. Não é Deus ou o destino que faz as pessoas serem infelizes, Jack. São elas próprias. Cada um é senhor de sua sorte. Veja esta cena:

Naquele momento, Olímpia estendeu as mãos no espaço e diante de nós apareceu a imagem de um jovem caminhando sobre a areia de uma praia. Distante dele, um grupo de rapazes se reunia em volta de alguém que tocava uma música muito bonita em uma flauta. Todos estavam felizes, menos o jovem que ali caminhava.

- Está vendo aquele rapaz? – perguntou-me Olímpia.

- Sim, vejo – respondi. Parece que ele chora.

- Pois é, este jovem cometeu suicídio após romper o relacionamento com a namorada. Agora está arrependido e não consegue se desprender deste mundo. Quer ouvir os pensamentos dele?

- Sim, quero! – respondi curioso.

- Então ouça.

Olímpia aproximou mais a cena, e então pude ouvir os pensamentos que fluíam da cabeça do rapaz (que na verdade era um espírito), ordenados em forma de poesia:

*Caminhando sobre a areia úmida de uma praia deserta,
Meus ouvidos se deleitam ao som de uma flauta,
Tocada em algum lugar distante,
Misturando-se ao barulho das vagas
Que se quebram nos rochedos.
Meus olhos se erguem e procuram no silêncio da noite
A presença de alguém cujo nome já nem me lembro
(ou a dor da saudade não me deixa lembrar).
Busco pelas flores de um jardim imaginário,
Mas só consigo enxergá-las sob a forma de uma coroa
Deposta outrora sobre a laje fria de um sepulcro,
Diante do meu olhar tímido e sorumbático.
Em cada estrela que observo no firmamento,
Tento descobrir uma luz para as sombras deste mundo,*

Que cobrem as alegrias de funesta solidão.

De repente a cena mudou, e o jovem não aparecia mais caminhando na praia, mas sim numa cidade. Então pude mais uma vez ler os pensamentos dele, que assim diziam:

*Percorro agora uma rua estreita,
Sob as luzes apagadas dos olhos do destino,
Enquanto procuro encontrar em rostos amargurados,
Ou nos autômatos semblantes das pessoas da cidade,
Uma flor, uma canção,
Ou um beijo de boa noite.
Tudo em vão, pois os sonhos são meras ilusões,
A vida é passageira e os dias não voltam mais.
O que é belo já se foi com o som de uma flauta
Que há pouco eu ouvia tocar no silêncio daquela praia.*

De repente, a cena desapareceu. Então Olímpia explicou:

- Este rapaz não soube lidar com uma situação desfavorável que lhe aconteceu na vida, e preferiu dar fim à sua existência neste mundo. Agora ele não aceita que tenha morrido, mas também não há tempo para desfazer sua conduta. Então vive peregrinando pelos lugares, já sem memória do que aconteceu, e sem destino algum. Somente quando ele tomar consciência do que fez, poderá receber ajuda e então seguir seu destino. Este é um exemplo de mal uso do livre arbítrio. Há situações em que não dá para voltar atrás. Mas agora vou mostrar-lhe um exemplo oposto, de uma pessoa que não tinha a menor perspectiva de sucesso na vida, mas com muita força de vontade conseguiu mudar o rumo das coisas. Veja!

Novamente, Olímpia estendeu os braços e, com as mãos espalmadas, fez com que aparecesse à nossa frente a cena de uma mulher muito elegante, rodeada de pessoas bonitas, todas sorridentes e aparentemente felizes.

- Aquela mulher de vestido azul – explicou Olímpia, apontando para a simpática senhora – é Vera Lopes, uma estilista famosa. Ela dita a moda. Vive no meio do glamour, jóias, dinheiro, pessoas influentes...

- Deve ser uma mulher materialista...

- Não faça julgamento precipitado antes de conhecer as pessoas, Jack. Nem todos os indivíduos bem sucedidos são materialistas. Por outro lado, existem muitas pessoas que vivem na igreja, orando e cantando em voz alta, e em suas vidas particulares são extremamente egoístas e desonestas.

- Credo, não sabia disso...

- Pois aprenda que há um Ser Superior em todos os lugares do planeta, não apenas nos templos. As pessoas que lutam por seus objetivos com determinação, acabam por alcançar sucesso na vida. A prosperidade não faz delas menos merecedoras de nossa admiração do que a devoção de pessoas que optaram por viverem na pobreza, sem lutar por uma vida melhor, mas que igualmente sejam almas benevolentes. Este mundo em que você vive é feito de matéria, e os homens precisam dela para sua sobrevivência. O que não pode acontecer é o apego excessivo a bens materiais, como se a vida aqui não fosse acabar nunca. Além disso, a generosidade eleva a alma, enquanto o egoísmo a corrompe.

- Então aquela é uma boa mulher?

- Ah, sim, voltando à Sra. Vera Lopes. Ela vem de uma família de classe baixa, sem muitas perspectivas na vida. Sempre gostou muito de desenhar vestidos, e aos poucos desenvolveu aptidão para ser estilista. Entretanto, não tinha dinheiro para estudar na Capital, tampouco para cursar uma faculdade. Se fôssemos falar em destino, o dela seria casar-se, ter filhos e envelhecer no interior. Mas Vera queria muito mais que isso: sonhava em conseguir uma oportunidade no mercado da moda, e vivia em função deste ideal. As pessoas a seu redor sempre a desestimulavam, dizendo que essa vida não era para ela, que deveria ser mais realista e buscar oportunidades mais viáveis. Vera jamais desistiu, até que um dia enviou seu trabalho a um estilista famoso e não tardou para que ele entrasse em contato e quisesse conhecê-la. A partir daí, as portas do mundo da moda foram se abrindo para Vera, que hoje é uma das estilistas mais conceituadas do país.

- E como ela se relaciona com a família, agora que é rica? – indaguei, curioso.

- Na vida pessoal, Vera é a mesma pessoa simples que sempre foi. Ela sabe bem separar o pessoal do profissional. E até hoje mantém bom relacionamento com os amigos do passado e os familiares que deixou na cidade natal. Não deixa de ajudá-los sempre que é preciso, mas sem criar qualquer relação de dependência entre eles. Vera sabe dosar situações em que é necessário doar para ajudar o próximo, e aquelas em que é necessário

dizer não para não os tornar dependentes de sua ajuda. É uma mulher espirituosa, feliz e realizada. Tudo obtido com seu próprio esforço. Soube receber o sucesso e o dinheiro sem se deixar corromper pelo luxo, nem se abalar pela inveja alheia. Vera é um exemplo de que não há mal algum em se ter dinheiro e bens materiais, desde que seja respeitada a linha limítrofe entre as necessidades materiais e a ganância. É assim que deve ser. Equivocado aquele que acredita que o pobre é sempre servo de Deus. O Senhor não quer ninguém sofrendo privações em nome da fé. Não deseja que as pessoas justifiquem a acomodação e inércia em nome da religião. É plenamente possível a dosagem entre matéria e espírito. As pessoas nascem neste mundo para viverem na matéria, e devem aproveitar o tempo de vida para conquistar meios de viverem de forma agradável. A espiritualidade deve guiar todos os passos do homem, mas jamais paralisá-los. Isso é hipocrisia justificativa da preguiça mental e corporal que mantém pessoas na pobreza. O mundo físico oferece a todos as mesmas oportunidades. É através dos desafios, e não da inércia, que se alcança o progresso espiritual.

Confesso que já estava deveras entediado quando a conversa chegou a este ponto, pois para um gato não interessa se os homens são lutadores ou acomodados. O que interessa mesmo é que não nos maltratem, e tenham um mínimo de dinheiro para nos servirem uma raçãozinha de qualidade e caminha macia. Só isso.

Percebendo meu desinteresse pelo assunto, Olímpia acariciou minha cabeça com o olhar compreensivo e se despediu, enquanto a cena se desfazia em uma nuvem branca:

- Agora preciso ir, Jack. Meu tempo aqui está se esgotando.

- Fique mais um pouco – pedi, enquanto ela me punha de volta no telhado.

- Aproveite você também suas oportunidades, Jack. Você ainda terá muitas vidas pela frente.

Enquanto ela dizia isso, seu corpo novamente foi se modificando e ela se transformou no urubu, que abriu as asas e voou rumo ao céu.

Olímpia deixou comigo uma sensação de paz que eu jamais havia sentido. Desci do telhado e dormi na almofada do sofá durante dez horas seguidas.

Desde aquele dia, passei a olhar os urubus com mais simpatia, e sempre me aproximava deles na esperança de que fosse Olímpia. Entretanto, nunca mais a vi.

CAPÍTULO V

Vidas destruídas; sofrimentos injustos

Tigresa entrou no cio numa época em que eu estava mais caseiro por causa das chuvas. Fiquei uns dias sem sair muito na rua e, quando saía, era só por alguns instantes. Fiquei decepcionado quando soube que perdi esta oportunidade. E mais ainda quando Frajola me comunicou que seria pai dos filhotinhos dela.

- Traidor! – pensei. Agora quanto tempo terei que esperar, para que chegue minha vez?...

A rua em que morávamos era bem populosa de felinos. Não havia qualquer preocupação dos moradores em castrarem os gatos, e isso nos preocupava, pois muitos de nossos amigos já estavam passando fome. Não havia lixo suficiente para que todos encontrassem comida, e poucos de nós tinham donos.

Sempre que dava, quando meu pai esquecia alguma janela aberta, eu levava meus amigos para dentro de casa, e oferecia a eles minha vasilha de ração. Não era muito, mas dava para disfarçar a fome.

Alguns moradores de nosso bairro gostavam de gatos, a maioria era indiferente à nossa existência e uma pequena quantidade deles era realmente cruel conosco. Jogavam pedras e água gelada em nosso corpo. Não raro, alguns garotos ganhavam espingardas de chumbinho. E o alvo éramos nós e os pássaros. Vários dos meus amigos morreram com o ferimento ou a infecção dele decorrente, outros ficaram com sequelas permanentes em consequência de tiros. Acertar um de nós era sempre motivo de festa e comemoração para os pobres garotos. Coitados deles. Mal sabiam que não é possível cometer uma crueldade contra um animal e permanecer a vida toda impune. Por alguns minutos de diversão, estavam comprando o passaporte de algo muito ruim que aconteceria a eles no futuro, para que recebessem a necessária lição de vida, de modo a

adquirirem o aprendizado de respeito ao próximo, seja gente ou animal. A dor que sentimos é a mesma, e o sofrimento não é menor em nós pelo fato de não podermos comunicar verbalmente o que sentimos.

Sempre achei que a pior crueldade que poderia ser cometida contra nós era a covarde prática do envenenamento por “chumbinho”. Depois conheci coisa pior. Mas naquela época, ainda era a mais terrível de todas. Quem a praticava era Dona Irene, uma velha senhora que morava na esquina da minha casa. Na tentativa de diminuir a população de gatos da vizinhança e, ao mesmo tempo, evitar o abuso na emissão de xixi em suas plantas, ela comprava carne moída e colocava veneno dentro. Todos nós sabíamos disso, mas o cheiro da carne atraía os gatos de forma incontrolável, e a fome acabava falando mais alto que o instinto de sobrevivência.

Perdi três amigos assim, e um deles eu presenciei agonizar da forma mais desesperadora do mundo.

Ao contrário de medicamentos de uso controlado, que os humanos só compram com receita médica, para se protegerem das nefastas consequências do uso indiscriminado, qualquer um pode comprar chumbinho. Não se questiona na loja o que será feito com ele. Envenenar um animal é algo insignificante e não entra nos noticiários policiais. Pega-se nosso corpo e joga-se no lixo. Isso para não incomodar os humanos pelo cheiro da putrefação. Caso contrário, apodreceríamos ao relento, sem incomodar ou sensibilizar ninguém.

Meu amigo Branco era da rua, e estava sem comer há dois dias. Adorava fazer xixi no quintal da Dona Irene. Até que, naquele dia, o estômago pedindo comida, viu no telhado dela uma bola de carne. Ainda caminhava em direção a ela, quando gritei: “não come isso!”. Eu não havia terminado a frase, quando ele já começava a devorar o alimento.

- Não tinha nada aqui – comentou, enquanto ainda mastigava. O cheiro e o gosto da carne estão normais.

Cerca de quinze minutos depois, enquanto tomávamos nosso banho de lambidas na grama do jardim da minha casa, Branco reclamou que estava sentindo algo esquisito no coração. Logo em seguida ele começou a ficar agitado, movimentando-se compulsivamente. Instantes se passaram, e então Branco deitou-se no canto do jardim, e lá ficou prostrado, os músculos trêmulos. Ele começou a gritar, reclamando que o estômago doía muito. Foi muito duro ver meu amigo morrendo, sem nada poder fazer por ele. Entre

gritos de dor e acessos de diarreia, Branco agonizou no meu jardim até a morte.

Infelizmente, meu pai estava viajando justamente naqueles dias, e nada pude fazer para socorrer meu amigo.

Apenas Mariana esteve ao lado dele, em seus últimos instantes, tentando aplacar sua dor. Mas o sofrimento do pobrezinho era tão intenso, que nem ela conseguiu ajudá-lo antes de sua partida.

Branco ainda permaneceu ali, sofrendo diante de nós após sua morte, até que Mariana explicou-lhe que não havia mais problema algum com ele, e que poderia descansar.

O espírito dele ficou prostrado, inerte, sem energia. Então a bondosa menina pegou-o o colo e levou-o para um tratamento espiritual no outro plano.

Dona Irene não viveu muito após a morte de Branco, pois era bem velhinha e sofria do estômago.

Soube que, por estar muito doente, resolveu se mudar para um apartamento, mas para isso teria que conseguir arrumar um dono para sua cachorrinha de oito anos. Ela era pretinha, de pelos curtos e muito bonitinha. Chamava-se Lalinha. Dona Irene ofereceu Lalinha para vários conhecidos, mas ninguém quis ficar com ela. Então decidiu que, como não poderia levá-la para morar no apartamento, teria que sacrificá-la. Entrou em contato com uma clínica veterinária e informou-se acerca do preço que custaria uma injeção letal. Então contratou um carroceiro para transportá-la. Entregou-lhe o dinheiro do frete e o do veterinário. Vi quando Lalinha foi retirada da casa de Dona Irene. Seus olhos estavam arregalados e o semblante assustadíssimo. Ela não sabia para onde seria levada. Um amigo nosso um dia contou que viu o homem parar a carroça umas quadras depois da casa de Dona Irene. Para ficar com o dinheiro do veterinário ele se encarregou de sacrificar a pobre cachorrinha. Deu-lhe uma paulada na cabeça e ela já caiu morta. Para garantir êxito no trabalho, ele deu outra paulada, esmagando o crânio da pobrezinha. Então pegou seu corpinho ensanguentado e jogou num terreno baldio que havia logo ali. Dona Irene não soube deste fato, e passou o resto de seus dias acreditando que a cachorra havia sido morta por uma injeção. Não sei qual dos métodos seria mais doloroso para a indefesa cachorrinha. Sei que meses depois o carroceiro morreu do coração. Seu destino após a passagem, este ninguém soube.

Quanto a Dona Irene, nem chegou a aproveitar muito a vida no apartamento, pois pouco tempo depois descobriu que estava com câncer, sendo internada em um hospital, onde todos os cuidados médicos não foram suficientes para aplacar sua dor. Sofreu muito, e em seu último instante de vida, algumas cenas de experiências passadas foram se mostrando em seu subconsciente. Dentre elas, Dona Irene viu diante de si a agonia de Branco antes de morrer e, durante a passagem, uma das coisas que lhe foram apresentadas foi a forma covarde como Lalinha morreu.

Todos nós ficamos muito chocados quando perdemos um amigo de modo tão trágico, e isso acaba nos aproximando dos outros amigos. A convivência nos consola e ajuda a superar a dor da perda.

Passei alguns dias sem fome depois que Branco morreu. Dormia mais tempo que o comum e meu pai, ao chegar de viagem, achou que fosse saudade dele.

- Agora você vai ficar bem. Estou de volta – comentou, com o jeito insensível dos humanos que não conseguem interpretar nossos sentimentos, e acham que tudo o que sentimos é ligado a eles.

Até entendo, pois quando ele voltou, o corpo de Branco já havia sido retirado de nosso jardim pelo jardineiro do vizinho. Meu pai não tinha como adivinhar o que houve.

O que me trouxe a alegria de volta foi a chegada dos bebês de Tigresa. Cinco lindos filhotes. Nasceram no forro da minha casa, o que achei maravilhoso, pois poderia passar a maior parte do tempo visitando-os. Frajola cumpriu o papel de pai e foi vê-los, mas como todo macho reprodutor, limitou-se a uma visitinha. Eu até ajudei Tigresa um dia a limpá-los. Foi inesquecível!

Quando começaram a crescer, Tigresa passou a ter muito trabalho para tomar conta deles. O problema maior era quando ela sentia fome e tinha que sair para procurar comida. O forro da casa era bem alto, e uma queda seria fatal. Nessas horas, eu ficava ali, brincando com eles, para distraí-los até o retorno dela.

Os bebês me tornaram muito próximo de Tigresa e, com o tempo, consegui fazer com que Bela passasse a respeitá-la, e não mais tentasse escalar o muro para caçá-la.

Quando já não dava mais para segurar os bebês, que não queriam mais me obedecer, chegou a hora de levá-los para um lugar seguro. Sugeri uma caixa de papelão com louças que tinha nos fundos do quintal de minha casa,

e para lá Tigresa foi levando um a um, seguros de forma a não se soltarem de sua boca durante o trajeto.

Meu pai não gostou da ideia quando descobriu a ninhada em seu quintal, mas logo percebeu que eu estava envolvido, ao me ver lambendo um dos filhotes.

- Já percebi tudo! – exclamou orgulhoso – Você é o pai!

Fiz cara de importante e continuei cuidando do bebê. Embora eu não fosse o pai biológico, na prática fui eu quem ajudou Tigresa a cuidar dos filhos. Então eu era o pai verdadeiro.

Gatos crescem rápido, e não demorou para que meus filhos postiços aprendessem a subir no portão e de lá alcançarem o muro.

Crianças são sempre mais encantadoras, e dois deles conseguiram donos.

Fiquei muito triste ao vê-los partir no colo de humanos, mas ao mesmo tempo foi um alívio, pois conhecia as pessoas da vizinhança e sabia que iriam ser bem tratados por quem os levou.

Tigresa chorou muito nestes momentos. Gatos não derrubam lágrimas, mas a alma dói como a dos humanos quando estamos tristes. Choramos com o coração e nessas horas nosso corpo é dominado por uma apatia incontável. Dá vontade de dormir. E por horas dormimos. Nos sonhos reencontramos os amigos que não estão mais entre nós.

Os outros três filhos de Tigresa ficaram conosco. Um era igualzinho a ela. Nós o chamávamos de Felipe. Era rajado e tinha uma manchinha branca no peito. Adorava fazer xixi em locais proibidos. E como não era castrado, a urina se espalhava como se saísse de um esguicho. Os vasos dos vizinhos eram seus lugares favoritos.

Na casa onde viveu Dona Irene estava morando um casal. A mulher estava grávida. Infelizmente, os humanos acreditam que todos os gatos são portadores de toxoplasmose, e que mulheres grávidas correm risco quando há gatos por perto. Somos pequenos, indefesos e não falamos a língua dos homens. Isso nos deixa em situação desprivilegiada, pois não temos como informar quem é ou não doente.

Pois é. O destino dos animais às vezes é trágico. E na maioria das vezes a maldade humana é responsável pelas nossas desgraças.

Neste caso, me tiraram a alegria e o que eu tinha de mais importante na vida. Foi a maior crueldade que já presenciei em toda a minha existência, e a levei dentro de mim como um punhal ferindo-me o peito por todos os dias

da vida. Senti vontade de me vingar, mas infelizmente somos indefesos e a única parte que resta entre nossa fragilidade e a maldade humana é o sofrimento.

Tudo começou pela teimosia do Felipe em urinar no vaso da garagem do casal, onde já havia cheiro de xixi dos gatos que frequentavam o quintal de Dona Irene. O marido prometeu que tomaria uma providência e jogou água fria nele. Três dias depois ele estava de volta com a mesma peraltice.

Tigresa engordou muito após o parto, e às vezes dava umas voltinhas no muro para fazer exercício. Gostava de tomar sol, e para isso atravessava alguns quintais até chegar no telhado da casa de um dos vizinhos, onde dormia por várias horas.

Num desses trajetos, o marido viu Tigresa passando e a confundiu com Felipe. Prometeu que naquele dia resolveria o problema do xixi no vaso. Tigresa não sabia o que se passava pela mente diabólica do homem. E inocentemente, retornou pelo mesmo muro, após o banho de sol.

Insensivelmente, o homem apareceu no quintal com uma panela cheia de água fervente e jogou nas costas de Tigresa. Ela caiu do muro, no quintal do outro vizinho e, por alguns minutos, perdeu a consciência com tanta dor.

Com muita dificuldade, conseguiu chegar ao meu quintal, onde se deitou na caixa de papelão com louças que ainda estava lá e adoeceu. No mesmo dia, meu pai a encontrou, e estranhou o fato dela não ter fugido ao vê-lo.

- Você está molhada, menina! – exclamou ele, sem perceber a tragédia que tinha acontecido.

Tigresa não reagiu à presença dele, o que lhe causou preocupação.

- Deve ter ficado gripada – comentou meu pai. Vou lhe dar um pouco de leite.

Ela não aceitou o leite e levantou-se com muita dificuldade quando ele insistiu em se aproximar mais.

- Vou deixá-la aí quietinha – disse ele em voz baixa, enquanto foi para dentro de minha casa e pegou ração e água, colocando perto dela.

Meu pai era um homem bom, e seu coração não permitiria que sequer imaginasse o que alguém teria sido capaz de fazer com minha amiga.

Eu não saí de perto dela. Sofri sua dor e o tempo todo lambia suas costas, na tentativa de curá-la.

Aos poucos, os pêlos foram se soltando em camadas, deixando-a com a pele queimada em exposição. Meu pai pensou que fosse alguma doença, e

resolveu chamar um veterinário, preocupado principalmente com a possibilidade de ser contagiosa e eu também acabar infectado.

Só então ele soube o que aconteceu, quando o veterinário, após examiná-la, concluiu que se tratava de queimadura.

Tigresa chorou muito ao lembrar o que passou. Chorei com ela, e nossas almas, por alguns instantes, se consolaram.

Cerca de um mês após o ocorrido, Tigresa passou a ter complicações no fígado. Acredito que foi em decorrência da queimadura, mas nunca saberei ao certo. O que sei é que ela ficou muito doente apenas um dia, e na manhã seguinte já estava morta.

Foi a maior perda que tive na vida. Meu pai a encontrou caída no quintal e providenciou o enterro de seu corpo nos fundos do jardim de casa. Mariana veio buscá-la, e teve que enfrentar o dilema entre cuidar do espírito de Tigresa, ainda esvaída, e consolar minha dor. Eu não queria de forma alguma que Tigresa se fosse. Ela também não queria deixar a mim nem aos filhos. Vivi, uma das filhinhas, sofria muito, e pediu para que Mariana também a levasse. Felipe estava inconsolável, tanto pela perda, quanto pela intuição de ter sido ele o causador daquela tragédia.

- Prometo que levarei vocês todos para visitá-la – disse ela. Mas agora precisamos ir. Tigresa tem que ser tratada.

- Mas como nós iremos, se ainda estamos vivos? – perguntei, com um miado triste.

- Os animais podem transpor as barreiras entre o mundo físico e o espiritual. Posso levá-los e trazê-los de volta. E farei isso assim que puder.

Carinhosamente, Mariana acomodou Tigresa em seu colo e levou-a para longe de nós.

Rocei as costas em Vivi e chorei em silêncio. Eu amava Tigresa, e não podia aceitar um destino tão cruel.

Mais uma vez, me convenci de que os gatos devem manter a máxima distância possível dos homens. São eles os animais mais perigosos do Planeta. Têm maior poder de nos maltratar do que qualquer outro. Além disso, possuem uma inteligência malévola, capaz de criar métodos de nos ferirem e exterminarem das piores formas possíveis. Tudo isso porque são eles que fazem as leis, e as mantêm brandas para quem maltrata animais, prevendo penas severas apenas para aqueles que usam a crueldade para ferir outros humanos.

Felipe sumiu depois daquele dia, e nunca mais voltou. Tempos depois, ouvi dizer que um de nossos amigos o encontrou em outra região da cidade, ferido e doente, vivendo de sobras de comida que encontrava nos lixos. Sua vida acabou depois da perda de Tigresa.

A morte de Tigresa também me transformou. Por uns tempos, tornei-me um gato amargo e arisco. Passei a detestar humanos, e pouco saía de casa. Quando muito, ia visitar Bela, que apesar de ser uma Pit Bull, era mais confiável do que qualquer ser humano. Não seria capaz de planejar um ato de crueldade. E eu sabia que ela me amava.

CAPÍTULO VI

Entendendo as relações humanas

Durante esse meu período de reclusão, aprendi muito sobre os problemas nas relações entre seres humanos.

Meu pai foi o grande amigo que me apoiou depois da perda de Tigresa. Percebendo meu sofrimento, passava longas horas comigo. Sempre que podia ficar em casa, me aconchegava em seu colo e acariciava meus pêlos enquanto eu adormecia.

Nesses momentos, ele me contava como foi seu dia no trabalho e dividia comigo as angústias e aflições pelas quais passava na empresa onde ocupava um cargo importante.

Também me falava sobre o relacionamento dele com Marisa e dos planos de morarem juntos.

- Ela acabará se acostumando com você, Jack – dizia ele, tentando me convencer da possibilidade de uma convivência harmoniosa entre um gato teimoso e uma mulher que detesta gatos.

Surpreendi-me ao saber que os seres humanos, além de não serem confiáveis por aquilo que podem fazer com um animal indefeso (sem querer generalizar), também são capazes de trair e destruir uns aos outros.

Nós, os gatos, não trairíamos nossos irmãos por causa de comida, tampouco criamos situações para roubar-lhes o carinho e o conforto onde vivem. Os gatos de rua respeitam uns aos outros e, mesmo quando encontram um saco de lixo onde há pouca comida, dividem com qualquer outro gato que se aproxime.

De igual forma, somos incapazes de nos aproximarmos de uma casa onde já habita um gato para tentar roubar-lhe a atenção que a família lhe dá, para ocupar seu espaço.

Sempre pensei que os homens fossem como nós, mas meu pai me contou tantas coisas, que cheguei à conclusão de que essa teoria de que o

ser humano é o animal mais evoluído da Terra é bem duvidosa.

Lá onde ele trabalha, as pessoas são capazes de falar mal umas das outras ao chefe, para ocuparem o lugar do colega que ganha mais.

Não entendo nada de organograma empresarial, por isso vou tentar explicar o que quero dizer de uma forma simples, com meu limitado vocabulário felino.

Cada pessoa numa empresa ocupa um cargo, e esse cargo é representado por um quadrinho. Aqueles que ficam nos quadrinhos de cima ganham mais do que os que estão nos quadrinhos de baixo. Para chegar ao quadrinho de cima, existem duas possibilidades: competência ou relacionamento.

Pela competência, a pessoa pula para o quadrinho de cima quando se destaca em sua função e o chefe chega à conclusão de que ela é capaz de fazer mais do que já faz atualmente. Aí ele passa essa pessoa para o quadrinho de cima, onde existem para ela duas opções: provar que é boa para permanecer no quadrinho ou ir para outro quadrinho mais acima ainda, ou perder todos os quadrinhos e sair fora da empresa, seja por não ter tido capacidade de executar as novas funções que passou a ocupar, seja porque foi substituída por outra, melhor relacionada.

Pelo relacionamento, a regra é que sempre a pessoa tira a vaga de alguém que ganhou o quadrinho acima por competência, e passa a ocupá-lo porque se relaciona bem com o chefe. Esse relacionamento pode ser desenvolvido por relações de afinidade, conquista ou por algo que nós, gatos, chamamos de “camundonguice”. Em outras palavras: roubar o que não é seu e nem era para ser. Isso se obtém fazendo intrigas do colega para conquistar a confiança do chefe, ou sabotando arquivos do colega ou simplesmente “puxando o saco”.

Aliás, a expressão “puxar o saco” para os gatos tem sentido diferente de “puxar o saco” para os homens. Para nós, gatos, puxar o saco significa tirar algo do outro, como puxar um saco de lixo cheio de comida gostosa, puxar o saco de peixes que acabou de chegar do mercado para comer sozinho...

Para os humanos, é o contrário. Puxar o saco significa agradar, adular, tirando o saco das mãos de uma pessoa e carregando para ela. Num primeiro momento, isso vem com a conotação de cortesia, amizade, fidelidade... Entretanto, invariavelmente quem puxa o saco hoje é o mesmo que o leva embora amanhã.

Resumindo: puxar o saco para os homens, a longo prazo, é a mesma coisa que puxar o saco para os gatos. A diferença é que não somos hipócritas, e já levamos o saco conosco logo no primeiro momento.

Meu pai estava passando por um problema assim na empresa onde trabalhava. Sua equipe de colaboradores estava totalmente desestruturada. E tudo começou pela atitude de uma funcionária puxa saco, que queria subir para o quadrinho de cima do organograma da empresa através de favorecimento pessoal.

Para isso, ela começou a investir no meu pai. Passou a observar as coisas de que ele gostava, os assuntos que mais o agradavam e se aprofundou neles. Nos intervalos para o lanche e nas oportunidades em que entrava na sala dele, sempre abordava um assunto aparentemente insignificante, e com isso atraía a atenção do meu pai para sua suposta inteligência e afinidade com o que ele gostava.

Aos poucos, Maura (esse era o nome da funcionária) conquistou sua confiança. Meu pai passou a vê-la como alguém parecido com ele em ideias e aspirações, e com isso frequentemente conversava com ela por períodos mais longos do que faria se fosse apenas sobre assuntos diretamente relacionados ao trabalho. Não havia nenhum tipo de atração sexual entre eles, mesmo porque meu pai era apaixonado pela insuportável da Marisa. Mas ele passou a se interessar profundamente pelo lado profissional de sua funcionária. E logo veio o desejo de promovê-la.

A princípio foi só um pensamento irrelevante, pois o cargo que ela ocuparia já era exercido por outra funcionária bem mais antiga e competente.

Entretanto, pouco a pouco Maura começou a sutilmente apontar falhas no trabalho da colega, muitas delas insignificantes, mas que tomavam proporções gigantescas diante das possibilidades mirabolantes de insucesso criadas por sua mente doentia, das quais acabava convencendo meu pai.

Maura era uma psicopata. Não uma psicopata assassina (nem todos o são). Era uma psicopata capaz de conquistar a confiança do outro, para atingir seus objetivos a qualquer custo.

A outra funcionária já era uma senhora que logo se aposentaria. Não seria necessário, portanto, tirá-la da empresa por meios antiéticos. Mas Maura, além de ambiciosa, não sabia esperar. Muito menos respeitar outro ser humano.

Pouco a pouco, ela foi convencendo meu pai de que Regina (a funcionária mais antiga) acabaria dando prejuízos à empresa. E, no fundo, tinha razão, pois Regina estava entrando em estado de desequilíbrio emocional por conta das armações de Maura.

Com efeito, enquanto investia na conquista da confiança do meu pai, Maura transformou a vida de Regina em um pesadelo. Intrigas e sabotagens fizeram com que Regina adoecesse e passasse a fazer uso de medicamentos controlados, o que a deixavam ainda mais vulnerável à ação de Maura.

O pior é que meu pai, encantado com as demonstrações de competência e interesse pelos assuntos da empresa, não percebia que Maura na verdade era uma fraude. Aquilo que demonstrava ser competência nada mais era que fruto de observações do trabalho alheio e frases decoradas para impressioná-lo. Nada mais. Além, é claro, de uma ambição doentia.

Meu pai sempre foi muito justo e não cedeu às investidas de Maura para que demitisse Regina. Durante muitos anos, ela ajudou-o a estruturar a empresa e conquistar novos clientes. Os fatos acontecidos nos últimos meses, muito embora o tenham deixado extremamente preocupado e insatisfeito com sua velha funcionária, não foram suficientes para levá-lo a demiti-la. Mas foram intensos demais para que ela conseguisse permanecer na empresa.

Numa segunda feira, logo pela manhã, Regina entrou na sala de meu pai e pediu demissão. Ele não concordou com aquilo, e chegou a sugerir que ela solicitasse um afastamento médico.

- Não quero licença médica, pois não sou doente. Minha doença está sendo trabalhar aqui. Vou me curar bem longe. E não pretendo voltar jamais, pois adoeceria novamente.

- Mas o que está havendo, Regina? – quis entender meu pai. Você sempre foi uma excelente funcionária, e de repente passou a cometer erros grosseiros em seu trabalho...

- O tempo dirá – foi a única resposta que ela deu, deixando a sala.

Regina perdeu todos os direitos trabalhistas que teria se deixasse a empresa sendo demitida ou quando de sua aposentadoria. A atitude de meu pai em mantê-la no trabalho, sob um clima insuportável, foi mais nociva do que se a tivesse demitido. E ele sabia disso.

A consequência óbvia disso tudo foi que Maura tomou o lugar de Regina. Meu pai, confiando cegamente em seu talento profissional, ocupou-

se com outras atividades na empresa e deixou de acompanhar de perto o início de seu trabalho. Mesmo não tendo competência para a função, Maura obtinha informações com outros colegas e ia conduzindo tudo de forma superficial e atrapalhada. Mas era tão esperta que os superiores não percebiam isso.

Para resumir a história, logo Maura tentou tirar o cargo do meu pai. E foi aí que ele conseguiu desvendar seu verdadeiro caráter. Por sorte, ele percebeu isso a tempo de demiti-la. Salvou seu emprego, mas não conseguiu que Regina voltasse à empresa. Naquele momento, ela já havia se mudado para o interior, e todos perderam o contato. Foi uma grande injustiça, que meu pai carregou consigo por toda a vida.

Durante um longo período, os trabalhos da equipe de meu pai foram prejudicados, pois os erros de Maura começaram a aparecer e, além disso, ele custou a conseguir outra funcionária com o perfil para o cargo. Sua reputação na empresa foi abalada e ele quase perdeu o cargo que levou anos para conquistar com honestidade e dedicação.

Toda essa situação serviu para mostrar a meu pai que as aparências podem enganar muito, e numa empresa os mais ambiciosos são geralmente os funcionários simpáticos, amigos, solícitos e aparentemente leais.

Os grupos humanos se diferenciam muito dos grupos felinos no aspecto aparência. Um gato bravo tem sempre cara de mau. Foge ao menor movimento humano e é capaz de rasgar com garras e dentes uma pessoa que tenta segurá-lo. Um gato manso ronrona ao menor contato humano e se torna companheiro da pessoa que o alimenta e dá carinho. Se não gosta de outro gato da casa, logo demonstra isso, e ambos acabam dividindo o território da forma que lhes convém, sem envolverem o ser humano na disputa.

Os homens são diferentes. Maus parecem bonzinhos e os bonzinhos muitas vezes nem são percebidos. Os gatos são capazes de enfrentar o perigo para conseguirem alimento. Os humanos colocam o outro em perigo, mas nunca a si próprios, para conseguirem alcançar seus objetivos.

Nós, gatos, vivemos em permanente interação entre o plano espiritual e o físico, e por isso sabemos que a vida não começa nem termina aqui. Levamos conosco todas as energias negativas captadas no ambiente físico, e por isso evitamos contato com pessoas negativas. Os homens são diferentes. A maioria deles vive como se este mundo fosse único. Trai, destrói, chega a matar para conseguir dinheiro e sucesso. Mesmo aqueles que acreditam na

vida espiritual, não agem como se a vida continuasse após a morte. Conduzem suas vidas como se o dinheiro fosse a razão de terem vindo ao mundo, e vivem em função de consegui-lo a qualquer preço.

Homens são hipócritas, dizem que amam suas mulheres e as traem. Não aceitamos sermos comparados a eles, pois sabemos separar o instinto de perpetuação da espécie (quando acasalamos) do amor que sentimos por outros gatos ou por nossos donos. E jamais traímos esse amor, mesmo quando somos traídos. Se nosso dono nos abandona em outro lugar distante, atravessamos uma cidade inteira para procurá-lo. E quando o encontramos, nossos corações palpitam forte, pois nessa hora nossa fraca memória já apagou qualquer resquício de lembrança do abandono.

Dizem que cães são ligados ao dono e gatos à casa. Quem disse isso, certamente nunca teve uma relação de amor com um gato. Nunca dormiu com um gato na cama e o abraçou nas noites frias. Pois quem já fez isso, pode se mudar de vinte casas durante a vida, que o gato o acompanhará em todas as mudanças. Gatos são independentes para buscarem seus próprios prazeres nas caminhadas matutinas e nas caçadas noturnas. Mas amam seus donos como os cães os amam, e desconhecem qualquer sentimento ligado a inveja ou traição.

Gatos são amigos de outros gatos e filhos de seus donos. Homens são amigos dos prazeres, do dinheiro e do egoísmo. Traem seus próprios sentimentos quando se deparam com alguém que possa ser mais interessante que seus cônjuges e depois se redimem com um perfume importado e uma garrafa de champanhe.

Homens são superficiais. Dizem que acreditam em Deus e na espiritualidade, mas passam a vida trabalhando duro para ganharem muito dinheiro e comprarem propriedades para a própria família. Não se dedicam a construir uma vida melhor aos irmãos que não têm as mesmas oportunidades na vida, e sempre justificam isso como preocupação familiar, e não como egoísmo.

Gatos são espiritualistas. Não armazenamos alimentos em detrimento de outros gatos que estão passando fome, nem colecionamos camas macias ou bolinhas de papel. Usamos apenas aquilo de que precisamos, e abandonamos qualquer coisa que nos é dada em duplicidade. Fazemos isso para servir de exemplo aos homens. Mas estes jamais reparam em nossos pequenos, mas profundos gestos.

CAPÍTULO VII

Uma viagem ao mundo espiritual

Finalmente chegou o dia. Mariana veio me buscar para visitar Tigresa. Vivi já havia superado a morte da mãe, e estava passeando no bairro quando surgiu a oportunidade. Fui sozinho.

- Você não pode ter medo – explicou Mariana. Apenas faremos uma viagem. Você vai, visita Tigresa e volta.

- Tem certeza que não vou morrer e ficar por lá?

Mariana deu uma de suas gostosas e inconfundíveis gargalhadas. Era uma criança muito esperta e adorava se divertir. Ainda que fosse à custa de nossa ignorância.

- A morte não existe, Jack. Morrer é como jogar uma roupa velha fora. Só isso. Olha eu aqui. Estou viva, e não tenho corpo físico. Vou lhe mostrar como faremos a transposição do seu corpinho peludo até o mundo onde Tigresa vive agora. Vem no meu colo, gatinho medroso! – ela então me pegou e começamos a viajar.

Senti que percorríamos o espaço velozmente, mas não tive coragem de abrir os olhos. A sensação era como se estivesse viajando do lado de fora de um avião. Dava medo, mas era sensacional! Deu até vontade de gritar: iiiiuuupiiii!!!! Mas assim que pensei em fazer, já tínhamos chegado no nosso destino.

O lugar era lindo e repleto de pessoas. Havia um agradável cheiro de flor no ar e ao fundo uma suave música que misturava sons de harpa e sininhos dava uma sensação de tranquilidade que eu jamais havia experimentado. Não vi animais por ali, e estranhei um pouco.

- Tigresa está no hospital de recuperação – explicou Mariana, chamando-me para acompanhá-la.

- Mais uma coisa estranha... – pensei. Desde quando hospitais permitem a entrada de gatos?

Mariana ignorou meu pensamento e caminhou até o hospital. Quando entrei lá, vi Tigresa esborrachada no colo de uma velhinha, a cara de contente e os pêlos brilhantes como nunca.

Não controlei minha emoção e pulei em cima dela no colo da velha senhora, se que assustou e a colocou depressa ao chão. Ambos ronronamos de alegria enquanto roçávamos o corpo um no outro.

- Senti muito sua falta – sussurrei, com a voz embargada.

- Eu também senti muita saudade de você e dos meus filhos. Mas sempre me permitem vê-los numa tela que fica ali no outro cômodo. Vi como você ficou caseiro depois que vim para cá...

Eu não tinha palavras para expressar minha emoção, e durante alguns instantes permaneci calado, dando umas lambidas pelo corpo de Tigresa.

- Onde estão os outros gatos deste lugar? – foi minha primeira frase curiosa, após passar a emoção.

- Os gatos ficam só sete dias aqui e depois voltam. Só permanecem os animais cujos donos já estão aqui, e pedem permissão aos entes superiores para que fiquem, ou aqueles que podem ajudar as pessoas que vieram para cá há pouco tempo e ainda estão em tratamento. Auxiliamos na recuperação espiritual dos que morrem e precisam se adaptar ao mundo incorpóreo.

- A Mariana me disse que aqui é um hospital. Como permitiram que você fique aqui?

- Não é um hospital como o dos humanos. Aqui as pessoas são curadas com orações, mas também fazendo algumas atividades de que gostavam, ou interagindo conosco. Essa boa senhora tinha muitos gatos quando vivia na Terra, e estou fazendo-lhe companhia até que ela possa deixar este lugar.

- E daqui eles vão para onde?

- Para suas casas, cada um em sua colônia. À noite, dou uma passeada lá fora, e nesses passeios vi muita coisa que nunca imaginei existir. Este lugar é lindo. Conheci um casal que adora gatos, e eles me explicaram como é aqui. As pessoas levam uma vida normal, trabalham e auxiliam os outros. As mais preparadas podem ir até o plano terrestre, para ajudar os que lá habitam, como a Mariana, por exemplo.

Tigresa conduziu-me até uma almofada impecavelmente branca que ficava no canto do salão e, aconchegando-se ao meu lado, continuou:

- O casal que conheci aqui já viveu muitas vidas no plano terrestre. Eles são o que os homens chamam de almas gêmeas.

- O que são almas gêmeas? – interrompeu Mariana, que naquele momento se aproximava de nós.

Um senhor muito elegante, que estava sentado em uma cadeira de balanço com um livro aberto nas mãos tirou os óculos e começou a explicar:

- Menininha, você já ouviu a frase “nasceram um para o outro”?

- Já, sim – respondeu Mariana, sentando-se no braço da cadeira.

- Pois então. Tudo acontece mais ou menos assim: duas pessoas que se amam e terminam a vida juntas não se separam após a morte. Uma espera a vinda da outra aqui no plano espiritual e elas dão continuidade à relação de amor, só que aqui é um amor supremo, puro e incondicional. Um sentimento tão grande, que as pessoas não brigam, nem sequer se desentendem no plano espiritual. Só que chega a hora em que elas precisam voltar ao mundo físico. Precisam reencarnar. Então elas prometem uma à outra que a separação será breve, e que se reencontrarão na Terra. Um dia o destino fará com que elas realmente se reencontrem, mas não existe nada escrito ou lembrado que prove que elas já se conheciam e se amavam. Então muitas vezes uma não identifica o amor na outra, e se afastam. Quando isso acontece, elas podem criar outro vínculo também intenso com outra pessoa e com isso dar início a outra relação que perdurará após a morte. O fato de serem almas gêmeas não significa que estarão destinadas a viverem juntas por todo o sempre. Significa que se amam e se prometeram uma à outra, mas o coração pode quebrar essa promessa durante a passagem pela Terra e comprometer a continuidade do vínculo. Elas não deixarão de ter afinidade por conta disso, mas darão início a uma nova relação espiritual. Por isso, é importante que, quando uma pessoa identificar o amor verdadeiro em outra, não a deixe se perder no mundo, antes de ter a certeza de que não há uma forte relação espiritual entre elas. O livre arbítrio pode mudar para sempre o destino de duas pessoas. No caso deste casal que a gatinha comentou, ele está prestes a encarnar. Ambos se prometeram, e talvez ela também encarne logo em seguida. Vamos torcer para que, ao se reencontrarem na Terra sem a memória do que viveram antes, possam se reconhecer e continuar juntos. Igual a nós, que aqui estamos mesmo após minha morte física.

- Ele ouviu o que a gente estava falando... – cochichei para Tigresa.

- Não ouvi, gatinho – sorriu o homem, acariciando minhas costas. Aqui nós não usamos a fala, e sim o pensamento. Nós interpretamos o

pensamento dos animais. Acaba sendo o mesmo que ouvir...

- Mas como uma pessoa sabe quem é a alma gêmea dela? – perguntou Mariana.

Enquanto o homem explicava, resolvi aproveitar para tirar um cochilo junto de Tigresa, que naquele momento já dormia. Ainda sonolento, ouvi as explicações tão desinteressantes para mim:

- Lembre-se de sua infância no plano terrestre, quando você imaginava que um dia iria se apaixonar por alguém que, na sua inocência, ainda não tinha rosto nem sexo. Era um ser ainda distante e indefinido. Talvez uma vaga lembrança. Talvez uma tênue previsão dos anos futuros. Você cresce (seria a ordem natural das coisas, se você não tivesse desencarnado) e, durante ou logo após a adolescência, encontra o primeiro amor e fica inebriada pelo sentimento que floresce em seu peito e domina sua alma. Você respira e suspira por aquela pessoa que despertou em você um sentimento novo. Novo porque nunca antes sentido. Aquela não é sua alma gêmea. Almas gêmeas não fazem nascer sentimentos novos; elas despertam um sentimento adormecido que sempre esteve em nossos corações, repousando em silêncio à espera de um dia ser revelado quando encontrarmos nosso verdadeiro amor espiritual.

O raio do homem falava sem parar. Não consegui dormir. Com o canto dos olhos, vi que Mariana estava sentadinha no chão, encostada à cadeira de balanço, quando ele colocou o livro em cima de uma cômoda e continuou:

- O sentimento desperto quando nós nos deparamos com nossa alma gêmea é único e inconfundível. Um alerta é disparado mesmo ao som de uma voz ao telefone. Uma sensação de já conhecer a pessoa quando a vemos pela primeira vez toma conta de nossa alma e nos conduz a um questionamento intrínseco que, pouco a pouco, vai cedendo lugar ao amor que vai se revelando por aquele ser tão estranho e, ao mesmo tempo, tão familiar. Reconhecer este sentimento como o sinal de que encontramos nosso companheiro espiritual, seja homem ou mulher, é uma das mais evidentes demonstrações dos resquícios de memória que sobrevivem aos sucessivos percursos entre a vida física e a espiritual. Aceitar o outro em nossa vida, relegando à insignificância as perenes diferenças que a matéria evidencia, para valorizar aquilo que realmente proporcionará a felicidade a ambos, faz parte do arbítrio humano, que por razões das mais diversas, muitas vezes renega seus sentimentos e trai os vínculos espirituais que deveriam se perpetuar durante sua estada no mundo físico.

Naquele momento, a velhinha amiga de Tigresa se aproximou e interferiu na conversa (melhor, no monólogo, pois a essas horas Mariana já estava distraída brincando com uma borboleta que pousou em seu sapato):

- Não há dor maior que a de uma pessoa que enxerga a presença de sua alma gêmea no mundo físico e estende-lhe a mão, para continuarem o vínculo de união outrora quebrado pelo nascimento no plano físico, e é rechaçada pela descrença do outro, cujos olhos da alma tornaram-se cegos ante às novas condições de vida, físicas e limitadas...

- Com efeito - concordou o homem - existe uma angústia profunda e inexplicável que, não raro, faz doer o peito daquele que procura inconscientemente pelo amor do qual se separou após o último nascer no plano físico. Essa dor o acompanhará por toda a vida se mantiver os olhos da alma fechados para as evidências que o destino lhe traz, colocando-lhe frente a frente com seu verdadeiro amor, mas cobrindo a ambos com as vestes da matéria, como num teste crucial de identificação do qual um, ou ambos, podem sair reprovados.

A senhora assentiu com a cabeça e concluiu:

- Almas gêmeas encontram-se sempre. Mas não é sempre que se identificam. Para que não se percam nesse universo de desencontros, precisam ter sempre abertos os olhos da alma.

Naquele momento, o homem levantou-se da cadeira e começou a remexer os livros de uma estante até que, dentro de um deles, pegou uma folha de papel e começou a ler, quase em tom de discurso:

*“Nos amamos e nos prometemos antes da partida.
Juramos que seríamos fiéis
E que nos reconheceríamos no reencontro.
Asseguramos um ao outro que não nos perderíamos
E que o sinal de que fomos amantes no passado espiritual
Seria o brilho dos olhos, ao primeiro contato visual.
Nossa memória, no entanto, se perdeu no universo,
Nos reencontramos no plano físico e não houve qualquer sinal.
Não reconheci tua voz, não percebi o brilho dos teus olhos,
Não senti qualquer emoção diferente quando toquei tuas mãos,
Em um frio cumprimento de formalismo.
Sequer correspondi a tuas inúteis tentativas de conquista,
Já que fisicamente tu não despertaste meu interesse.*

*Como um rude visionário envolto em sua fantasia tosca,
Passei a vida te buscando nos desenhos das nuvens,
No contraste das sombras nos dias de verão,
Nas rajadas de vento à beira-mar.
Minha vida foi apenas uma passagem sem sentido,
Trabalhei, ganhei dinheiro, fiz amigos e inimigos.
Só não encontrei o amor, pois não pude te identificar
Quando o destino cruzou nossos caminhos.
Te perdi e me perdi, na cegueira da falta de lembrança
E na insensível percepção prejudicada pelos preconceitos.
Apenas me achei, quando novamente te achei,
Ao retornarmos ao plano espiritual.
Tarde demais, pois alguém te achou antes de mim,
E minha insensibilidade, meu preconceito e minha indiferença
Conspiraram uníssonos para que tua alma se unisse a outra alma,
E nosso amor, até então infinito, se transformasse em ternura,
Nossas promessas de união se tornassem de vínculo fraterno
E nossas almas seguissem outro destino,
Já sem saudade nem expectativa alguma.”*

Percebi que a velhinha enxugou os olhos, quando ele, também emocionado, concluiu:

- Escrevi isso para a mulher que eu mais amei em toda minha existência espiritual. Nos prometemos um ao outro e, quando nos reencontramos no plano físico, eu não a reconheci. Almas gêmeas não são inseparáveis. Ela seguiu outro destino. E eu, aqui estou com minhas lembranças de um passado que já não tem mais volta. Em nossa última encarnação, minha falta de sensibilidade espiritual fez com que nossa história, antes um livro recheado de lindas passagens românticas, se resumisse a uma folha de papel em branco, sem linhas, sem palavras, sem absolutamente nada. Apenas uma folha em branco.

Eu já estava coçando pulgas imaginárias, de tanto tédio, quando Mariana abaixou-se ao nosso lado e, acariciando a cabeça de Tigresa, disse que eu precisava ir. Foi um momento muito difícil, mas atendi passivamente diante da promessa de que poderia voltar em outra oportunidade.

A viagem de volta foi quase instantânea. Num momento eu estava ao lado de Tigresa, dirigindo-lhe o último olhar de carinho. Noutro, já estava no jardim de casa, relembando as lições que recebi de Tigresa e dos dois velhos sobre almas gêmeas e tentando compreendê-las. Muito embora tal aprendizado não influenciasse em nada minha vida, eu queria entender um pouco sobre isso, pois meu pai estava quase se casando com uma mulher de quem eu não gostava, e eu queria poder saber se ela era a alma gêmea dele.

- Pelo que entendi de tudo o que falaram hoje, não é difícil identificar a alma gêmea – explicou Mariana diante de meu interrogatório. O problema é que as pessoas não nascem com um selo que as identifique como “alma gêmea de José da Silva” ou “alma gêmea de Maria de Tal”. E os seres humanos têm o péssimo defeito de só acreditarem naquilo que podem ver ou comprovar. Os assuntos espirituais envolvem apenas a fé e as sensações emocionais. Cabe ao indivíduo acreditar ou não. Mas eu creio que é mais comum as pessoas que se amavam no plano espiritual se reencontrarem e viverem juntas no mundo físico, do que não se reconhecerem. O que acontece é que, muito embora a pessoa saiba, em seu íntimo, que a outra é sua alma gêmea, muitas vezes a rejeita, quer por diferenças sociais, quer por preconceito, quer porque já estavam unidas a outra família e não quiseram mudar o rumo da vida.

- Entendi mais ou menos. Mas agora não quero mais saber nada sobre isso. É muito complicado para um gato. Vou torcer para que meu pai não se case com a pessoa errada. Minha parte é só essa. Deixarei essa compreensão sobre almas gêmeas para os humanos. Quero mais é saber se minha vasilha de ração está abastecida, pois essa viagem me deu uma fome e tanto...

- Até mais, Jack – despediu-se Mariana, esfregando meus pêlos.

- Tchau, menina. E obrigado pelo passeio. Quero ir mais vezes visitar Tigresa, se possível longe dos espíritos falantes dos humanos.

- Ok! – acenou Mariana, desaparecendo no espaço.

CAPÍTULO VIII

A grande decepção de Jack

Percebi que meu pai andava meio estranho nos últimos dias. Frequentemente, eu o via ao telefone falando com um tal de “corretor de imóveis”, que eu não sabia quem era ou o que significava. Mas, no fundo, minha intuição me dizia que o que estava acontecendo iria influenciar profundamente minha vida. Infelizmente, eu estava certo.

Ele nunca mais havia se sentado para conversar comigo. Parecia estar sempre sem tempo para nada. Os humanos só conversam com os animais quando não têm outra coisa para fazer. No caso dele, tinha muitas. Percebi que em breve se casaria com Marisa, pois presenciei os preparativos de festa, lista de convidados, roteiros de viagens...

Lembro-me do dia em que eu estava dormindo no sofá quando tocou a campainha e ela chegou, toda perfumada, com um vestido preto. Meu pai havia arrumado cuidadosamente a mesa do jantar e colocou um vinho na geladeira. Parecia que iriam comemorar alguma coisa.

Ela apenas me olhou, mas não disse nada. Estranhei a mudança repentina. Foi a primeira vez em que não implicou com minha presença na sala, desde que nos conhecemos. Continuei quieto, passando-me pelo ser sem cérebro e sem compreensão que os humanos julgam ser um animal. E a conversa que ouvi foi a pior da minha vida. Senti como se uma gota ácida percorresse meu peito, corroendo minha alma e causando uma dor profunda em minhas entranhas. Era um misto de tristeza, medo e a sensação de ser trocado ou, melhor, traído.

Meu pai tinha comprado um apartamento. Marisa estava ali para comemorar a entrega das chaves. Eles se casariam e se mudariam para lá. O detalhe sórdido é que meu pai teria que se livrar de mim.

- Podemos levá-lo para lá conosco – argumentou meu pai.

- Eu jamais viveria em um apartamento com um gato morando nele. Você sabe que odeio gatos! – reclamou a malvada.

- Mas o que eu farei com ele então?

- Deixe-o aqui. Você sabe que gato é fiel à casa. Ele vai preferir ficar a ir conosco.

- Não acredito nisso...

- Então pense em um jeito de doá-lo. A cidade está cheia de entidades que abrigam animais sem dono!

- Você é insensível demais! Ele não é um animal sem dono! Eu o comprei e paguei caro. Tem pedigree e tudo.

- Se o problema é dinheiro, eu te dou o que você gastou com ele!

Nesse momento, os dois já gritavam, e o que seria uma comemoração romântica se transformou em quebra pau.

- Você é egoísta! Só está pensando em seu próprio umbigo. O gato é meu e não quero me livrar dele! – aquela frase do meu pai por uns instantes me reconfortou com a esperança de que não me deixaria.

- Insensível, egoísta... O que mais eu sou? – gritava a louca. Pois então você fica com esse gato e esquece o casamento. Definitivamente, não vou morar num apartamento com esse gato ou qualquer outro animal!

Ela já estava pegando a bolsa para sair, quando meu pai a puxou pelo braço e abrandou a voz:

- Calma, meu amor... – disse ele em tom suave. Vamos conversar. Olha, vem até aqui. Comprei o vinho que você gosta. Hoje não é dia de brigarmos. Pegamos as chaves do nosso apartamento. Isso merece uma comemoração em alto estilo!

- Só se você me prometer que vai dar um jeito nesse gato!

- Eu faço qualquer coisa por você – disse meu pai, abraçando-a enquanto enfiava um punhal nas minhas costas. Vou dar um jeito, sim.

Levantei-me do sofá, atravessei a sala e pulei a janela. Se permanecesse mais um minuto ali, iria voar nas costas daquela cobra peçonhenta. Já no muro, olhei para trás e vi os dois se agarrando no corredor que levava até o quarto. Ela venceu.

Meu pai era o único ser humano que eu amava. A única pessoa em quem eu confiava. Sempre acreditei que ele me protegeria de tudo, que cuidaria de mim na minha velhice, que estaria ao meu lado quando chegasse minha hora de partir. Estava enganado. As mulheres são capazes de

convencer os homens apaixonados a fazerem qualquer coisa por elas. Inclusive a trair a relação deles com os animais.

Fui até o quintal de Bela e contei a ela o que tinha acontecido. Minha amiga era muito sensível, e sofreu minha dor. Eu também era o único amigo dela, e temeu que aquela situação nos separasse. Então, para espantar tanta tristeza, chamou-me para brincar. Abocanhou meu pescoço e fingiu me morder para que eu fugisse e ela corresse atrás de mim. Não sei como consegui, mas Bela fez com que eu me divertisse num momento tão doloroso. Corri dela até cansar, e no final ambos nos deitamos na cama que ficava no canil e dormimos um sono profundo. Daqueles sonos em que a dor no peito é tão profunda, que mesmo no estado inconsciente nós a sentimos, temos pesadelos e acordamos com ela ali, cortando nossa alma como uma faca.

Desde então, não consegui mais olhar nos olhos do meu pai. Ainda ronronava quando ele me fazia um carinho rápido pela manhã ou quando chegava do trabalho. Mas não era mais um ronronar de satisfação. Era uma sensação de consolo fugaz num oceano de dor. A dor da traição.

O tempo foi passando e, conforme ia se aproximando a data do casamento, os preparativos para a mudança aumentavam. Logo ele começou a encaixotar as coisas. Minha “avó” chegou de viagem e isso me deu a certeza de que o dia estava próximo. Ela me ignorou. Não se incomodava com minha presença, mas também não foi uma advogada em minha causa. Tratou-me como se eu não existisse.

Até que, numa sobra de tempo entre uma caixa e outra, meu pai pegou-me no colo e disse com voz mansa:

- Jack, você deve estar percebendo que vou me mudar daqui...

Ronronei numa inútil tentativa de apelar para os sentimentos dele, mas sabia que seria em vão.

- Para onde eu vou é um apartamento, e não seria bom para você viver confinado, já que aqui está tão acostumado a passear, já tem os outros gatos que são seus amiguinhos...

A vida me ensinou que os humanos, quando querem se livrar de um animal, mas se deparam com o conflito lealdade *versus* egoísmo, sempre fundamentam a decisão de doar ou abandonar o bicho com a frase “vai ser melhor para ele”. Parece que essa justificativa torna mais fácil executar uma decisão já tomada, isentando o dono da responsabilidade pelo destino que o animal terá a partir dali. Com este “vai ser melhor para ele”, qualquer

má sorte que o animal tiver a partir daquele momento, mesmo não tendo tido a oportunidade de opinar sobre o que ele realmente deseja, passa a ser obra do acaso ou, no máximo, consequência de seu jeito arisco, ou bravo, ou bobão demais. Nunca o resultado de uma conduta egocêntrica, em que o homem faz o que é melhor para ele próprio, mas não tem sequer a coragem de assumir sua própria decisão.

Sem conseguir imaginar como seria minha vida depois que meu pai me deixasse, eu tentava me consolar com a possibilidade de que ele houvesse encontrado um novo lar para mim, com pessoas que me amariam e cuidariam de mim para sempre. Já estava quase sentindo uma ponta de esperança de uma vida tão boa quanto essa que eu levava, com outra família, sendo visitado frequentemente por meu pai, recebendo o carinho dele e de outras pessoas também, quando meus pensamentos foram interrompidos com mais essa notícia:

- Então eu resolvi que deixarei você aqui.

Não tenho como descrever o que senti naquele momento. Os humanos acham que os animais não entendem o que eles dizem, mas no fundo sabem que entendemos. Caso contrário, não conversariam conosco. Ele não me doaria, não me entregaria a um estranho... Ele simplesmente iria me abandonar na casa vazia!

- Vou deixar sua cama e as vasilhas com água e ração. Todos os dias, virei tratar de você. Com isso, pouca coisa irá mudar na sua vida. Continuará morando na mesma casa e será tratado como sempre. Já conversei com a vizinha. Nos dias em que eu não puder vir, ela lhe dará ração e água fresca. Você ficará bem, Jack!

Eu não podia acreditar no que estava ouvindo. Ele realmente iria me abandonar. Por mais que eu tentasse, não conseguia entender aquilo. Nem mesmo sabendo que ele se casaria com uma mulher que não gostava de mim. Afinal, eu era filho dele, e cheguei antes dela. Não era justo... Meu coração doía, mas minha limitação animal não me permitia expressar meus sentimentos, a não ser pelo ronronar que cessou naquele momento, o que passou despercebido por ele.

Os humanos acham que as únicas coisas importantes para os animais são comida e água. Quando viajam, acreditam que basta deixarem um saco de comida e uma bacia cheia de água, e ficaremos bem. Não sentimos saudade, não amamos, não nos sentimos sozinhos, não sofremos o abandono... Apenas nos basta comer e beber. Quem sabe um robô seja

assim, mas nós, mamíferos, temos espírito, cérebro, coração e sentimentos. Há um tênue conhecimento no subconsciente humano de que nós entendemos o que ocorre a nosso redor e compreendemos sua linguagem. A soberba dos homens, no entanto, os faz ignorar essa possibilidade, pelo simples fato de não sermos dotados da mesma forma de linguagem utilizada pelas civilizações.

Meu pai me abandonaria. Eu não podia acreditar naquilo. Será que ele estava preparando uma surpresa para mim? Não, não era possível... Ou quem sabe, na última hora, ele iria voltar atrás. Ah, isso sim, era possível. Com certeza, ele se arrependeria. Marisa não deixaria de se casar com ele por minha causa. Eu iria com ele, sim! É claro, por que não tinha pensado nisso? Ele de fato pensou em me deixar, provavelmente para agradá-la, mas não teria coragem. Eu iria com ele! Era esse meu destino. Não foi à toa que ele me escolheu numa gaiolinha cheia de outros gatos... Era meu destino passar a vida ao lado dele. Eu iria sim!

Por alguns dias, cheguei a me achar um tonto em ter acreditado numa bobagem como a possibilidade de ser abandonado pelo meu próprio pai, que me amava. Até me arrependi por ter sofrido de antecipação, apenas porque ele teve esse pensamento egoísta para agradar a noiva. Acreditei nisso até o dia em que o caminhão de mudança parou em frente à nossa casa, e começou a recolher as coisas. Meu pai, minha avó e Marisa andavam de um lado para outro, ajudando os homens a carregarem as caixas, até que meu pai pegou minha cama e minhas vasilhas. Fiquei sentadinho atrás do rack da TV, olhando o movimento, e contente por ver que minhas coisas também iriam com a mudança. Resolvi seguir meu pai, para me assegurar de que colocaria minha caminha em um lugar seguro, quando o vi no canto da garagem arrumando a ração e a água ao lado de minha cama.

Fiquei em estado de êxtase naquele momento. Era um misto de desespero, indignação, medo, decepção, tristeza e todos os sentimentos dolorosos do mundo, juntos e indescritíveis, num único momento. Nem consegui sentir carinho quando ele me pegou no colo e me beijou, dizendo docemente “até mais, Jack!” e me colocando na cama, como se eu fosse dormir.

O caminhão partiu e o carro de meu pai foi atrás. Caminhei lentamente até a ponta da calçada e fiquei olhando. Minha família acabou. Senti que eu estava transformado em um gato de rua. Abandonado.

Naquele momento, comecei a sentir que fui o único culpado por tudo aquilo. Não deveria ter provocado Marisa na primeira vez em que ela nos visitou. Deveria ter mantido distância. Por várias vezes, fiz com que meu pai e ela brigassem por minha causa. Comecei a relembrar do dia em que puxei o fio da meia calça dela, da primeira vez em que derrubei as coisas que estavam na mesa para provocá-la, do dia em que derrubei pêlo no copo de água que ela estava bebendo... “Foi tudo isso”, pensei, “fui eu o único culpado!”. Meu pai era muito bom para mim, até pagou um veterinário para Tigresa e a enterrou no nosso terreno. Ele não teria me abandonado se eu não fosse um gato mau!

Chorei o choro mais amargo de minha vida. De meus olhos não saíam lágrimas, mas minha alma estava retorcida de dor. O que eu iria fazer, a partir daquele momento? Entrei e tentei abrir a janela da sala com minha patinha. Estava trancada. Então subi no muro e dei a volta. Entraria pela cozinha... Não, também não deu. Todas as portas e janelas estavam trancadas.

Então fui para o muro e entrei no quintal de Bela. Ela apenas me olhou e não disse nada. Sequer tentou me chamar para brincar, como sempre fazia. Apenas me olhou e foi se deitar. Fui atrás e deitei encostado nela. Quase não dormi. Quando cochilava, acordava de sobressalto. Eu havia sido abandonado, e não tinha mais casa. Minha amiga sabia disso. E sabia também que, dali em diante, ela seria minha única família.

CAPÍTULO IX

Lembranças do passado

Os dias que se passaram após a mudança do meu pai não foram nada fáceis. A vizinha, muito simpática, vinha pela manhã e colocava ração e água na varanda da casa que um dia foi meu lar. Chamava pelo meu nome, mas eu não me aproximava. Logo que ela saía, os gatos da vizinhança iam até lá e comiam minha comida. Quando ela voltava no dia seguinte, ficava satisfeita em pensar que era eu quem comia.

Não demorou para que colocassem uns homens lá para pintarem a casa. Eles não gostavam de gatos, e nos espantavam sempre que tentávamos nos aproximar.

Emagreci bastante naquele período, tanto pela saudade que sentia do meu pai e da vida feliz que eu levava ao lado dele, quanto pela falta de comida. Somente um mês após a mudança, ele apareceu lá, sozinho, todo arrumado e feliz. Chamou pelo meu nome várias vezes. No início, eu me escondi. Não queria me aproximar dele, para não reabrir a ferida que já estava cicatrizando em meu peito. Mas pouco depois não resisti e fui. Ao me ver no muro, ele deu um sorriso de felicidade. Pegou-me nos braços e me beijou. Acreditei que naquele momento teria vindo para me levar com ele. Conversou comigo, disse que Marisa estava grávida e que seria pai. Explicou que, infelizmente, não poderia levar-me para morar no apartamento, pois eu poderia pôr em risco a saúde do bebê. Mas que sempre que desse, voltaria para me ver. Então me colocou de volta no chão e saiu, sem olhar para trás.

Mais uma vez fiquei perplexo sem entender a frieza que move as ações dos seres humanos. Os animais são tratados como objetos descartáveis. Uma oportunidade mais conveniente é o bastante para que sejamos abandonados. Percebi que meu pai jamais me amou o suficiente para não abrir mão de mim. “Homens amam homens. Animais devem amar somente

animais”, pensei. “Não devemos amar nossos donos. Eles são capazes de nos abandonar quando menos esperamos”. Não deveria ter tido esses pensamentos, mas naquele momento, a revolta tomou conta de minha alma.

Sei que, ao nascermos neste plano físico, ficamos sujeitos a todo tipo de provações. Aos seres humanos, são necessários o sofrimento e as perdas, como parte de seu processo de evolução. Aos animais, todo o tipo de sofrimento que lhes é impingido serve como uma vitrine para que os homens se sensibilizem e se tornem melhores ao exercitarem o dom da compaixão. Não existem barreiras entre o mundo físico e o espiritual. Tudo o que as pessoas vivem hoje, integra uma cadeia de acontecimentos que as une a seu passado espiritual e ao futuro de sua existência. Ser feliz ou não é parte deste processo e só depende de suas escolhas.

As pessoas muitas vezes se tornam infelizes por não compreenderem sua verdadeira essência. A essência do ser humano não está contida na matéria, nem nos aspectos de personalidade, nem no intelecto. É algo muito mais profundo. Está em suas raízes espirituais. Todos foram criados com os mesmos potenciais para o bem e para o mal, e com o livre arbítrio para fazer suas próprias escolhas a cada passo no trajeto universal. Com isso, os próprios seres foram moldando suas características individuais e as progressões carmáticas. Tudo é elo que se liga a tudo. Desde o olhar, o sorriso, o semblante, as doenças, o sofrimento, as conquistas, enfim, nada neste mundo existe sem uma razão. Não existe um indivíduo infeliz com um sorriso iluminado, como não existe um ser evoluído com o rosto sombrio. Do mesmo modo, não há árvore doente com folhas verdes, nem árvore saudável com galhos ressecados. Os aspectos físicos revelam a essência. O homem deve descobrir onde deve mudar o rumo do caminho que trilha, para evoluir em sua essência, sendo resiliente sempre que necessário.

Numa de minhas vidas anteriores, num passado remoto, fui o gato de estimação de um sábio. Poucas coisas ainda trago em meu livro de lembranças espirituais, mas a experiência que tive com ele foi tão marcante, que não poderia deixar de recordá-la agora, pois ele me ensinou que, com amor e perseverança, tudo é possível na vida.

Ele era um homem sozinho, que vivia em uma casa afastada da cidade, num lugar onde os gafanhotos atacavam as plantações e os lobos devoravam as galinhas. Era difícil produzir os próprios alimentos naquele

lugar. Além disso, a região era muito seca e frequentemente não havia água nem para tomar banho.

Naquela época, ainda existiam pessoas que conseguiam conversar com os animais pelo poder da mente. Ele era uma delas.

Eu não compreendia porque meu dono insistia tanto em viver em um lugar onde tudo era mais difícil de se conseguir do que na cidade, em que com dinheiro era possível comprar comida e obter água encanada.

Meu dono e mestre, com a tranquilidade dos sábios, me explicou um dia:

“Meu bichano querido, existem muitas necessidades humanas que nem os próprios homens conseguem decifrar, tampouco os animais. O homem que possui todos os suprimentos para saciar a fome, que conquista com facilidade a mulher de seus sonhos, que acumula riquezas e consegue, durante sua vida, condições para ter tudo o que deseja, termina os dias sem conhecer o verdadeiro sentido da existência humana. Deus criou o sol, mas também as chuvas, o calor e o frio, o dia e a noite. Precisamos experimentar todas as espécies de elementos do universo em que vivemos, para que possamos prosseguir no caminho da evolução. De que adiantaria eu ter dinheiro para ir até o mercado comprar alimentos, se não houvesse jamais experimentado a sensação de não os ter? É nas adversidades que se coloca à prova o mais importante instrumento de progresso espiritual que Deus colocou nas mãos dos homens: a perseverança. Defendendo a plantação das pragas, espantando os lobos que devoram minhas galinhas, caminhando quilômetros de distância para conseguir água durante o verão, aprendi que, sem perseverança, somos como pedras cravadas no solo. Inertes, estáticas. A riqueza não corrompe o virtuoso, mas a pobreza poderá destruí-lo, se não houver perseverança. Ser perseverante não é insistir uma ou duas vezes para alcançar um objetivo, para depois regressar, com o argumento de que não foi possível. É muito mais que isso. É sermos capazes de reconhecer em cada sonho, em cada paixão, em cada meta, uma peça indissociável do quebra cabeça de nossa história, que precisa ser alcançada para que possamos completar esse jogo que se chama vida. A cada peça perdida e esquecida, a cada peça abandonada por falta de perseverança, a cada peça desperdiçada, vamos deixando buracos em nosso ciclo evolutivo, que vão paralisando nosso crescimento espiritual.

Quando fomos gerados, todas as peças deste quebra cabeça foram espalhadas no universo. A todo momento, nos deparamos com situações

que nos conduzem ao desafio de buscá-las. As decepções amorosas, o fracasso profissional, as desavenças familiares, enfim, os obstáculos naturais da vida, nos fazem muitas vezes nos voltarmos para trás, quando estávamos a um passo de encontrar mais uma peça.

Ser sábio é poder diferenciar aquilo em que realmente não vale a pena insistirmos, das reais oportunidades de preenchermos o quebra cabeça de nossa existência cósmica. Além disso, é ser perseverante e não desistir jamais de alcançar cada peça que irá nos fazer, ao final, vitoriosos de nossa própria batalha interior, onde a felicidade é a grande premiação”.

Como todo sábio, ele me contava fábulas, sendo que uma delas irei repetir aqui, pois é bem adequada para ilustrar essa verdade de que nada na vida é impossível de ser alcançado:

Num país distante, onde o mundo era governado pelos animais, havia uma linda formiguinha, que vivia no jardim de um palácio. O rei, um elefante muito gordo e grande, gostava de passear entre as flores, onde as patas imensas destruíam tudo por onde ele passava. A formiguinha, frágil e pequena, todos os dias olhava com admiração para o elefante e sonhava poder se aproximar sem ser pisoteada. Todas as outras formiguinhas se afastavam às pressas quando ele ia chegando, mas aquela formiga não, ela permanecia sempre no cantinho, ao lado de uma roseira, onde sabia que ele não pisaria, e onde poderia observá-lo. Com o tempo, as outras formiguinhas passaram a zombá-la, dizendo que ela seria a prova de que não vale a pena morrer por amor. Morreria pisoteada a qualquer hora, sem que o rei sequer soubesse de sua existência. Mas a formiguinha nunca desistiu de observar o elefante. Até que um dia, passando pelo local, uma linda rosa vermelha chamou a atenção do rei. Ele parou a caminhada e abaixou-se para cheirar a rosa, quando então viu que, em cima dela, estava a formiguinha.

- O que faz aqui, formiga? – perguntou bravamente. Vai estragar a rosa de meu jardim!

- Estou aqui para admirá-lo, meu rei!

O elefante então soltou uma sonora gargalhada, que quase jogou a formiguinha para fora da rosa:

- Por que uma formiga estaria admirando um elefante? Está querendo entrar em minha tromba para me ridicularizar perante meus súditos?

- Eu jamais desejaria ridicularizá-lo, majestade – respondeu a formiguinha. Estou aqui por amor a Vossa Majestade, e coloco-me a seus

pés para que me pisoteie, se desejar.

A formiguinha então desceu da rosa e se aproximou das grandes patas do elefante, onde permaneceu à espera da morte.

- Não irei pisoteá-la – respondeu o rei. Somente o amor pode explicar uma atitude tão destemida. Você poderia estar escondida em qualquer lugar com suas companheiras. Entretanto, ficou aqui parada, à minha espera, mesmo sabendo que correria o risco de morrer em uma fração de segundos.

O elefante então se afastou e a formiguinha pôde voltar para sua casa, onde as outras formigas passaram a reverenciá-la pela bravura.

A partir daquele dia, todas as manhãs, quando o elefante passava pela roseira, estendia a grande pata, por onde a formiguinha subia até suas costas, e com ele caminhava pelos jardins do palácio, diante dos olhos temerosos das outras formigas que jamais tiveram coragem de se aproximar.

Apreendi muito naquela vida. Meu dono nunca desistiu de combater os lobos nem os gafanhotos. Nem de buscar água num reservatório distante. Um dia, a população da cidade cresceu, e lotearam toda a área que circundava sua propriedade. A prefeitura levou encanamento ao local e os lobos fugiram do contato humano. Na esquina de nossa rua, construíram um armazém. Enfim, a vida se tornou mais fácil para ele. Foi então que, já sem motivos para exercitar-se, seu corpo enfraqueceu e a velhice consumiu suas energias. Meu mestre morreu, deixando no rancho de sua casa os baldes de água rachados pelo uso, as espingardas antes utilizadas para atirar ao alto e espantar os lobos, os compostos orgânicos preparados por ele mesmo para matar os gafanhotos e eu, um gatinho preto já com os pelos esbranquiçados pelo tempo, sem forças para sofrer sua perda.

Não houve funeral, nem lágrimas, nem saudade. No entanto, a perseverança de meu velho dono foi sempre lembrada pelas gerações que viveram no local, quando falavam do homem que, durante décadas, trabalhou em silêncio, espalhando sementes de flores pelo local, as quais foram nascendo ao redor de cada casa, em cada rua, em cada quintal, dando vida e cores ao lugar de onde a invasão da cidade não foi capaz de tirar a beleza.

Ao me lembrar de meu velho mestre, vejo que nem todos os homens são egoístas e desprendidos de amor por outros seres de nosso planeta. Entretanto, o progresso da civilização tornou mais raras as pessoas capazes de amar a natureza e os animais como a seus próprios semelhantes. Homens hoje em dia trocam animais de estimação por apartamentos e árvores por

prédios. No entanto, a natureza intrínseca do ser humano está a conduzi-lo, a cada dia que passa, à consciência de que, desde os ursos polares que estão morrendo no degelo das calotas, até os cães abandonados nas ruas, merecem respeito e sentimento de compaixão dos seres humanos. Onde existe um ser respirando, existe vida, e onde existe vida, tem que haver a consciência universal de proteção e amor.

Meu pai voltou para me ver mais umas duas ou três vezes, nos meses em que seguiram. Durante as visitas, dizia-me que estava trabalhando muito, e não dava tempo para ir até nossa antiga casa.

Até que nunca mais apareceu. A casa terminou de ser consertada e novos moradores ocuparam o local. A vizinha percebeu que quem comia minha ração eram os outros gatos da rua e parou de colocar. Meu lar passou a ser um banco que havia na pracinha da esquina, onde eu revezava meus momentos de descanso com a cama onde frequentemente dormia com Bela.

Foi nesta situação, saudoso e triste, que parei diante de minha antiga casa e, lembrando todas as alegrias que vivi naquele lugar, resolvi me despedir para sempre e seguir meu caminho, sem qualquer esperança de que meu pai voltaria um dia para me buscar. Então resolvi fazer uma última homenagem à minha antiga vida, em forma de versos:

*Muito tempo já se passou
Desde que o jardim floriu
pela última vez.
Agora, onde antes havia flores,
Só se vêem duas pedras:
Uma, negra como as trevas da noite,
É a solidão,
Trazida pelas cruciais garras do destino.
A outra, de variadas cores foscas,
É a saudade,
Que tanto dilacera o coração deste gato abandonado.
Não há mais vida,
Onde antes havia alegria.
Não há mais brilho,
Onde antes se via luz.
Não há mais prazer,
Nem otimismo,*

*Nem esperança.
Apenas silêncio,
Contrastando com o gorjeio dos pássaros
Que ensaiam uma triste canção.*

CAPÍTULO X

Conhecendo uma nova realidade

Passar fome nas ruas nos ensina a buscar meios de sobrevivência. Um dia o lixo das casas onde morávamos tornou-se muito disputado pelos cães e gatos. Além disso, os maus tratos foram aumentando muito, sendo frequente levarmos pontapés durante a refeição, que nos atiravam longe. Isso fez com que eu fosse me distanciando cada vez mais, até que encontrei um lugar onde a comida era tão abundante, que era repartida entre cães, gatos e humanos. Lá eles não nos maltratavam. Cada um só se preocupava em procurar seu próprio alimento. Homens, gatos e cães viviam em harmonia, talvez pela introspecção, talvez pela apatia resultante da pobreza e da desnutrição. O nome do lugar era aterro sanitário. As pessoas chamavam vulgarmente de lixão.

Encontrei, no meio daquele gigantesco universo de restos do consumo humano, uma cadeira velha com um estofado bordô no assento, todo rasgado. Ela era muito legal de puxar os fios e logo se tornou minha cama nos intervalos entre os períodos em que eu passeava entre os entulhos, alimentando-me de coisas podres ou ratos e observando as pessoas.

Um dia fui adotado. Passava por mim uma pequena garota, a pele morena maltratada pelo sol, os cabelos encaracolados e ressecados, o corpinho bem magro, aparentando uns nove anos de idade. Ela estava passando, quando me viu brincando com uma pequena bolinha de borracha que encontrei ali. Abaixou-se e começou a brincar comigo. Logo, me pegou no colo. As unhas dela eram compridas e sujas. Os dentes, já permanentes, aparentavam pequenos pontos de cáries. Os olhos tristes, que olhavam apenas para o chão, ganharam um certo brilho, embora tímido, enquanto brincava comigo.

Logo anoiteceu e ela me pegou no colo, juntamente com os sacos dos restos que recolhera ali durante o dia.

- Acho que ganhei um lar – pensei. Só não sei se será melhor do que aqui.

Ela era lenta no caminhar, talvez pela própria desnutrição. Levamos cerca de quarenta minutos até chegarmos na casa onde ela vivia com a família: um quadrado, coberto de pedaços de plástico e revestido de papelão recolhido das ruas.

Para mim, um gato siamês com pedigree, que viveu parte da vida comendo ração de boa qualidade na casa de meu primeiro dono, aquilo parecia mais um convite à depressão.

Logo na porta de entrada, dormia um velho cão amarelo, pele e osso, que apenas levantou um dos olhos quando me viu e voltou a cochilar. As pulgas passeavam desinibidas por cima de seus curtos pêlos, impregnados pela poeira do lugar, e ele não tinha energia alguma para encenar comigo.

Ao entrar na casa, tive vontade de sair correndo. Havia apenas um cômodo, com um pequeno fogão improvisado de tijolos num dos cantos e pedaços de colchões espalhados. Quatro adultos e cinco crianças revezavam aquele pequeno espaço, fétido e escuro.

- Clarissa, que gato é esse aí? – gritou a mãe, logo que entramos.

- Eu achei ele no lixão, mãe – respondeu a menina. - Quero ficar com ele.

- Nem pensar – gritou a mulher, que mesmo sem aparentar muita saúde, não falava em voz baixa. Parecia ter brigado com a vida.

- Espera – advertiu um dos homens, que até então estava sentado cabisbaixo num dos cantos, fumando um cigarro esquisito. Esse gato é de raça. A carne deve ser boa.

- Como assim, carne boa? – perguntei-me. Pensei que as pessoas admirassem os gatos pela cor dos olhos, ou o brilho dos pêlos, ou o conjunto, sei lá... Mas carne boa?

- É gato novo – comentou a mulher, puxando-me do colo da filha e levantando meus lábios para examinar meus dentes. Parece bom mesmo. É siamês.

- O gato é meu! – exclamou a menininha, puxando-me do braço da mãe. Pensei em pular dali e fugir naquele momento, mas ainda não estava entendendo bem o que acontecia.

- Fica quieta, menina! – ralhou a mulher. A gente aqui sem nada pra comer, e você de frescura!

- Carne boa, sem nada pra comer... Meu Deus! Eles vão me comer!

Quando me dei conta daquilo, não pensei duas vezes: finquei as unhas nos braços da menininha e saí correndo. Passei por cima do cachorro e atravessei a rua, desaparecendo no meio daquela cidade feita de papelão e lixo.

De longe podia ouvir os gritos da coitadinha, certamente ferida com minha unhada. Não tive alternativa. Ali era ela ferida, ou eu morto.

Percebi que precisava desaparecer urgentemente daquele lugar, quando passei por outra casa e um velhinho de uns oitenta anos me chamou para perto dele.

- Vem cá, gatinho. Shiwt... Shiwt... Shiwt...

- Mais um desgraçado querendo me comer, pensei. - Quero desaparecer desse lugar.

Enquanto vivi no lixão (calculo que durante uns dois meses), acho que passei despercebido pelas pessoas. Depois daquele episódio, não conseguiria mais continuar convivendo com aqueles humanos reduzidos a animais selvagens, sabendo que mais cedo ou mais tarde iriam me devorar para saciar a fome.

- Quero voltar para onde vim – decidi. Lá pelo menos as pessoas não irão me servir no jantar.

Fui seguindo meus instintos e o senso de direção inato dos gatos, na esperança de que em breve reencontraria meu antigo bairro. Posso dizer que não caminhei de volta para casa. Na maioria das vezes, perambulei sem rumo ou direção certa, o que tornou a viagem bem mais longa do que deveria.

Durante este período, fiquei a me questionar sobre os motivos de tanto sofrimento daquela gente faminta e doente. Via muitas pessoas passarem em imensos carrões perto daquele lixão e parecia que tudo ali era invisível. As pessoas revirando lixo como porcos a procurarem comida e objetos para venderem havia se tornado tão comum, que era considerada como se fosse normal por quem nunca soube o que é sentir o estômago doendo de fome e não ter o que comer, além de sobras de pão mofado e restos de frutas apodrecidas.

Comecei a me questionar se Deus também permanecia impassível diante daquilo, até que me lembrei das palavras de Olímpia, ao me dizer que tudo faz parte do livre arbítrio das pessoas, cabendo apenas a elas próprias a escolha entre permanecerem inertes diante do sofrimento ou lutarem por uma vida melhor.

Ao me lembrar disso, notei que fui coberto por uma imensa sombra que foi crescendo no chão até que pousou à minha frente uma senhora idosa pequenininha, não mais de um metro e meio, com um vestido branco, um cajado na mão direita e duas asas imensas.

- Quem é a senhora? – perguntei espantado.

- Sou a Dama dos Miseráveis – respondeu a velhinha. O anjo que protege os desfavorecidos.

- Um anjo velhinho? Nunca tinha ouvido falar. Anjos geralmente são meninos loiros, dos cabelos cacheados e olhos azuis. Pelo menos foi isso que eu vi numa gravura do quadro de parede da casa de meu antigo pai.

- Convenções sociais, gatinho esperto – respondeu a mulher, debruçando-se sobre a ponta do cajado, enquanto as asas balançavam levemente. Anjos juvenis e loiros, pombas representando a paz... A realidade é bem mais abrangente. Há seres de todas as formas.

- E o que a senhora quer comigo? – perguntei um tanto amedrontado.

- Você já sabe que será um gato formador de opiniões, não sabe?

- Olímpia, um espírito que conheci, me disse alguma coisa nesse sentido.

- Então, Jack. Eu vim para lhe explicar porque não é Deus quem permite o sofrimento dos pobres, mas sim eles mesmos que escolhem o próprio destino. O primeiro momento de escolha acontece antes de nascer. É claro que há um Ser Superior que define as condições carmáticas em que a pessoa irá viver. Entretanto, ela pode escolher os pais, e não raro elege casais com a vida desmoronada, pois representam a grande oportunidade de evolução espiritual. Nascer em uma família abastada, com abundância de conforto e alimento, o futuro profissional garantido e muita sorte decorrente das próprias circunstâncias não é uma escolha comum, pois não oferecerá as maiores oportunidades de prosperidade espiritual. Se a pessoa for muito boa, poderá no máximo dar um ou dois passos à frente em sua progressão evolutiva, não mais que isso. As grandes oportunidades almejadas pelos espíritos que estão prestes a nascer são a vida difícil, a pobreza, as privações, o sofrimento. Por esta razão, a maioria dos espíritos opta por nascer em lares pobres.

- Por isso existem mais pobres do que ricos no mundo, senhora?

- Há inúmeros problemas sociais envolvendo essa questão, mas as origens mais profundas dessa diferença quantitativa é, sem dúvida, a maior demanda de espíritos que optam por nascerem filhos de pais pobres ou

miseráveis. E eu sou o anjo que os ajuda a permanecerem vivos na esperança de um dia melhor.

- Mas continuar na pobreza depende deles?

- Sim, Jack. Depende unicamente deles. De suas escolhas. Como muito bem lhe explicou o anjo Olímpia, depende do livre arbítrio. Quando a pessoa nasce, sua memória é apagada, para que ela percorra o trajeto da nova vida sem sofrer influência alguma que possa servir como fator de trava para a busca do crescimento em meio a inúmeras provações que a vida apresenta. Poucos conseguem êxito nessa batalha, pois é preciso muita perseverança para mudar uma condição que já existia antes da pessoa nascer: a pobreza, tanto quanto a riqueza, vai passando de geração a geração. Aquele que nasce numa família pobre tem toda uma estrutura familiar já acomodada à situação de miserabilidade, e desde criança é acostumado a aceitar aquilo como algo natural e imutável.

- Então, como as pessoas devem agir quando vivem nessas condições?

- O grande desafio para aquele que nasce no seio de uma família sofredora, é acender a luz do otimismo que existe dentro de cada um e acreditar que não existe falta de sorte, e sim desânimo de lutar. Se a pessoa, mesmo em condição de miséria, acreditar que com muito esforço é possível mudar a própria vida e a de seus familiares, e dedicar-se sinceramente a isso, certamente o destino lhe será promissor.

- Então os ricos não devem sentir pena dos pobres?

- Não é isso, Jack. São duas situações distintas: a primeira delas consiste na pessoa se dar conta de que ninguém nasceu condenado ao sofrimento permanente e trabalhar ardentemente não só para seu próprio benefício e de sua família, como para servir de exemplo a outras pessoas que vivem nas mesmas condições. A outra situação, é o inverso: aquele que nasceu em uma família afortunada, ou que por alguma razão conseguiu sucesso na vida, indiscutivelmente deve olhar pelos menos favorecidos e exercer diariamente o dom da caridade e da benevolência. Deus não nos dá nada para ser guardado sem uso. Tudo o que existe no universo é para ser desfrutado. Deste modo, quem tem mais deve, sim, olhar e ajudar aqueles que têm menos e que infelizmente não conseguiram enxergar que qualquer pessoa, sem exceção, nasce com potencial para obter conquistas importantes na vida. Eis uma reflexão que resume nossa conversa:

“Que Deus é esse,

*Onipotente, Onipresente,
De ricos ou pobres,
De sujos ou limpos,
De satisfeitos ou famintos,
Que permite que o poder dos grandes
Ofusque os sonhos dos pequeninos?*

*Que mundo é esse,
Tão grande, tão rico...
Repleto de recursos e tecnologias,
Insignificantes, de repente, para muitos...
Homens, mulheres, meninos... Seres humanos!
Pessoas que não hesitariam em trocar um computador
Por um copo de água ou um prato de comida.*

*Certamente é o Deus da liberdade
E o mundo – uma oportunidade de crescimento.
Sim, Deus nos deu de presente o mundo
Com abundância de rios, para aplacarmos a sede,
Com abundância de frutos, para saciarmos a fome,
E colorido de flores,
Para adornarem nossas vidas.*

*Deus nos entregou um mundo de sonhos
E liberdade!
Liberdade para que os homens se amem
- ou até se matem –
Ou, pior ainda, ao invés de se matarem,
Ignorem a imagem e semelhança do Criador
E deixem seus irmãos na humilhação das calçadas
Trêmulos de frio, famintos, degenerados,
Abandonados diante da multidão que passa
Indiferente às mãos que se estendem
Implorando um pedaço de pão”.*

- É isso, Jack – concluiu a senhora. Seja qual for a situação de uma pessoa, rica ou pobre, há sempre um desafio que põe à prova a capacidade de exercer os dons maiores que existem em cada um. Os mais pobres não

devem se entregar ao desânimo jamais, e sim acreditar nas oportunidades que a vida lhes oferece para mudarem o rumo da vida. Os mais favorecidos devem aproveitar a sorte que tiveram e não fecharem os olhos para o sofrimento e a privação alheia. A oportunidade que eles têm de evoluírem é justamente estender as mãos para o próximo.

Enquanto conversávamos, olhei para o lado e vi uma velha senhora sentada na calçada estendendo um pequeno cesto para as pessoas que por ela passavam. Quase ninguém se dignava a olhar para o lado e ver que havia um ser humano ali, precisando de ajuda. Poucos desaceleravam o passo e jogavam uma moedinha, certamente recebida de troco no metrô ou na padaria, e que não daria sequer para a compra de um pão. Fixei os olhos e espantei-me com o que vi. Aproximei-me lentamente e, ao olhar no rosto da velha senhora, vi que era o anjo que até aquele momento falava comigo.

- Mas aquela é a senh... – quando olhei para trás, não a vi mais ali. A velhinha, no entanto, permaneceu à espera de auxílio, os olhos tristes, a fisionomia cansada, as mãos enrugadas pelo tempo.

Emocionado, continuei minha caminhada, rumo ao meu destino.

Passei mais um mês perambulando perdido pelas ruas, revirando lixos e dormindo nos cantos escuros, até que finalmente percebi que estava bem próximo de meu antigo bairro, quando avistei a torre da matriz.

CAPÍTULO XI

A adoção

Como diz o ditado: “não há tristeza que dure para sempre”. Pelo menos a minha teve fim um dia.

Durante o período em que vivi nas ruas, de volta ao meu velho bairro, muitas pessoas me maltrataram, atirando pedras em minhas costas, para que eu deixasse de atacar os sacos de lixo à procura de comida, jogando água e iscando os cães para que tentassem me pegar.

Um dia, no entanto, a sorte sorriu novamente para mim. Tinha chovido muito, e eu me escondi atrás de um arbusto, no jardim de uma casa.

Houve um momento em que um carro se aproximou, entrando na garagem. Fiquei com medo, e corri para o outro canto do jardim.

A pessoa que saiu do carro era uma garota muito simpática, que ao me ver se aproximou lentamente, sob a chuva, com muito cuidado para que eu não fugisse. Continuei onde estava, e ela me pegou no colo, todo molhado.

No início, tentei me desvencilhar, mas logo cedi, pois meu instinto me fez sentir que ali não haveria perigo. Tive a sensação de que conhecia aquela moça de algum lugar, mas não consegui me lembrar de onde.

Ela me levou para dentro da casa, pegou uma toalha e me secou. Depois pegou uma tigela e encheu de ração, ao lado de uma fonte, onde havia muita água para saciar a sede.

Logo percebi que naquela casa havia outro gato, e não demorei para vê-lo, espreitando furioso pela minha presença a compartilhar de seu território.

Ele era inteiro preto, de olhos amarelos e pêlo longo. O brilho do pêlo e a aparência saudável faziam perceber que era bem tratado naquela casa. Algo me dizia que minha vida iria mudar dali para a frente.

O nome da moça era Brenda. Ela tinha a pele muito clara, era bem magra, alta e de cabelos longos. Aparentava uns vinte anos de idade e, pelo que percebi, fazia faculdade de Medicina Veterinária. Não foi difícil notar

isso, pela pilha de livros com fotos de animais que vi sobre uma mesa, onde ela colocou a bolsa e o caderno.

Enquanto eu devorava a comida sob o olhar inconformado do gato preto, aproximou-se da sala uma senhora de meia idade, um tanto obesa, a quem Brenda chamou de mãe.

- Onde arrumou esse gato? – foi logo interrogando, enquanto se aproximava de mim. Não pensei duas vezes e corri para trás do sofá, onde eu estaria protegido, enquanto não tivesse a certeza de que ninguém iria me fazer mal.

Naquele momento, notei que o gato preto se aproximou da senhora, passando os pêlos sobre suas pernas.

- Eu encontrei esse gatinho na chuva, mãe – argumentou a moça. Não poderia deixá-lo ali, todo molhado. Acabaria doente.

- Mas você sabe que Apolo não gosta de outros animais em casa. Vai ter que dar um jeito neste gato.

- Não vou levá-lo de volta para a chuva, mãe – argumentou Brenda. Amanhã eu decido o que farei com ele.

- E onde irá deixá-lo hoje? – quis saber a coroa, já aparentando certo nervosismo com minha presença.

- Ele dorme esta noite no meu quarto, mãe. Amanhã verei o que faço.

- E Apolo, vai dormir aonde? – velha irritante, pensei, ela não vai sossegar enquanto não me ver fora desta casa. – Você sabe que eu sou alérgica. Comigo ele não irá dormir.

- Levarei os dois para o meu quarto – decidiu Brenda. Lá eu dou um jeito para que eles se acomodem aonde quiserem.

- Faça o que você achar melhor – sentenciou a velha. – Afinal, você sempre acaba fazendo o que quer, não é Brenda?

Eu já estava quase saindo de trás do sofá, ao perceber que a velha se retirou da sala, quando Apolo, o gato preto, aproximou-se de mim em tom ameaçador:

- Cai fora dessa casa – ordenou, com os pêlos todo arrepiados. Ou vai se arrepender. Não aceito intrusos no meu território.

- Sai fora, gato de mau agouro, símbolo de azar! – exclamei, já irritado com as ameaças daquela bola de pêlos pretos. Não sou supersticioso, para ter medo de você. Agora dá um tempo, que vou terminar de comer a ração.

Quando eu me dirigia indiferente à presença do meu mais novo rival, ele resolveu apelar para a ignorância:

- Minha ração! – grunhiu, partindo para cima de mim com os pêlos eriçados e as enormes unhas expostas.

É claro que, numa situação dessas, não me restou outra alternativa, senão penetrar num pequeno furo que havia no forro de trás do sofá e me esconder lá dentro, enquanto Brenda retirava o irritado Apolo dali, levando-o para a parte superior da casa.

Permaneci imóvel, todo urinado, é claro, com o coração quase saltando pela boca. Sabia que se aquele gato maluco me pegasse, eu seria esfolado vivo.

Logo Brenda se aproximou e arrastou o sofá de onde estava, para me retirar dali.

- Minha mãe vai me matar! – cochichou ela, desesperada. Você rasgou o forro de seda do sofá importado dela, e ainda por cima fez xixi aí dentro. O que vou fazer agora?

Fiquei com a consciência pesada de causar problemas para a pessoa que só queria cuidar de mim naquela noite chuvosa. Mas ela sabia que não fiz de propósito. Apenas me assustei com aquele gato nada civilizado, que não tinha a menor educação para tratar as visitas.

Se soubesse falar, pediria desculpas para minha protetora. Mas diante de nossas diferenças de linguagem, resolvi me expressar ronronando e me entregando em seu colo, em sinal de afeto.

- Gatinho lindo! – exclamou ela. Não tem problema. Amanhã peço para a Maria dar um jeito nisso. Minha mãe não precisa saber.

Carinhosamente, Brenda me colocou de volta na vasilha de ração. Àquelas alturas, no entanto, o susto tinha espantado a fome. Além disso, eu estava apreensivo diante da possibilidade de me ver entre quatro paredes com aquele animal primitivo.

- Não quer mais comer, gatinho? Então vamos para o quarto, que preciso de um banho. Não se preocupe, que Apolo não vai mais mexer com você. Vou tomar conta dele.

Não me senti totalmente seguro diante daquela promessa. Entretanto, sabia que o gato preto manteria distância, se quisesse conservar seu lugar no quarto da dona naquela noite.

Ao entrar no quarto no colo dela, vi que ele estava deitado na cama, com expressão de fúria. Ao me ver, soltou logo um grunhido e levantou-se com os pêlos eriçados.

- Não começa, Apolo! – ralhou ela. Respeite as visitas!

Inconformado, ele dirigiu-se até o closet que havia ao lado do banheiro e acomodou-se numa pilha de blusas.

Brenda me colocou na cama, onde jogou a roupa e foi tomar banho. Aproveitei para sentir o cheiro dela que estava na blusa. Nós, gatos, podemos identificar muitas características das pessoas pelo cheiro. Brenda usava um perfume suave e adocicado. O cheiro do perfume estava misturado com o suor, cujo aroma me fez perceber que se tratava de uma pessoa sensível e confiável. Ela me protegeria, isso estava muito claro pelas atitudes percebidas até então. Mas seu cheiro também me dava a garantia de que era uma moça muito amorosa, que se apegaria a mim com pouco tempo de convivência, e não teria coragem de me levar de volta para a rua depois de uma noite na casa dela. Isso era o que eu percebia, mas não confiava cem por cento em minha própria intuição, pois um dia fui abandonado por meu pai, que também tinha um cheiro que trazia sensações semelhantes.

Os seres humanos são muito imprevisíveis. Nem sempre suas atitudes são de acordo com as características pessoais do indivíduo. As circunstâncias, a interferência de outras pessoas, o estado de humor, os problemas pessoais, enfim, vários fatores externos podem interferir na tomada de decisões das pessoas, podendo contrariar suas próprias crenças, sentimentos e convicções.

No caso de Brenda, eu a havia conhecido poucos minutos antes, e não gostaria de firmar um julgamento baseado apenas no cheiro de sua blusa, pois não queria correr o risco de me decepcionar novamente. Então resolvi esperar para ver o que aconteceria dali para a frente, preparando-me inclusive para a possibilidade real de ser devolvido para a rua.

Ao sair do banho e vestir-se, Brenda me pegou no colo para checar minhas condições físicas: apertou minha barriga, examinou minhas unhas, olhou meus dentes, ouvidos, enfim, tudo. No final, concluiu: você está muito desnutrido, mas é um gatinho jovem e saudável. Não tem mais de dois anos de idade. Basta um banho, para tirar a sujeira da rua, e uma boa alimentação, e você ficará lindo.

Assustei com aquela frase. Eu nunca havia tomado um banho na vida; pelo menos não me lembrava disso. Fiquei com medo de passar por isso, e sinceramente, naquele momento pensei num plano de fuga.

- Precisamos arrumar um nome para você, gatinho!

Enquanto ela me olhava, tentando encontrar um nome para me chamar, olhei fixamente em seus olhos, na tentativa de comunicar que eu já tinha

nome, e era Jack. Jack! Jack! Jack! Fiquei repetindo, a fim de que a força de meu pensamento influenciasse na escolha dela. Até que, finalmente, decidiu:

- Victor! Você tem cara de Victor! Pronto! Adorei. Você vai se chamar Victor.

Parei de ronronar e pulei do colo de Brenda, para a cama onde acreditei que iria dormir. Victor... Que nome mais estranho... Eu me chamo Jack! Como foi que ela não percebeu isso?

Vou arrumar uma caminha para você, Victor – disse ela, pegando uma coberta no closet onde estava o intratável do Apolo e trazendo para perto da cama. – Essa noite você terá que dormir aqui, pois está sujo de rua e não posso deixá-lo ficar em minha cama.

Pensei em agir como fiz com meu pai na primeira noite em sua casa, quando esperei que dormisse e subi na cama. Mas resolvi não tentar isso com Brenda, pois poderia me encontrar com Apolo tendo a mesma iniciativa, o que certamente faria com que eu ficasse na pior.

Passei a noite na cobertinha, e no durante a madrugada, percebi quando Apolo lentamente atravessou o quarto e subiu na cama, sem olhar para o lado.

- Um dia seremos amigos... – pensei, acomodando-me na minha cobertinha e retomando meu sono profundo.

Meus sonhos foram muito tranquilizadores. Para quem não sabe, todos os mamíferos sonham. Esse não é um privilégio dos homens. Os sonhos fazem parte do desprendimento que o espírito faz da matéria quando estamos em estado inconsciente. Todos aqueles que têm espírito, passam por essa experiência todas as noites, e é isso que nos diferencia dos demais seres, que possuem apenas uma energia vital, mas não um espírito que adquira vida autônoma com a morte do corpo.

Durante meus sonhos naquela noite, encontrei-me com Mariana e ela me deu excelentes notícias. Disse que, a partir de então, eu começaria uma vida nova, e seria muito feliz em meu novo lar. A recomendação foi para que eu mantivesse a distância de Apolo nos primeiros dias, até que ele se acostumasse comigo, evitando ter com ele atitudes hostis.

Fiquei muito feliz ao saber que minha mudança de lugar não afastou meu anjo protetor. Mariana me explicou que os espíritos desenvolvem vínculo de afinidade tanto com as pessoas quanto com os animais, e por essa razão ela não me deixaria pelo simples fato de eu não estar mais

morando na rua onde ela assistia aos outros gatos. Iria onde eu estivesse, principalmente porque as barreiras da matéria não limitam a atuação das entidades espirituais.

Ela era para mim e para meus amigos o que as pessoas chamam de anjo da guarda. Estava sempre pronta para nos socorrer nos momentos difíceis e nos amparar na hora da transição da vida material para o mundo espiritual, quando da morte do corpo.

Esse é um grande privilégio que os animais têm em relação aos homens: nossa pureza de espírito nos permite ver e interagir com nossos amigos incorpóreos, possibilidade esta que a maioria dos seres humanos não possui. Por mais que o espírito tente dar sinais evidentes de sua presença, muitas pessoas são cegas e insensíveis a este tipo de manifestação, e com isso perdem grandes oportunidades de usufruírem o auxílio superior. Há, ainda, aqueles que percebem e sentem medo, o que acaba afastando os bons espíritos, que evitam causar situações de desconforto a seus entes queridos.

Os homens possuem, ainda, como mecanismo de defesa, o esquecimento dos sonhos, tal qual se esquecem das experiências vividas em existências passadas. Permanece apenas a sensação, mas a ideia viva do que vivenciaram durante a noite, acaba sendo deixada no subconsciente quando acordam no dia seguinte.

Ainda bem que com os gatos é diferente. Acordei feliz depois de conversar com Mariana, e decidi que faria o que fosse possível para conviver harmoniosamente com Apolo, já que dali para a frente, nos tornaríamos irmãos.

Quando Brenda acordou, viu que Apolo já tinha se levantado e se posicionado no canto da cômoda, me fuzilando com os olhos. Eu estava bastante exausto, e por isso acordei somente quando ela me pegou no colo e me disse um caloroso bom dia. Espreguicei em seus braços e pulei no chão, ronronando em voz alta.

A seguir, ela se dirigiu até Apolo, para oferecer-lhe o mesmo carinho, mas foi rejeitada com um rosnado.

- Logo você irá se acostumar com o irmãozinho novo! – exclamou, enquanto se arrumava, olhando-o pelo espelho, na esperança de que a frase fosse assimilada pelo indignado felino.

Ela então se espreguiçou na porta do quarto e caminhou lentamente até a mesa do café da manhã, onde o bom dia da mãe foi acompanhado da pergunta previsível:

- O que você pretende fazer com esse gato?

- Ainda não sei, mãe – respondeu Brenda, enquanto saboreava uma fatia de queijo. Logo Apolo se acostuma com ele.

- Eu já disse milhões de vezes que não quero outro bicho aqui em casa! – exclamou a velha, quase aos gritos. Você sabe que eu sou alérgica a animais. Quantas vezes terei que repetir isso!

- Mas mãe... Eu estudo Medicina Veterinária. É normal que eu queira conviver com animais. No caso do Victor, ele precisa de cuidados, pois está desnutrido.

- Você já colocou até nome nesse bicho!

- Vê se não maltrata ele! – sorriu a moça, levantando-se da mesa, enquanto pegava uma maçã. Preciso ir, pois tenho uma reunião com meu grupo na biblioteca.

Meu coração ficou apertado de medo ao vê-la sair. “Essa mulher vai me pôr pra fora daqui já já”, pensei, enquanto tentava alcançar a janela sem ser percebido. Estava morrendo de fome, mas preferi ir até o jardim, enquanto esperava que ela se levantasse da mesa e liberasse a área onde ficava a ração.

Meu primeiro dia na casa foi difícil. Quando consegui que a sala estivesse vazia, sem mãe nem empregada, Apolo foi comer a ração e propositalmente quase não deixou nada para mim. Torci para que tivesse uma dor de barriga e aprendesse a ser menos egoísta.

Mais tarde, eu estava inocentemente tomando sol na garagem, quando a empregada veio com a mangueira pingando água em cima de mim. Quando me afastei, dei de cara com Apolo, que não se deu ao trabalho de me atacar. Apenas me ignorou.

Resolvi então ir para o quarto de Brenda, onde tirei um longo cochilo, até ser expulso pela sempre insuportável mãe dela.

- Sai daí, gato! Passa fora! – foi assim que ela me mandou de volta para o quintal.

Vai aqui um parêntese a respeito do “passa fora”. Quem será que inventou essa expressão? Com certeza, alguém que detestava animais. A frase foi passando de pai para filho ao longo dos tempos, e se tornou a maneira mais usual de pedir para que um ser de espécie diferente do homem se retire de determinado lugar, substituindo formas mais educadas como: “você poderia, por gentileza, se retirar daqui?”, ou: “dá licença, por favor?”.

Os homens são muito indelicados para lidarem com as situações. Tratam bem quem e quando é conveniente. Via de regra, idosos, miseráveis e animais são tratados como se fossem seres inferiores, sem respeito nem consideração alguma.

Quase todas as pessoas já passaram pela experiência de visitar um velhinho em um asilo público. Quem nunca foi, já deve ter conversado com quem já esteve lá. Aquela pessoa que durante toda a sua vida dedicou-se à família, criou os filhos, teve sonhos, esperanças, fantasias, se chegar à velhice sem patrimônio algum, nem renda que possa ser utilizada em benefício dos familiares, acaba sendo abandonada em um lar para idosos, onde termina seus dias relembando o passado e sonhando com o dia em que receberá uma visita, o qual talvez nunca chegue. Passam-se os últimos natais, os últimos aniversários, dias das mães, dos pais, enfim, todas as festas em que o coração humano chama pela união entre os mais próximos, e o velhinho permanece esquecido sob a justificativa de falta de tempo ou compromissos inadiáveis.

Compare-se a sorte deste pobre idoso com a daquele que acumulou riquezas durante toda a sua vida. Certamente, os familiares sempre darão um jeito de se aproximarem da possibilidade de serem lembrados por ocasião do testamento, o que fará com que este bem aventurado idoso termine seus dias rodeado de atenção e carinho.

A sorte dos animais não é muito diferente, se compararmos o destino de um cãozinho que nasceu de pais com pedigree e aquele que nasceu na rua. Dificilmente, haverá uma casa em que os donos reconhecerão que há espaço para um cão de rua adotado. Se, no entanto, ao passearem em um centro comercial, se deparam com um filhote de raça em uma jaulinha, certamente a falta de espaço será contornada pelo desejo de adquirir aquele pequeno ser, como se comprem jóias ou relógios caros. Hoje em dia, animais de raça viraram mercadorias, e são comercializados como se objetos fossem. Não raro, as pessoas comprem e dias depois devolvem, utilizando o Código de Defesa do Consumidor para assegurar o direito à restituição do dinheiro, caso o animalzinho apresente algum “defeito”.

O sentimento humano é algo muito mais complexo do que todas as teorias juntas já puderam decifrar. Envolve não apenas a psiquê, mas o próprio desenvolvimento espiritual, que até hoje não pode ser desvendado pela ciência.

Dois sentimentos tão incompatíveis, amor e egoísmo, se permeiam como o dia e a noite: opostos e unidos. Um exemplo claro foi a atitude de meu pai, que me amou enquanto pôde, mas quando seus interesses pessoais se sobrepuseram, acabou me abandonando na rua. O mesmo acontece com os filhos, quando os pais envelhecem e são esquecidos, sob o pretexto de impossibilidade de prestar assistência. Ou pior, quando duas pessoas se apaixonam uma pela outra, mas o medo ou a insegurança fazem com que o amor seja sobrepujado, prevalecendo o egoísmo de um sobre a vontade do outro.

A complexidade do sentimento humano é tão profunda, que jamais os grandes estudiosos conseguiram explicar as origens das indescritíveis emoções que são experimentadas quando dois espíritos que se amaram no passado reencontram-se nesta vida em circunstâncias em que nem a psicanálise, tampouco as neurociências contemporâneas podem explicar com precisão, justamente por envolverem aspectos que vão além da compreensão humana.

O senso comum acabou por definir como “amor à primeira vista” essas emoções sentidas quando duas pessoas se apaixonam ao primeiro contato, o que não deixa de ser verdadeiro, mas ao mesmo tempo é uma denominação limitada, pois há sentimentos bastante parecidos entre pessoas que não têm qualquer relação de libido, ou mesmo entre humanos e animais, quando ao primeiro encontro dos olhos, criam um vínculo de afinidade que acaba unindo-os por toda a vida. As relações espirituais possuem ramificações cuja análise mais aprofundada acaba conduzindo inevitavelmente às evidências da reencarnação, que resumem, de forma lógica e coerente, todas as reflexões envolvendo o magnetismo que une determinados indivíduos.

Voltando à minha situação real naquele momento, diante da postura da mãe de Brenda, outra alternativa não me restou, realmente, a não ser “passar para fora”. Aproveitei para ir visitar Bela e rever os velhos amigos, até que anoitecesse e minha nova dona voltasse para a casa dela.

Foi aí que aconteceu meu suplício: comecei a observar Brenda prendendo os cabelos, colocando uma roupa mais curta, pegando uma toalha e um shampoo com desenho de gatinho no rótulo, o que fez com que instantaneamente eu me escondesse debaixo da cama.

- Não adianta, Victor – sorriu ela. Você precisa desse banho.

Meu coração disparou. Nunca senti tanto medo na vida. Foi pior do que quando estava na iminência de virar o jantar daquela família pobre. Ela me puxou e eu a arranhei. Não havia outra alternativa. Tentei grudar no chão, mas todos os meus esforços foram inúteis. Brenda me pegou, segurou minhas patas e me levou para o chuveiro.

Fiquei aterrorizado, e durante todo o banho fiz um escândalo que parecia estar sendo torturado. Mas estava. Gritei, unhei, até mordi. Foram os instantes mais longos da minha vida. Até que finalmente ela fechou o chuveiro e me envolveu numa toalha macia. A partir dali, fui pouco a pouco relaxando. Quando Brenda me colocou na cama, senti o cheirinho de fruta do shampoo em meus pêlos. Respirei fundo e pensei: agora vou tomar um banho de verdade, para tirar esse cheiro do corpo. Então me lambi até dormir.

CAPÍTULO XII

As mazelas de uma jovem

Os dias se passaram e eu fui ficando. Brenda, desde o início, não tinha a intenção de me devolver às ruas. Entretanto, a resistência da mãe em aceitar outro animal na casa dificultou bastante minha permanência.

Com o tempo, fui tentando me aproximar de Apolo que, pouco a pouco, percebeu que não havia outra alternativa, a não ser me aceitar. Não nos tornamos amigos inseparáveis, mas deixamos a hostilidade de lado e até passamos a dormir juntos na cama de Brenda.

Eu estava muito feliz no meu novo lar, e sabia que Brenda me amava tanto quanto amava Apolo, apesar de me conhecer há bem menos tempo.

A vida de minha mãe não era fácil naquela casa. A mãe dela era muito desestruturada emocionalmente, principalmente por ter sido deixada pelo marido que tanto amava, e acaba por cobrar mais atenção do que a filha poderia dar.

Brenda era uma moça triste. Um dia, percebi que ela chorava muito ao acordar de manhã, e sequer sorriu como sempre fazia, diante de minhas lambidas de carinho.

Saiu sem tomar café, para não ter que ficar perto da mãe. Elas haviam discutido na noite anterior. Não entendi direito, mas acho que era porque Brenda passava por uma crise no relacionamento com o namorado e a mãe estava se envolvendo mais do que deveria.

Instantes após ela sair, a velha entrou no quarto e expulsou Apolo e a mim da cama. Fomos para o quintal, onde nos estendemos para tomar um pouco de sol.

Fiquei pensando como os seres humanos têm o dom de tornar longo e complicado o caminho da felicidade, mesmo quando ele poderia ser curto e óbvio, especialmente quando há um amor tão puro quanto o amor mãe e filha. Os animais fazem tudo de forma simples. Se amam, demonstram de

forma explícita. Se não amam, não fazem a menor questão de disfarçar. Também sabem como ir direto a seus objetivos, sem criarem barreiras emocionais que só dificultam as coisas. Quando se sabe que a vida é bem curta, faz-se o que se pode para viver intensamente cada minuto. Com os gatos é assim que funciona.

Naquele dia, resolvi dar umas voltas pela vizinhança, e reencontrei minha velha amiga Bela.

A pobrezinha estava com o focinho todo machucado, pois era época de chuvas de verão, e ela sentia muito medo das trovoadas.

- Onde se machucou assim? – perguntei espantado, quando a vi.

- Nem sei, Jack. Só sei que arde muito. Foi na hora do medo. Devo ter raspado na parede de cimento.

- Coitadinha de você... – aproximei-me e resolvi limpar as feridas de Bela, com minha língua. No entanto, ela estava muito sensível, e rosnou para que eu me afastasse.

- Hoje não é um bom dia para as pessoas que amo – pensei, enquanto voltava para o muro.

Passei o resto da tarde dormindo no telhado de uma casa perto da minha. Ao entardecer, próximo ao horário de minha mãe chegar, percebi que um bem te vi pousou na ponta do outro telhado. Ele era bem grande e eu um gatinho franzino. Seria difícil capturá-lo, mas vi nele a chance de presentear minha mãe e deixá-la um pouco feliz.

Na verdade, não raciocinei muito naquele momento. Apenas segui meus instintos e a vontade de levar um presente para casa.

Armei o salto e, na menor distração do pássaro, consegui abocanhá-lo. Ele era grande demais para mim, e não consegui mais do que segurá-lo pela asa, enquanto ele se debatia em minha boca.

Vi que eu não tinha a menor possibilidade de abatê-lo ali mesmo, e então resolvi levá-lo vivo para casa.

Ele se debatia muito, e quase me fez cair do muro enquanto nos dirigíamos para a casa. Ao chegar próximo à janela do quarto de Brenda, percebi que ela já estava ali, o que me causou uma satisfação grande, diante da possibilidade de entregar-lhe o presente ainda vivo.

Saltei na ponta da janela, com a ave aos gritos em minha boca e, qual não foi minha surpresa quando ela dirigiu-se a mim furiosa, arrancando-me o bem te vi e mandando-me para longe. Fiquei magoado ao ver o carinho

com que ela pegou a presa que eu levei de presente. Achei que fosse servir de alimento, mas logo percebi que me enganei. Ela correu para o banheiro, onde foi lavar o ferimento na asa da ave e colocar medicação.

- Que atitude mais estranha a dos humanos... – pensei, enquanto me dirigi para próximo dela, na tentativa de pegar de volta o presente frustrado.

Mais uma vez a ingratidão humana fez com que Brenda me expulsasse de perto dela, fechando a porta do banheiro para poder cuidar melhor do bem te vi. Incrivelmente, percebi naquele momento que a intenção era devolvê-lo à natureza. Até hoje, não posso compreender essa atitude. Como soltar uma ave após ter sido caçada com tanto sacrifício? Vai entender os humanos...

Só sei que, após medicar o bicho assustadíssimo, Brenda colocou-o numa gaiola e cuidou dele até que tivesse condições de voar novamente.

- Sorte a sua que não foi nada grave – disse-me ela quando voltou a falar comigo, dois dias depois. Você só conseguiu machucar a asa do coitadinho, mas foi uma atitude muito feia.

- Ingrata, ingrata, ingrata! – gritei eu, na esperança de que ela pudesse compreender o que eu dizia. Arrisquei a vida, quase caí do telhado, cambaleei no muro para trazer-lhe um presente, e é assim que você retribui? Da próxima vez, cuidarei de deixar a ave no quintal mesmo. Você nem ficará sabendo!

- Calma, Jack – sussurrou Apolo, ao me dirigir a palavra pela primeira vez. Isso não é ingratidão. Ela só está querendo proteger o passarinho. Nós os caçamos por instinto, mas os seres humanos não necessitam receber esse tipo de presente. Na cabeça deles, o fato de termos ração em casa torna injustificável sairmos por aí caçando. Entenda que Brenda ama os animais, e ficou muito triste em ver que você quase matou o bem te vi. Ela jamais entenderia que fez isso para presenteá-la.

- Ok, vou tentar esquecer esse assunto – rosnei, enquanto me dirigia para a almofada do sofá.

Depois daquele episódio, eu e Apolo nos tornamos mais amigos. Nada muito íntimo, mas chegávamos até a lamber um ao outro, naquele gesto natural dos gatos.

Apolo às vezes me falava das dificuldades na vida de Brenda, os conflitos emocionais, os atritos com a mãe, o afastamento do pai e todos os problemas que os seres humanos conseguem ter, fazendo-os sofrer mesmo tendo casa, comida e cama macia.

Um dia estávamos conversando durante a madrugada, enquanto Brenda dormia, quando Mariana se aproximou de nós, depois de muito tempo sem nos vermos.

- Quem é ela? – perguntou espantado Apolo.

- É Mariana, a protetora dos gatos aqui das redondezas.

- Oi, gatinho lindo! – cumprimentou ela, acariciando os pêlos de Apolo. Não precisa ter medo de mim. Eu só venho aqui para fazer o bem a vocês.

- Eu já vi espíritos muitas vezes – comentou ele. E não tenho medo. Só fico um pouco assustado quando vocês se aproximam. Dá arrepio.

Mariana sorriu e sentou-se ao nosso lado.

- Sobre o que vocês conversam? – quis saber.

- Sobre os problemas na vida de Brenda – expliquei.

- Ah, eu sei que ela tem problemas mesmo.

- Você pode ajudá-la? – interroguei, na esperança de que minha amiguinha conseguisse levar embora um pouco dos problemas de minha mãe.

- Não posso acabar com os problemas dela – explicou Mariana. Mas posso falar com ela durante o sono. Quando acordar, ela não se lembrará de mim, mas trará no subconsciente algumas lições apreendidas no estágio inconsciente. Veja como é:

Mariana pegou-me nos braços e juntos saímos daquele plano físico. Encontramos Brenda num lugar diferente; era muito tranquilo e ao mesmo tempo meio surreal.

- Olá, mamãe! – cumprimentei-a, com alegria.

- Oi, Victor! Você pode falar! Que coisa sensacional.

Eu não poderia deixar de aproveitar aquela oportunidade única para dizer a ela a frase que desde o início tanto me sufocava:

- Meu nome não é Victor! É Jack!

- Fique quietinho agora – ordenou Mariana, colocando-me no chão. Vou falar com ela.

Mariana então se aproximou de Brenda e a fez relembrar alguns momentos felizes de sua infância, mostrando-lhe cenas em que brincava com os pais, o dia em que entrou para a escola, o primeiro cachorro...

- Você tem uma vida privilegiada, Brenda – disse Mariana. Seus pais te amam e fazem todas as suas vontades. O que precisa é não se envolver com os problemas matrimoniais deles. Mantenha sua relação com eles independentemente dos conflitos que há entre os dois. O que falta em sua

vida é maior envolvimento com a espiritualidade. As correrias do dia a dia fazem com que as pessoas não tenham mais tempo para a oração. Com isso, as únicas coisas que se tornam importantes em suas vidas são as pertencentes ao mundo físico: estudo, trabalho, dinheiro e problemas, incontáveis problemas. Aproveite este momento para orar aos seus guias espirituais, pedindo para que eles lhe mostrem o caminho certo. Dedique-lhes alguma coisa do seu dia, como uma comida especial, ou algo assim. Acredite que eles possuem o desprendimento necessário para compreender todos os seus problemas, dos mais simples aos mais complexos, e podem auxiliá-la a resolver os seus conflitos. As pessoas são amadas por espíritos que sequer tiveram a oportunidade de conhecer nesta vida. Valorize isso, pois são seus maiores amigos. Seja perseverante e guarde em seu coração a seguinte mensagem:

*Na vida há transtornos, deveras,
Há muita dor, muita melancolia.
Todos já passaram por momentos difíceis,
Todos já choraram um dia.*

*Virtuoso, porém, é quem já passou pelas provações da vida,
E nem por isso se deu por vencido,
Quem enxugou as lágrimas e foi em frente,
Mesmo quando tudo parecia perdido.*

*Banha-te sempre nas águas da Esperança,
Enfeita-te com as flores da Felicidade
E saibas cultivar os laços de Amizade.*

*Enfrentas os problemas de peito aberto,
Nunca te apavores diante de um perigo
E lembra-te que Deus está sempre contigo.*

Mariana então envolveu Brenda em uma atmosfera de paz e relaxamento interior e afastou-se, levando-me com ela.

Ao retornarmos para o quarto, percebi que Brenda estava acordando.

- Ela não se lembrará de nada – explicou Mariana. Mas passará o dia com a sensação boa que recebeu em sonho, e sentirá vontade de orar e agradecer a Deus pela vida de bênçãos que tem recebido.

De fato, Brenda parecia mais feliz naquele dia. Voltou a conversar com a mãe e estava muito animada para uma pesquisa que iria fazer como trabalho da faculdade.

Com o passar dos dias, percebi que havia uma animação diferente na casa; todos estavam empenhados em decorá-la. O Natal estava chegando, e isso ao invés de me trazer alegria, deixou-me um tanto deprimido. Seria o primeiro Natal que eu passaria longe do meu pai. Relembrei como era gostoso ganhar presentinhos de pelúcia e muitos afagos, receber pequenos petiscos que durante o ano eu era proibido de comer, além de um montão de papéis de presente onde eu podia me enrolar, brincar e dormir.

Logo o Natal chegou e, ao contrário do que era na casa do meu pai, não havia um clima de completa alegria na casa de Brenda. Embora ela e a mãe fizessem questão de receber os convidados para a ceia com um sorriso nos lábios, eu melhor do que ninguém podia perceber que o coração das duas estava apertado, já que para elas também era difícil passar o Natal sem a presença do pai e marido.

Fiquei um pouquinho na sala, onde recebi algumas guloseimas e nenhum presentinho. Então resolvi ir para a cama, onde deitei-me pensando nos dois Natais dos anos anteriores, onde a alegria demonstrada era sentida de verdade.

Não tardou para que Brenda também se fechasse no quarto e me abraçasse chorando.

- Sinto muita saudade do meu pai, Victor – disse-me ela em soluços. Queria que ele estivesse aqui conosco, comemorando o Natal, como sempre fazia.

Então ela colocou a mão em um dos bolsos e tirou uma folha de papel toda amassada. Desdobrou-a cuidadosamente, pegou uma caneta e pôs-se a escrever:

*Estou sozinha em meu quarto
Ouvindo o queimar de fogos
E buzinas de automóveis.
Minh 'alma lamenta os sonhos
De prosperidade que sonhei em vão,
Pois agora nada mais tenho
Que uma dor infinda a pungir meu coração.
Hoje as famílias comemoram*

*O nascer do menino Jesus,
Mas meus olhos tristonhos choram
De saudades de meu pai.
À dor que me apunhala o peito
Jamais senti igual.
Como é triste não ter meu pai comigo
Nesta noite de Natal...*

Tentei consolá-la, lambendo suas mãos e ronronando em voz alta. Apolo se aproximou e juntou-se a nós, aconchegando-se ao lado de nossa querida mãe. Logo ela se acomodou e dormiu; dali não nos afastamos, envolvendo-a com nosso amor incondicional.

CAPÍTULO XIII

A triste história de Princesa

Já haviam passado as festas de fim de ano e o clima de nostalgia se dispersou. Voltei à minha feliz rotina de gato livre e Brenda viajou para aproveitar as férias no litoral.

Numa tarde ensolarada, convidei Apolo para dar uma voltinha pela vizinhança. Pela força do hábito, acabei me dirigindo à rua onde eu morei com meu primeiro dono e ele me seguiu.

Senti vontade de ver Bela, e meu egoísmo felino não me permitiu lembrar que ela não gostava de gatos. Eu era seu único amigo desta espécie.

Atravessei o muro de sua casa e Apolo, sem noção do que o esperava, me seguiu. Ao avistar Bela sentada no canto da parede, pulei no chão para cumprimentá-la e ela, ao olhar em minha direção, avistou Apolo.

Instintiva e instantaneamente, sem sequer um milésimo de segundo para que eu pudesse explicar que se tratava de meu novo amigo, ela pulou em direção à cabeceira do muro. Apolo cambaleou e, aproveitando-se deste momento, Bela o puxou por uma das pernas e ele caiu no chão. Fiquei estático vendo aquela cena de horror: ela tentando ajustar a mordida entre seus dentes posteriores (já que não tinha os da frente), e ele arranhando-a toda.

Por sorte, seus donos estavam em casa e, ao ouvirem o barulho, correram para socorrer o coitado. Com muito custo, conseguiram segurar Bela e a prenderam no canil. O pobrezinho tentou subir no muro, para fugir, mas não tinha forças. Tentou umas três vezes, até que se entregou ao chão.

Os donos de Bela tentaram se aproximar, para ajudá-lo, mas ele estava muito assustado, e não permitiu que ninguém chegasse perto, mostrando as garras e rosnando. Nem eu consegui.

Então eles resolveram deixá-lo sozinho, até que reanimasse e pudesse ir embora dali.

Fiquei em sua companhia sem dizer uma única palavra. Minha expressão era a de um gato profundamente arrependido, sentindo-se o pior dos mamíferos do planeta. Por culpa minha, exclusivamente minha, Apolo se encontrava naquela situação. Ele, em contrapartida, não tinha forças sequer para refletir sobre o que ocorreu, além da dor que certamente estava sentindo.

Após cerca de duas horas ali parado, ele conseguiu reunir forças para subir no muro e caminhou lentamente para nossa casa.

Chegando lá, a mãe de Brenda percebeu que ele estava muito ferido, e resolveu chamar um veterinário.

Após examiná-lo, o diagnóstico foi:

- Ele deve ter sido atacado por um cão, mas não há muitas marcas de dentes. Talvez tenha caído de algum muro ou telhado. Há um osso fraturado e por isso precisaremos imobilizá-lo.

Coitadinho do meu amigo. Passou vários dias enfaixado, todo dolorido, até se restabelecer completamente. Na primeira oportunidade em que ficamos juntos, deitei-me ao seu lado e, lambendo-lhe os pelos, aproveitei para me desculpar:

- Perdoe-me pelo que eu fiz a você, Apolo. Sei que fui o único culpado.

- Você não fez de propósito, Jack. Essas coisas acontecem...

- Eu sou o melhor amigo da Bela, e não acreditava que ela pudesse atacar um gato que estivesse em minha companhia. Fiquei muito decepcionado com ela.

- Não fique assim, Jack. Os cães agem por instinto. Eu não sou você, nem temos o mesmo cheiro. Ela agiu de acordo com a própria natureza. Se eu voltar lá, ela fará de novo. Quanto a você, será sempre sua amiga.

- Não consigo entender esse jeito esquisito dos cães. Mas, enfim, cada um tem suas características...

Depois desses acontecimentos, eu e Apolo nos aproximamos muito, e ele se tornou meu melhor amigo.

Lambíamos um ao outro e dormíamos juntos. Dividíamos muitas vezes a vasilha de ração e o carinho de Brenda.

O tempo foi passando e tive uma vida muito feliz. Entretanto, sempre fui muito magrinho, e frequentemente tinha uma sensação de fraqueza muito estranha. Brenda nunca percebeu que eu precisava de ajuda, talvez pela correria que era seu dia, talvez porque eu não aparentava estar doente, tanto que nem eu mesmo sabia que estava com algum problema grave.

Brenda sempre me dizia que eu fui a melhor coisa que aconteceu na vida dela. Comigo, ela aprendeu que devemos sempre lutar pelos nossos amores, pois se cedermos às pressões externas, muitas experiências importantes jamais serão vividas. No meu caso, ela teve que resistir à oposição da mãe e de Apolo, e com muita insistência conseguiu que eu passasse a fazer parte de sua vida. Somente eu era capaz de perceber quando ela estava triste e nessas horas ficava sempre junto dela, lambendo-lhe o rosto e aconchegando-me em suas pernas.

Quando terminou o relacionamento com o namorado, ela sofreu muito, não apenas a separação, mas somado a isso houve a incompreensão da mãe, que não se conformava que a filha desperdiçasse um compromisso tão longo com um homem que tinha condições de dar a ela tudo o que estivesse a seu alcance para fazê-la feliz.

Não foram poucas as vezes em que ela chorou comigo nos braços, e nessas horas eu sempre lhe dedicava meus mais afetuosos ronronados e minhas mais quentes lambidas. Assim nosso amor foi crescendo e sei que me tornei o ser mais importante da vida dela, durante a fase de turbulência pela qual passou.

Para quem não sabe, os animais de modo geral são sensitivos, e foi por essa característica que um dia eu acordei de manhã com o pressentimento de que minha mãe passaria por uma experiência muito marcante na vida dela. Seria com uma cachorra.

Ao cair da tarde, geralmente ela saía do estágio e ia direto para a casa da avó, onde tomava um lanche antes de ir para a faculdade. Naquele dia, estranhei quando ouvi o barulho do carro dela mais cedo do que poderia esperar. Não demorou para que ela entrasse em casa desesperada, com uma enorme cachorra nos braços. Era uma cadela bem grande e branca, com pelos longos. Parecia que sentia muita dor.

Brenda foi direto para o quintal e a colocou na área de serviço, para examiná-la. A barriga da cachorra estava bastante crescida. Parecia estar prenha, às vésperas de parir, mas Brenda não conseguiu sentir nenhum sinal de vida dos possíveis fetos. Pegou uma toalha e, após secá-la cuidadosamente, pediu que ela se levantasse. A cachorra continuou inerte, embora seus olhos brilhassem olhando para minha mãe. Sequer esboçou qualquer tipo de impaciência quando viu eu e Apolo nos aproximarmos. Então Brenda colocou-a em pé, mas as pernas traseiras da cachorra deslizaram pelos ladrilhos e ela caiu sentada. A pobrezinha não podia andar.

Aproximei-me um pouquinho mais e, enquanto minha mãe procurava uns remédios para dor, a coitadinha murmurou:

- Socorro, me ajude! Não estou aguentando...

- Calma, minha amiga – eu disse a ela. Minha mãe vai cuidar de você. Logo tudo ficará bem.

- Meus bebês... Acho que os perdi.

- Não fique assim. Vai dar tudo certo.

- Foi um carro que me atropelou. Chovia muito. Tentei atravessar a rua no meio da tempestade. Não vi quando o carro se aproximou, pois ele corria muito. O motorista também não me viu. Então ele bateu em mim e foi embora. Sua mãe me socorreu.

- Confie que tudo dará certo. Eu prometo.

Eu nunca tinha visto um animal tão desesperado. Nem quando Branco tomou veneno. Nem quando Apolo foi atacado por Bela. Aquela cachorra sofria muito, e por uns instantes fechei meus olhos e pedi para que seu sofrimento fosse dividido comigo. Não queria continuar vendo-a daquele jeito.

Logo minha mãe a medicou e levou-a para um pequeno canil que havia nos fundos da casa. Lá não tinha luz, e ela precisou improvisar com um castiçal. Deixou-o aceso durante a noite, para que pudesse enxergá-la quando olhasse pela janela do quarto.

Percebi que minha mãe se levantou durante a madrugada toda para olhar pela janela e ver se estava tudo bem com a cachorra. Numa dessas vezes, eu a vi enxugar uma lágrima e mais uma vez me dei conta do quanto ela amava os animais.

No dia seguinte, antes que minha mãe se levantasse, eu fui até lá ver como a coitadinha estava. Ela gemia de dor na barriga. Fiquei desesperado e voltei correndo para casa. Passei a patinha no rosto de minha mãe, mordi seu pé, até que ela acordou.

- Gatinho malvado! Deixa eu dormir mais um pouco.

Não desisti. Continuei incomodando-a para que deixasse a cama.

- Isso são horas de querer brincar, Victor? Deixa a mamãe dormir mais um pouquinho, vai... Não dormi a noite toda.

Nesse momento, ela olhou o relógio e viu que eram sete horas da manhã.

- Já é hora mesmo. Preciso ver como a cachorra está.

Então ela vestiu um roupão sobre o pijama e foi até o canil, onde pôde perceber que a cachorra ainda não podia andar e parecia sentir muita dor.

Vou te dar mais um remedinho e logo você não sentirá mais dor. Também vou preparar uma refeição para você. Imagino que esteja com fome.

Após o remédio, a cachorra comeu toda a ração que lhe foi oferecida, arrastando-se para o pote de água que havia ao lado.

- Você vai ficar bem – disse minha mãe, afagando-lhe a cabeça.

O olhar daquela cachorra é algo de que jamais irei me esquecer. Era um misto de pedido de ajuda com demonstração de carinho. Mesmo com tanto sofrimento, seus olhos tristes brilhavam, talvez por serem os únicos meios de que ela dispunha para demonstrar afeto por quem lhe socorrera durante a tempestade.

A cabeça era adornada por alguns pelos crescidos para cima, o que a tornava com uma aparência indescritivelmente dócil. O focinho era também muito lindo, principalmente por ser iluminado por olhos tão brilhantes. Seu corpo era de médio para grande porte, com a pelagem branca e longa. Ela parecia ter no sangue a mistura de raças, mas mesmo não tendo uma raça definida, foi a mais linda de todas as vira latas que já conheci em minha vida.

Minha mãe deu-lhe o nome de Princesa e de fato ela fazia jus a essa denominação.

Naquele dia, procurei ficar um tempo por perto dela, pois mesmo sabendo que em nada poderia ajudar, ao menos poderia oferecer-lhe minha solidariedade.

Ela contou-me que pertencia a uma família muito humilde e vivia mais tempo solta pelas ruas do que na própria casa. Foi a segunda vez em que ficou prenha e já estava próximo o dia de parir. Disse que minha mãe não relutou em parar o carro para socorrê-la, mas como ela era grande e pesada, precisou de ajuda.

Eu a consolei dizendo que minha mãe era estudante de veterinária e tinha recursos para oferecer-lhe o que fosse possível para que ela ficasse boa.

- Sei que não voltarei a andar – disse-me com tristeza. Mas sempre serei grata à sua mãe, que me tirou daquela situação desesperadora em que eu estava, no meio da rua. Muitos carros passaram por mim e desviaram, mas somente ela se prontificou a parar e me socorrer.

- Minha mãe é realmente muito boa. Ela adora animais. Você foi socorrida pela pessoa certa.

- Eu sei disso.

Naquele momento, ela tentou se deitar, pois estava muito sonolenta. Entretanto, não havia uma posição que fosse confortável, e acabou dormindo esticada no chão.

Ainda fiquei ali mais uns instantes, depois fui tomar um banho de sol e refletir sobre aquela desgraça que havia acontecido com a pobre coitada.

- Por que tinha que acontecer isso com ela? – pensei. A coitadinha está prenha. Quanta dor! Quanto sofrimento! Onde estará Deus nesse momento, que não socorre os animais indefesos?

Meu pensamento foi tão ingrato, que não tardou para que Mariana viesse, com as mãos na cintura e a cara de brava, falar comigo:

- Você não pode pensar assim! – repreendeu-me ela. Nem você nem ser humano nenhum possuem o dom de conhecer todos os desígnios divinos. Se aconteceu isso com a cachorra, alguma razão houve. Os animais estão aqui para ensinarem lições de amor aos homens. Depois da experiência que terá com ela, Brenda passará a ter uma nova visão acerca de assuntos muito importantes na profissão que escolheu.

- Eu realmente não consigo entender. Por que justo a gente tem que se ferrar para os humanos aprenderem? Por que as coisas não acontecem com eles mesmos?

- Nossa, Jack! Nunca ouvi nada tão horrível vindo de você.

- Desculpa, Mariana. É que estou muito angustiado com tudo isso. Sei de nossa missão aqui na Terra. Não me esqueci disso. Mas às vezes é doloroso demais.

- Essa cachorra proporcionará à sua mãe uma grande oportunidade de aprendizagem. Isso ajudará muitos outros animais que passarão pelas mãos dela no decorrer da vida. Ela estava destinada a isso. Infelizmente, nem eu mesma tenho tanta condição de compreender as coisas. Também acho uma lástima tudo o que aconteceu. Mas saiba que isso foi só o começo. O pior ainda está por vir.

- Mas por que você não a ajuda a se recuperar logo?

- Não tenho permissão. Ela terá que passar por isso. Vou até lá dar um passe nela, para que fique calma nesse momento tão difícil pelo qual está passando.

Não consegui relaxar, mesmo depois de conversar com Mariana. Estava muito apreensivo com a situação da pobre cachorra. Não via a hora de minha mãe voltar logo para cuidar dela.

Passei pelo canil mais umas duas vezes e percebi que ela sentia muita dor na barriga. Tentei me aproximar, mas ela pediu que eu ficasse distante, pois estava muito incomodada.

O tempo que durou até a hora de Brenda chegar do trabalho pareceu uma eternidade. Por sorte, a mãe dela tinha ido fazer compras na Capital e só voltaria no dia seguinte. Isso certamente tornou as coisas menos insuportáveis.

Quando Brenda chegou, logo que se aproximava do canil, Princesa fez um esforço grande para tentar se levantar, mas apenas conseguia lhe dirigir o olhar, que era um misto de ternura, gratidão e pedido de socorro.

- Eu estou de volta, minha querida – sorriu minha mãe, enquanto alisava suas costas. - Logo que você estiver melhor, vou levá-la para fazer uns exames e assim vemos como vão as coisas com você. Por hora, preciso que tome este remédio.

Enquanto ajeitava o castiçal no canto da parede para dar o comprimido à Princesa, minha mãe percebeu que ela começou a expelir os fetos. Fiquei olhando de longe, e confesso que nunca tinha ficado tão nervoso na minha vida. Minha mãe entrou em desespero, mas nada podia fazer. Princesa gemia enquanto os pobrezinhos eram expulsos, já mortos, um a um, de seu corpo. Até que, um tempo depois, parou. Foram no total cinco cãezinhos.

Ao terminar o dantesco abortamento, Princesa deitou-se esvaída, enquanto minha mãe, soluçando, recolheu os filhotinhos, colocou-os em um saco plástico e, com muito esforço, pegou uma pá e cavou um buraco no fundo do quintal, onde os enterrou sob os olhos chorosos da desafortunada mãe.

Naquele momento, compreendi as palavras de Mariana, quanto ao fato de que o pior estaria por vir. Era muita desgraça para uma cachorra só.

No dia seguinte à terrível experiência vivida por todos nós que comungávamos juntos dos sofrimentos de Princesa, minha mãe decidiu levá-la ao hospital veterinário onde fazia estágio, para que realizassem os exames necessários para a averiguação de suas condições físicas.

A pobrezinha fez o trajeto sem reclamar, embora estivesse esvaída pelos últimos acontecimentos que a afetaram de forma tão intensa.

Ao final do dia, minha mãe foi informada de que o raio x da espinha dorsal mostrou que Princesa sofreu uma fratura e, portanto, não poderia mais voltar a andar.

- Farei tudo o que estiver ao meu alcance para cuidar dela – comentou com um colega. Sei que existem alternativas para cães deficientes, e vou pesquisar a respeito.

- Existe um site que vende carrinhos para locomoção de cães que perderam o movimento das pernas traseiras – lembrou o rapaz. Depois lhe passo o endereço.

- Obrigada, Joel – agradeceu minha mãe. Vou precisar mesmo.

Brenda colocou Princesa no carro e dirigiu-se para nossa casa, decidida a empenhar-se em todas as pesquisas que fossem possíveis para ajudar na melhora de suas condições de vida. Entretanto, logo ao entrar na sala, foi abordada pela mãe que chegara de viagem e estava sentada à frente da TV:

- O que é isso na minha casa? – gritou.

- Não vê que é uma cachorra, mãe? Ela foi atropelada e eu a socorri. Está com a espinha fraturada. Não pode mais andar.

- E o que você pretende fazer?

- Cuidar dela. Precisa de ajuda.

- Pela milésima vez, Brenda, eu repito que não quero mais bichos nessa casa. Já não bastasse o Apolo, você me aparece com esse outro gato de rua e agora com uma cadela aleijada? Essa casa vai virar um chiqueiro com tanto bicho!

- A senhora está pagando faculdade de medicina veterinária para mim pra quê?

- Para você ter uma profissão, e não para encher minha casa de bicho. Trate de arrumar um dono para essa cachorra, antes que eu a coloque para fora!

- E quem vai querer uma cachorra aleijada, mãe? – sussurrou minha mãe, já ofegante com o peso de Princesa em seu colo.

- Eu é que não sou. Agora tire “isso” da minha frente.

Enquanto minha mãe levava Princesa para o quintal, tentou confortá-la:

- Não liga para minha mãe não, Princesa. Ela faz esse carnaval todo, mas depois relaxa. Com Victor também foi assim. Agora nem liga mais.

Os seres humanos não têm noção do quanto seus pensamentos e palavras podem machucar o coração de um animal. Pobrezinha da Princesa.

Sem qualquer esperança de voltar a andar, perdeu os filhotes e ainda teve que passar por tamanha rejeição.

- Eu quero viver. Não vou desistir – disse-me Princesa, com o coração transbordando de dor, enquanto nossa mãe preparava a cama e os medicamentos dela.

- Fico feliz que pense assim – consolei-a. A gente se acostuma com tudo. Logo você estará totalmente adaptada a essa nova realidade.

- Também acredito nisso – respondeu-me ela, com uma força moral que eu jamais poderia esperar de um ser naquela situação. - Sua mãe, que agora também é minha, vai cuidar de mim. Confio nela. Serei muito feliz aqui.

Sem entender porque, a frase de Princesa, ao invés de me deixar contente, causou-me uma angústia tão profunda, que me apertou o peito. Não identifiquei esse sentimento, no entanto, como uma intuição, e esforçando-me para demonstrar tranquilidade, concordei:

- Sem dúvida, minha amiga. Você será muito feliz aqui. Aliás, queria te dizer que meu nome é Jack. Você ouvirá minha mãe me chamando de Victor, mas me chamo Jack.

- Ok, Jack – respondeu Princesa, fitando-me com ternura.

À noite vi minha mãe fazendo pesquisas na Internet. Eu sabia que ela estava procurando informações sobre o carrinho que iria comprar para Princesa. Estava totalmente empenhada no objetivo de dar-lhe tudo o que poderia para melhorar sua qualidade de vida.

Os dias que se seguiram foram bastante trabalhosos, pois Princesa se sujava toda ao fazer as necessidades fisiológicas e minha mãe tinha que lhe dar de dois a três banhos ao dia. Sua rotina tornou-se ainda mais corrida, mas em momento algum eu a vi demonstrar qualquer sinal de desânimo em cuidar da cachorra. Talvez tenha sido por essa razão que o universo a escolheu para encontrá-la após o fatídico acidente.

Somando-se ao excesso de trabalho, Brenda ainda tinha que ouvir as reclamações diárias da mãe com relação ao mal cheiro que exalava de Princesa nos intervalos entre os banhos.

- Dê um jeito nisso – esbravejava ela. Ou eu mesma darei.

Brenda fazia ouvidos moucos às ameaças da genitora, pois acreditava que com o tempo ela se acostumaria com a situação.

Certo dia, durante o banho de Princesa, minha mãe sentiu algo estranho no lado direito de seu corpo e, ao virá-la, deparou-se com uma enorme bicheira devorando sua carne.

- Meu Deus do céu! – exclamou. Mais essa! Pobrezinha de você. Mas não se preocupe. Darei um jeito nisso.

A cada nova surpresa, ia se confirmando a previsão de Mariana de que o pior ainda estava por vir.

- Oh, meu Deus! – supliquei naquele instante. Peço-lhe de coração que transfira para mim as provações dessa pobre cachorra. Não aguento mais vê-la sofrendo assim.

Naquele dia, cheguei a duvidar da existência de um Ser Maior que olha por nós, quando minha mãe chegou da faculdade e foi cuidar do ferimento de Princesa. Pegou o castiçal e o spray que estava usando para matar a bicheira e foi até o canil. Sem atentar para o fato de que o medicamento é inflamável, colocou o castiçal ao lado de Princesa para visualizar a ferida e acionou o jato. Imediatamente, a traseira da cachorra incendiou-se.

Enquanto ela se arrastava em chamas para fora do canil, minha mãe tentava apagar o fogo com a sola do sapato.

- Isso não pode estar acontecendo – pensei. Não é possível.

Aterrorizada, minha mãe levou-a para perto da luz, tendo que desta vez curar a queimadura causada pelo fogo.

- Não acredito que fiz isso – reclamou para si, indignada. Perdoe-me, Princesa. Sinto muito.

Naquele momento, minha mãe deixou-a na varanda e foi chorar descompassadamente no banheiro.

- Você está bem? – perguntei à minha amiga.

- Estou sim, Jack. Foi só um susto.

Mais uma vez a força daquela cachorra me impressionou, especialmente quando ela fez este comentário:

- Eu não sinto nada na parte inferior do corpo.

E, olhando para o ferimento, completou:

- Agora pelo menos os bichos estão todos mortos.

Eu dei risada com a brincadeira, mas no fundo tudo aquilo estava me deixando completamente depressivo, o que chegava a me causar vertigens.

Cerca de dez minutos depois, minha mãe retornou trazendo alguns curativos nas mãos e com os olhos inchados de tanto chorar. Enquanto cuidava da ferida chamuscada e extraía os restos mortais das larvas, não parava de pedir perdão à Princesa, cujo olhar não perdeu o brilho nem após mais essa tortura.

Os dias foram se passando e minha mãe já estava adaptada à nova rotina da filha deficiente, que também parecia ter se acostumado com a situação em que vivia.

Todos os dias, quando minha mãe se aproximava dela, alegremente se arrastava para cumprimentá-la, com os olhos sorrindo.

- Seu carrinho está chegando – noticiou minha mãe. Logo você poderá passear pelo quintal todo sem a ajuda de ninguém.

Princesa ficou animada com a notícia, mas eu continuei angustiado, sem saber o motivo.

- Devo ter ficado impressionado com as palavras de Mariana e com tudo o que já aconteceu com essa pobre cachorra – pensei. Mas agora já passou. Tudo vai ficar bem.

- Hoje não virei almoçar, mãe – ouvi Brenda avisar. - Vou ter prova. Do estágio, pretendo ir direto para a faculdade. Volto só à noite.

A velha apenas acenou com a cabeça, enquanto Brenda lhe dava um beijo na testa e saía correndo com uma maçã entre os dentes.

- Então vai ser hoje que resolverei isso – foi o pensamento que ouvi vindo dela.

Não entendi, mas fiquei assustado. Então eu a vi pegando o telefone e falando com alguém:

- Como vai, Dr. Peres? E a esposa, as crianças...

Ali ela ficou uns dez minutos conversando sobre amenidades, enquanto eu me lambia no sofá, ao lado de Apolo, que desde que Princesa chegou em nossa casa, procurou manter distância dela, apesar de sua deficiência e fragilidade, devido ao trauma que Bela havia lhe causado.

- Pois então, Dr. Peres – dizia a mãe de Brenda. Preciso de seus préstimos. Estamos com uma cachorra aleijada aqui...

Nesse momento, parei imediatamente de me lambar e foquei-me na conversa, que prosseguiu:

- Ela sofreu um acidente. Não anda mais. Minha casa está fedendo, pois ela se suja toda ao evacuar e o cheiro deixa tudo impregnado. Preciso que o senhor venha até aqui.

Enquanto o veterinário falava do outro lado da linha, fiquei animado ao acreditar que a mãe de Brenda poderia ter encontrado alguém que pudesse ajudar no caso de Princesa. Minhas expectativas, no entanto, foram assassinadas, quando ela interrompeu a fala dele, sentenciando:

- Minha filha já fez todos os exames na cachorra. Ela quebrou a espinha. Não há o que fazer. Quero que o senhor venha sacrificá-la.

Fiquei em estado de êxtase. Apolo, até então indiferente a tudo, pela primeira vez se manifestou:

- Não acredito que essa velha desgraçada vai matar a cachorra!

- Não é possível! – exclamei, enquanto corria para o quintal, sem conseguir terminar de ouvir a sórdida conversa.

Ao me aproximar de Princesa, ela veio toda feliz se arrastando ao meu encontro. Não consegui dizer uma única palavra. Apenas me sentei ao lado dela na grama e, desesperadamente, orei para que aquela monstruosidade não viesse a se concretizar.

Mariana veio ao nosso encontro. Também estava silenciosa. Por longos instantes, limitou-se a afagar a cabeça de Princesa, que alheia ao que estava por acontecer, encheu-se de alegria com nossa presença.

Não sei quanto tempo ficamos ali, até o médico chegar. Para mim, não demorou quase nada, pois é sabido que as horas parecem transcorrer de forma mais rápida quando algo muito ruim é esperado.

A mãe de Brenda fez questão de acompanhá-lo até o quintal, para assistir ao procedimento.

Ao se aproximarem, Princesa arrastou-se até eles com o olhar festivo de quem estava recebendo visitas importantes.

- Não vai doer nada – disse o médico, enquanto preparava a dose letal do medicamento.

- Ele vai cuidar de mim, Jack – comentou ela, enquanto acompanhava a preparação.

Não me contive naquele momento. Chorei com a alma o pranto mais doloroso que já sofri em toda a minha existência.

- Por que está tão triste, Jack? – Mal Princesa terminou a frase, o médico injetou-lhe o veneno.

Seus olhos, até então brilhantes, turvaram-se lentamente, enquanto seu corpo se prostrava ao chão. Demorou alguns minutos para que ela recobrasse a consciência e, afastando-se da matéria já inerte, perguntasse assustada:

- O que ele fez comigo? Não estou entendendo...

- Ele pôs fim ao seu sofrimento, Princesa – respondi, engolindo minha dor. Veja que agora você já pode andar.

- Mas eu não queria morrer! Eu não queria morrer! Minha mãe comprou meu carrinho. Eu ia andar nele!

- Calma, Princesa. Procure ficar calma – disse Mariana. - Você ficará bem.

- Eu não queria morrer!

Princesa estava desesperada. Enlouquecidamente, mordeu o calcanhar do veterinário, que nada sentiu enquanto colocava o corpo sem vida em um saco plástico e levava embora, recebendo os agradecimentos e o pagamento em dinheiro pelo serviço prestado.

Eu assistia àquela cena de horror com o coração acelerado e o corpo amolecido. Mariana tentou, mas não conseguiu acalmar Princesa, que tentava puxar o saco das mãos do veterinário, sem qualquer reflexo material, e gritava:

- Me traz de volta, pelo amor de Deus! Eu não queria morrer!

Foi necessário que Mariana solicitasse a ajuda de um mentor espiritual, que pegou Princesa nos braços e a levou embora para o outro plano.

Não consegui sair dali. Permaneci durante horas parado no mesmo lugar. Não percebi quando anoiteceu. Também não percebi quando minha mãe chegou, até ouvi-la se aproximar do quintal e gritar:

- Mãe, cadê a Princesa?

Não ouvi a resposta. Apenas os gritos desesperados de minha mãe, que passou o restante da noite em prantos.

Somente entrei em casa quando amanheceu, e notei que minha mãe estava sentada na cama, que sequer foi desfeita, mergulhada em um oceano de sofrimento.

Depois daquele dia, eu não a vi mais trocar uma única palavra com a mãe durante meses. Também sofri muito sem compreender o porquê de uma desgraça tão grande para uma pobre cachorra indefesa.

O sofrimento dos animais nem sempre é percebido pelos seres humanos, mas nós temos sentimentos tão profundos quanto os de qualquer pessoa.

Princesa foi para mim um exemplo de vida. Sofreu as piores desgraças que poderiam se abater sobre um animal. Perdeu os movimentos das pernas, os filhos que estavam por nascer, passou a viver com limitações até para fazer as necessidades mais básicas, mas nunca perdeu a vontade de viver.

Os seres humanos reclamam de coisas banais e a maioria deles perde o gosto pela vida quando passa por alguma provação. Nós, ao contrário,

somos frágeis na matéria, mas vigorosos em cumprir da melhor forma possível nosso ciclo de vida no planeta.

Princesa foi minha heroína. Seus olhos brilharam como estrelas até os últimos instantes de vida. É essa a lembrança que trago dela em minha memória. A Princesa dos olhos brilhantes, maltratada pela vida como a terra que sofre o furor das tempestades, mas alegre como as flores que desabrocham na bonança.

CAPÍTULO XIV

Derrotado pela doença

Após a morte de Princesa, a relação entre Brenda e sua mãe tornou-se insustentável. Elas ficaram meses sem se falar e, quando começaram a trocar algumas palavras, surgiu uma oportunidade para que minha mãe se mudasse para um apartamento perto da faculdade. Ele pertencia ao pai dela que, sabendo da crise entre ambas, pediu que o inquilino o desocupasse e o ofereceu à filha.

Nos mudamos nas férias de julho e, a partir dali, nunca mais pude ir visitar Bela, pois eu e Apolo passamos a viver trancados no apartamento, apenas com uma pequena sacada para tomarmos o sol da manhã.

Aquela mudança foi muito difícil para nós dois, tão acostumados com a liberdade, mas nossa mãe era tão carinhosa conosco, que acabamos nos conformando com a nova vida.

Ao completar quatro anos de idade, comecei a ficar debilitado, e desta vez minha doença foi se tornando mais aparente. Minha boca foi se enchendo de feridas e emagreci muito. Brenda ficou desesperada, e levou-me para ser examinado pelos professores da faculdade. Fizeram vários exames em mim, e o de sangue acusou que eu estava com leucemia felina.

Voltei para casa com a obrigação de tomar vários remédios e injeções ao dia. Meu quadro, no entanto, não melhorava.

Embora eu e Apolo tivéssemos um quarto só para nós no apartamento, Brenda me colocou no quarto dela, e à noite me punha para dormir em sua cama. Sempre gostei muito de subir nas coisas, e por isso quando dava uma melhora, já tentava ir para a janela, que tinha um peitoril antes da tela de proteção. Caí várias vezes no chão do quarto.

Um dia ouvi Brenda conversar ao telefone com um médico veterinário. Parecia ser um profissional bastante conceituado, pois havia muita reverência da parte dela:

- Eu sei que essa doença tem cura, doutor – dizia ela. E estou disposta a fazer qualquer coisa para que ele fique bom. Nem que eu tenha que levá-lo para fora do país.

Não pude ouvir a resposta do outro lado da linha, mas ela, muito nervosa e já perdendo um pouco do formalismo, argumentou:

- O que eu quero é um médico que me diga: ministre tal remédio e daqui a tantos dias já haverá uma reação positiva. Estou enchendo o coitadinho de remédio e vejo que ele dá uma melhoradinha e depois fica pior do que estava...

O interlocutor falou alguma coisa que deu uma esperança a mais para ela:

- Então amanhã cedo estarei aí com ele.

Se eu pudesse falar, diria que preferiria morrer em casa, a trocar os remédios e passar mais mal do que eu já estava. Mas como não havia uma forma de me comunicar neste aspecto, tive que me sujeitar ao doloroso trajeto até a capital, quase uma hora de espera dentro da caixinha na recepção e depois uma longa e torturante sequência de exames.

Ao final, me receitaram novos remédios, mantiveram outros e deram uma ponta de esperança a Brenda de que eu poderia ter uma melhora e, a partir dali, reagir melhor a cada dia.

Não foi esse, no entanto, o resultado. Fiquei um pouquinho melhor nos primeiros dias, mas logo fui enfraquecendo de novo, e acabei com líquido nos pulmões, o que me causava um horroroso mal estar respiratório.

Brenda havia me garantido que eu ficaria bom, e acreditei nisso, principalmente porque sabia que estava nas mãos de ótimos profissionais. Por vezes, percebi que ela chorava pelos cantos, mas quando chegava perto de mim, já havia enxugado as lágrimas e seu sorriso triste tentava disfarçar o sofrimento pelo qual estava passando.

Eu não tinha forças para me sentir triste. Estava muito fraco e sentia dores muito fortes. A única coisa importante para mim era descansar, descansar e descansar. Nada mais que isso. Tentava me alimentar um pouco, mas não conseguia. Passava a maior parte do tempo dormindo ou gemendo de dor.

Quando Mariana veio me visitar, percebi que minha hora estava chegando. Foi a primeira vez em que ela apareceu sem sorrir, e isso deixou muito claro que minha passagem estava próxima.

- Não precisa dizer nada – murmurei, quando ela se agachou ao meu lado para me fazer um carinho. – Eu sei que minha hora está chegando. Não estou aguentando mais.

- Pois é, meu amigo. Os médicos irão te sacrificar, mas será melhor assim. Não há mais nada o que fazer. Mas não se preocupe, pois estarei ao seu lado, para garantir que tudo correrá muito bem. Em breve, começará uma vida nova.

Mais forte que as dores físicas naquele momento foi a dor do sofrimento de deixar minha casa, meus amigos e minha mãe, que era tão boa para mim.

Apolo, que estava deitado sobre a estante, naquele momento pulou no chão e aproximou-se, oferecendo-me solidariedade.

- Eu te amo, meu amiguinho. – disse-me ele, com a voz embargada.

- Eu também te amo, companheiro – respondi.

Logo Brenda entrou em nosso quarto e, tentando passar a impressão de estar animada, disse-me com um sorriso amarelo:

- Vamos, filhote. Vou te levar para o hospital da faculdade. Lá vão cuidar melhor de você. Sei que está com muita dor, e não posso mais mantê-lo aqui. Mas prometo que logo ficará bom. – Ao dizer esta última frase, Brenda não conseguiu mais disfarçar e uma lágrima teimosamente escorreu de seu olho.

Foi a primeira vez que vi Mariana triste. Não entendi muito bem, pois achava que os espíritos fossem imunes à tristeza. Mas o certo é que minha situação era realmente muito cruel, e eu mesmo estava carregado de dor.

Com muito cuidado, Brenda me pegou no colo e me levou embora dali. Pude ver que Apolo e Mariana ainda permaneceram parados, me olhando, na certeza de que eu não mais voltaria.

Foram três médicos veterinários me atendendo, com vários exames que me deixaram com o corpo repleto de áreas com o pêlo raspado e esparadrapos para conter o sangue. Achei que não tinha mais o que sofrer, diante da dor tão intensa que estava sentindo há dias. Entretanto, aquela bateria de exames aumentou ainda mais meu suplício.

Após cerca de duas horas, um dos médicos, que parecia ser o professor de Brenda, chamou-a na sala dele para conversarem.

Ela levou-me quase desfalecido no colo, e sentou-se já em prantos na cadeira.

- Sinto muito, Brenda, mas o sistema imunológico de seu gato está totalmente comprometido e a medula óssea foi infectada. Há líquido nos

pulmões e tumores pelo corpo. Não há mais nada a fazer.

Brenda soluçava desesperadamente, enquanto o médico prosseguiu:

- O melhor a fazer neste momento é sacrificá-lo. Não há mais chances de cura e a sobrevivida só prolongará seu sofrimento.

- Não posso aceitar isso, doutor - protestou ela. Quero que utilizem todos os recursos possíveis para buscar uma chance de sobrevivida ao meu gato.

- Você está sendo egoísta e infantil, Brenda – criticou o doutor. Digo-lhe isso como seu professor. Por favor, não vamos mais protelar a situação.

E, olhando no relógio, ele concluiu:

- Preciso ir para a universidade. Os alunos estão me esperando. Se quiser resolver o problema agora, entregue o gato ao meu assistente e ele saberá o que fazer. Caso contrário, leve-o de volta para continuar sofrendo na sua casa. Isso se ele resistir ao trajeto.

Brenda me olhou naquele momento com semblante de despedida. Eu estava fraco demais para chorar, e permaneci inerte.

Então ela me deu um beijo e saiu correndo, após me entregar nas mãos do assistente que até então permanecia imóvel ao lado do médico, assistindo à cena com um semblante consternado. Lá de dentro eu ainda podia ouvir seus prantos pelo corredor.

Ele me levou para uma sala onde me aplicaram uma injeção. Adormeci no mesmo momento, mas instantes depois abri os olhos, e vi Mariana na minha frente. Eu já não sentia mais dor alguma, mas ainda estava muito fraco.

- Vem comigo – disse ela, pegando-me no colo. Foi então que percebi que meu corpinho permaneceu inerte na mesa, repleto de curativos, praticamente sem músculos, mas com muitos tumores salientes na pele.

Senti uma certa angústia em saber que deixei o mundo tão cedo, mas consolei-me com a certeza de que não sofreria mais com aquela doença.

- Você quer se despedir de alguém? – perguntou-me ela, enquanto me retirava daquele hospital gélido.

- Sim, respondi. De Bela.

Ao passarmos por Brenda ainda no corredor do hospital, Mariana deu uma pequena parada, para que eu lhe dirigisse o último olhar:

- Adeus, minha mãe querida – eu disse a ela. Obrigada por tudo o que fez por mim. Não quero que sofra por minha causa. Estou tão vivo quanto você. Só um pouco fraco ainda, mas vou melhorar. Eu amo você.

Mariana aproximou-me dela, e dei uma pequena lambida em seu braço. Ela passou a mão, como se tivesse sentido uma coceira, levantou-se e lentamente caminhou para o carro.

Bela ficou surpresa ao me ver em espírito no colo de Mariana:

- Jack, o que houve com você, meu amiguinho?

- Fiquei muito doente, Bela, e não aguentei. Acabei sucumbindo.

- Pensei que estivesse com raiva de mim, já que nunca mais apareceu. Senti muita saudade de você.

- Nós nos mudamos da casa onde vivíamos para um apartamento. Lá passei a ficar preso e nunca mais pude passear. Também senti muito a sua falta.

Bela sentou-se cabisbaixa encostada na parede da casa. Estava muito triste.

- Você era meu único amigo, Jack. O que vou fazer agora sem você?

- Eu virei visitá-la, minha amiga, assim que nascer de novo. Saiba que te amo muito.

- Mas como vou te reconhecer?

- Você saberá que sou eu. Prometo que não a abandonarei.

- Agora temos que ir – interrompeu Mariana. Estão nos esperando.

Pela última vez me rocei nos pêlos de Bela e lambi seu focinho:

- Fique bem, minha velha amiga. E não vai me matar quando eu voltar aqui em outro corpo.

- Me avise antes de se aproximar muito.

- Prometo.

Capítulo XV

Recomeçando um novo ciclo

Bela foi quem mais sofreu com minha ausência. Tivemos um amor muito sincero durante o tempo em que convivemos. Um amor que ultrapassou as barreiras da rivalidade entre cão e gato.

Logo chegamos ao nosso destino. Passei por um curto processo de restabelecimento e logo me soltaram.

A primeira coisa que fiz foi procurar Tigresa no hospital onde ela ficava.

- Olá, minha amiga! – cumprimentei-a com alegria.

- Estava lhe esperando, Jack. Acompanhei toda a sua doença e o momento da partida.

- Pensei que ficaria surpresa em me ver aqui.

- Nós não ficamos alienados do que acontece no mundo físico, ao contrário dos seres que vivem lá, os quais não podem ver o que acontece em nosso dia a dia aqui.

- Então quer dizer que posso ver minha antiga mamãe Brenda daqui?

- Pode sim. Olha lá.

Então Tigresa me mostrou um telão onde aparecia minha mãe trabalhando e fazendo as coisas do dia a dia.

- Também podemos ver algumas coisas que acontecerão no futuro. Nem todas nos são permitidas. Mas olhe como será linda a formatura de sua mãe.

Então eu a vi discursando em meio a uma turma, que pareciam ser seus colegas de formatura. Ela dizia:

- Quero aproveitar este momento para homenagear alguém muito importante que conheci em meu tempo de vida acadêmica. De tudo o que aprendi ao longo desses anos de universidade, não posso deixar de lembrar de um gatinho que trouxe uma lição de vida que sem dúvida irá guiar o exercício de minha profissão. Quando o perdi com uma doença gravíssima,

não tinha noção do quanto ele havia transformado minha vida para sempre. Só com o decorrer dos dias e meses pude ir percebendo que ele foi um presente de Deus para mim, um anjo enviado para me ajudar a exercitar a cada dia o dom do amor desprendido e incondicional. Antes de conhecê-lo, eu adorava animais, mas tinha em mente que o trabalho do médico veterinário é utilizar a ciência para salvá-los. Eu não havia percebido que, acima disso, existem sentimentos que ligam infinitamente o animal ao dono, cuja intensidade não pode ser avaliada pelo profissional que está se dedicando ao tratamento. Muitas vezes somos incapazes de compreender a negativa do proprietário em praticar a eutanásia, mesmo quando esta se mostra a única forma de pôr fim à dor do animal. Entretanto, entre o animal e seu dono existem laços, e não é direito nosso, em momento algum, decidir o momento de romper tais elos, sem que haja concordância consciente do dono. Muitos de nós trabalham com vistas ao sucesso profissional e financeiro. Com isso, adotam fórmulas prontas para curar esta ou aquela doença, e não se preocupam em tratar cada animalzinho como um ser único no universo, uma vida tão importante quanto qualquer outra. Fazem seu trabalho, cobram a consulta e o tratamento e jamais se dão ao trabalho de manter contato posterior com o proprietário, para saber se houve resultado positivo. Também não se preocupam em acompanhar o tempo necessário para a cura e eventual necessidade de alteração nos medicamentos, seja por erro de diagnóstico, tão comum de acontecer, seja para melhores resultados. Esse gato de que lhes falo me ensinou que nosso trabalho consiste em amenizar o sofrimento do animal e do dono, que sofre junto com ele num momento de doença. Quando o perdi, sofri muito, mas isso certamente me fez evoluir a tal ponto de convencer-me a jamais atender superficialmente um animal e muito menos tratar a eutanásia como um processo natural de solução para doenças incuráveis. A eutanásia muitas vezes é necessária, mas quando tiver que ser feita, tanto o animal quanto o dono devem passar por uma preparação, e tudo deve ser feito com muita cautela e solidariedade. A técnica nessa hora é o aspecto mais irrelevante. Os sentimentos devem se sobrepôr e serem tratados com o devido respeito, pois ali está um importante momento de passagem do animal, que pode inclusive marcar para sempre a vida do dono. Passei por isso duas vezes: na primeira, foi com uma cachorra sacrificada sem meu consentimento. Embora talvez tenha sido a melhor escolha para atenuar-lhe o sofrimento, não posso deixar de encarar tal situação como um verdadeiro assassinato,

pois não me foi dado o direito de opinar quanto à interrupção da vida de um ser que se encontrava sob os meus cuidados. Na segunda vez, meu gato teve o sofrimento abreviado em uma circunstância fria e insensível, quando tudo poderia ter sido feito da mesma forma, só que de maneira menos dolorosa. Com essas duas experiências aprendi que a eutanásia pode atenuar sofrimentos, mas, ao mesmo tempo, criar feridas incuráveis nas pessoas envolvidas no processo.

Enquanto falava, os olhos da moça encheram-se de lágrimas, tendo sido muito aplaudida no final.

- Que lindo! Fiquei emocionado. Sinto muito orgulho por ter pertencido a uma pessoa tão maravilhosa.

- É muito bom saber que a cada vida que vivemos ao lado de pessoas sensíveis, podemos transmitir-lhes lições que lhes trarão mudanças importantes na forma de enxergar o mundo.

- Ela falou no discurso sobre a Princesa. Isso me trouxe muitas lembranças dela. Posso vê-la?

- Princesa não está mais aqui, Jack. Ela foi tratada quando chegou da vida física em que você a conheceu e depois reencarnou. Hoje é um lindo cãozinho que foi adotado por um casal que o ama muito.

- Fico feliz em saber que ela está bem. E eu, será que poderei ficar por aqui bastante tempo, com você? Embora seja muito bom viver no plano material, eu não queria voltar. Aqui é um lugar mais seguro. Lá nunca podemos ter certeza de onde ou quando estamos fora de perigo.

- A vontade de ficar neste plano acontece com a maioria dos seres que desencarnam. Com os humanos é a mesma coisa. Ficam tristes na hora em que morrem, mas depois não querem mais sair daqui. Não sei lhe responder, mas a regra é que fique apenas sete dias e retorne no oitavo.

- Tomara que me permitam ficar mais tempo...

- Não vamos pensar nisso agora. Vem comigo. Vou lhe mostrar onde ficam as melhores árvores de se arranhar deste lugar.

Tigresa me levou para um lindo bosque, repleto de árvores e flores. Incrivelmente, encontrei durante o passeio o jovem rapaz que o anjo Olímpia havia me mostrado durante a visão que tive ao encontrá-la.

Ele estava muito feliz, cuidando dos outros animais. Ao me ver, abriu um sorriso e pegou-me no colo, afagando minha cabeça.

- Eu conheço você – disse a ele em pensamento. Vi como estava perdido logo que se foi do plano físico.

- Estava mesmo – concordou ele, devolvendo-me ao chão e agachando-se à minha frente. Cometi uma loucura, mas com a graça divina e o auxílio de vários guias espirituais de planos mais elevados, consegui superar meu período de trevas. Agora já posso, aos poucos, auxiliar na cura daqueles que morrem e continuam doentes, como também na direção que os animaizinhos devem seguir ao chegarem a este plano.

- Como conseguiu vir parar aqui? – perguntei, sem disfarçar minha curiosidade felina.

- Era noite, respondeu o jovem. Pouco a pouco, as estrelas do céu foram se apagando, mas eu continuava a caminhar naquela praia deserta. Sentia-me perdido na imensidão do nada, como as lamentosas vagas que se quebravam nos rochedos. Outros ventos já sopraram, outras praias já percorri, mas todas tão vazias quanto aquela... Deixei para trás toda a tristeza, que naquele momento transformou-se em saudade e solidão. Em minha mente, só havia uma direção a seguir, que me conduziria a um abismo profundo, onde eu via o alfa e o ômega; o tudo e o nada; o fim e o princípio – a morte, que tanto me fascinou e me atraiu durante minha vida física, tanto me guiou e me perseguiu. E continuei a caminhar rumo à escuridão... Já estava quase chegando afinal às trevas daquele abismo, quando voltei meus olhos ao céu e vi luzes encantadoras, combinadas com os lindos sons de uma harpa. E as místicas fantasias que meus pensamentos dominavam começaram a se dissipar... De repente, ouvi o estridente som de uma trombeta, e uma luz mágica tomou conta daquela praia. A partir dali, não pude ver mais nada: nem o abismo, nem a noite, nem as trevas, nem a morte... De tudo, restou apenas uma voz que soou da imensidão daquele mar bravio, e me dizia: “Se buscares pelo abismo, só encontrarás trevas. Mas se realmente desejas livrar-te desta solidão que tanto te tortura, lance ao mar tuas dores, e o vento te trará a resposta”. Debrucei-me, então, sobre as dunas e chorei muito, até adormecer. Quando acordei, percebi diante de mim uma mão estendida e dois olhos tão brilhantes quanto as estrelas que procurei no céu. Era Olímpia. Com um lindo sorriso, ela me trouxe a resposta prometida: “A verdadeira felicidade consiste em sabermos desfrutar de cada momento, como se fosse o último passado junto daqueles que mais amamos. É podermos sentir a alegria de encontrarmos diante de nós uma mão estendida que nos levante, um olhar sincero que nos dê forças, um sorriso amigo que nos contagie... Somente quando as pessoas derem as mãos e esquecerem-se das diferenças entre elas, poderão sentir em seus

espíritos a serenidade, fruto da Fé, do Amor e da Amizade”. Entrelacei minhas mãos nas mãos daquele espírito de luz, e deixei que ele me conduzisse até aqui, onde a morte não existe e onde realmente estava a verdadeira felicidade.

- E você sabe onde posso encontrá-la? Gostaria muito de vê-la novamente.

- Ela não pertence a este plano – respondeu-me ele. É um espírito mais evoluído, que vive em um plano superior. Apenas regressa para cá ou para outros planos mais inferiores ainda, quando há alguém precisando muito de ajuda. Outras vezes retorna à Terra, com a missão de auxiliar aqueles que sofrem.

Ao olhar para o lado, vi que Tigresa estava se divertindo muito com uns galhos de planta pendurados de uma árvore. Despedi-me do rapaz e corri até lá, para acompanhá-la na deliciosa brincadeira.

Infelizmente, não pude ficar muito tempo com Tigresa. No oitavo dia de minha morte, fui novamente conduzido a um corpo físico, de um lindo gatinho branco e preto, onde vivi uma vida de dezoito anos, muito feliz e muito amado.

A Providência Divina é tão maravilhosa, que minha mãe pertencia a uma família que morava perto de minha antiga casa. Teve quatro filhotes na ninhada e apenas eu não fui doado. Assim que consegui escalar muros, fui visitar Bela, que me reconheceu ao primeiro contato dos olhos.

- Bem vindo ao meu quintal, Jack – cumprimentou-me ela, com uma alegria que jamais havia demonstrado. – Já não acreditava mais que você viria.

- O amor é vínculo eterno, Bela. Uma vez sentido verdadeiramente, jamais haverá separação. Ele nos faz retornar sempre, como as pombas que voam longe e sempre retornam aos pombais.

Quando deixei mais uma vez meu corpo físico, desta vez já velhinho e cansado, resolvi que era hora de contar a história da vida mais curta e mais emocionante que tive até agora. Por isso escolhi inspirar esse velho jornalista, já saturado de navegar pelas entrelinhas dos noticiários policiais, para que finalmente possa sentir o verdadeiro prazer de escrever sobre assuntos metafísicos, enquanto viaja nas minhas aventuras e desventuras.

Para encerrar, acho que posso resumir minha história em uma única palavra: amor. Amor entre gatos, entre gato e cão, entre gato e homem, entre vivos no plano físico e vivos no plano espiritual. Amor eterno. Aquele

que não se esvai diante de qualquer obstáculo. O amor que nos conduz de volta mesmo quando estamos distantes. O amor que transforma e renova. O amor incondicional e sem preconceitos. O amor puro. O amor felino.

EPÍLOGO

Não é preciso ser gente para ter percepção da realidade espiritual que permeia as experiências dos seres que habitam o planeta.

Minha vida foi marcada por alegrias e momentos de profundo sofrimento, mas em todos eles tive a sorte de ser socorrido por minha amiga Mariana, que me ensinou que até mesmo os gatos possuem seres incorpóreos que os protegem e lhes transmitem lições de amor ao longo da vida. Ao contrário dos homens, nós, felinos, temos o dom da mediunidade desenvolvido e operante, o que nos permite ter uma sensibilidade mais aflorada.

Minha vida foi curta, e isso também me ensinou muitas coisas. A primeira delas é que devemos aproveitar cada instante ao lado das pessoas que amamos, para viver intensamente os momentos juntos. Ter alguém para amar e ser amado é um privilégio que precisa ser mais valorizado pelos homens. Os animais não possuem barreiras para expressar o carinho e o contentamento de estar junto de seus seres amados. Os homens, no entanto, perdem tanto tempo resolvendo conflitos emocionais e indecisões pessoais, que acabam deixando as oportunidades de convivência afetiva passarem, dando espaço para que a solidão inevitável tome conta de seus corações.

É tão comum ouvirmos a frase “ah, se eu tivesse mais cinco minutos ao lado de tal pessoa, lhe daria um abraço e diria o quanto eu a amo...”. Ninguém deve lamentar as perdas. Primeiro, porque os entes queridos que partem primeiro do mundo físico, a ele retornam em espírito, e por incontáveis vezes abraçam e declaram seu amor pelos que ficaram. Por outro lado, esse arrependimento deve ser convertido em relação de afeto e proximidade com os outros que permanecem no mundo material, o que certamente ajudará a superação da perda daquele que se foi.

Para nós, animais, é tudo bem mais fácil. Eu diria que permanecemos habitando o planeta por muito mais tempo que os homens: vivemos, morremos, voltamos sete dias depois, vivemos mais um tempo, morremos

novamente e após sete dias estamos de volta. Não necessitamos de um período longo de purificação, como acontece com os homens, que passam anos do tempo convencional vivendo na condição de espíritos errantes.

Resumindo, os seres humanos que me perdoem, mas devo concluir que o mundo pertence aos gatos. Sendo assim, encerro minha história, na esperança de poder tocar o coração de todos aqueles que puderem lê-la para que, a partir de agora, olhem para os animais com o mesmo olhar de afeto que dirigem a uma criança. Nós também somos frágeis, temos sentimentos, espírito e emoções. Sabemos dar e receber amor. Somos fiéis a tais sentimentos. E, acima de tudo: temos nossa inteligência, ainda não compreendida pelos humanos, mas que se manifesta através de nossa linguagem, única e universal.

Quem sabe um dia os homens possam decifrar o segredo do amor incondicional que une todos os seres do Universo...

Encerro aqui, na esperança de que minha limitada visão felina possa ajudar na busca maior da existência humana, que é a evolução espiritual, alcançada quando os efêmeros objetivos materiais são substituídos pela sensibilidade espiritual que está presente no interior de todos os seres que habitam o planeta.